



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
TEORIA PSICANALÍTICA

Cristina Frederico da Silva

A NOMEAÇÃO NA CLÍNICA DO *SINTHOMA*

Rio de Janeiro
2015

Cristina Frederico da Silva

A nomeação na clínica do *sinthoma*

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angélica Bastos
Grimberg

Rio de Janeiro
2015

A NOMEAÇÃO NA CLÍNICA DO *SINTHOMA*

CRISTINA FREDERICO DA SILVA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

Aprovada por:

Prof.^a Dr.^a Angélica Bastos Grimberg – Orientadora
(UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Ana Beatriz Freire
(UFRJ)

Dr.^a Maria Silvia Garcia Fernandes Hanna
(EBP/AMP)

Prof.^a Dr.^a Nuria Malajovich Muñoz
(UFF)

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Costa de Figueiredo
(UFRJ - IPUB)

Rio de Janeiro
setembro de 2015

F852 Frederico, Cristina
A nomeação na clínica do sintoma / Cristina
Frederico da Silva.
2015.
112 f: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angélica Bastos Grimberg.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria
Psicanalítica, 2015.

1. Psicanálise. 2. Psicoses. 3. Nomeação. I.
Grimberg, Angélica Bastos. II. Universidade Federal
do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 150.195

*À Rafaelinha, que ao longo da tese me presenteou
com seus atalhos e novos arranjos com o simbólico,
em sua descoberta da fala e da escrita.*

AGRADECIMENTOS

A Prof^ª Angélica Bastos pelo respeito ao meu tempo e estilo de escrita, pela precisão e preciosas pontuações.

A Prof^ª Maria Tavares pelo incentivo e possibilidade de me ausentar do Instituto de Psiquiatria da UFRJ para realizar parte de meus estudos no exterior.

A Prof^ª Ana Beatriz Freire e à Prof^ª Nuria Malajovich pelas indicações no exame de qualificação, que estão de algum modo aqui presentes. E que, junto à Maria Silvia G. Hanna e à Ana Cristina Figueiredo, gentilmente aceitaram participar da banca de defesa.

Ao Prof^º Pierre Naveau pela gentileza da co-orientação na Université Paris VIII.

Ao Prof^º Jean-Claude Maleval por ter me recebido em seu *Group de Travail* na Université de Rennes 2 e em seu *cabinet*. Experiência que ainda se deposita.

A Alice e José Luiz por aliviar a burocracia cotidiana.

A Tatiane Grova pela doce revisão e pelo nosso querido apartamento em *Nation*.

A Anna Luiza pela ajuda com o francês e pelos *mojitos*.

A Caio Mattos por revelar as fórmulas secretas de um expatriado.

A Ana Carolina e Ana Claudia pela companhia e por aquele “ventinho no rosto” fundamental nessa jornada que é o doutorado.

A Leo Vinicius pelas conversas para além da psicanálise - o que me possibilita colocá-la à prova.

Aos amigos Joana e Zé Quental por resignificarem a expressão “contar com” durante minha estadia em Paris.

A CAPES pela possibilidade do financiamento de um ano através da bolsa PDSE.

A Andrea Vilanova pela amizade, sonhos e projetos que ainda virão.

A Mariana Mollica, companheira de doutorado e amiga, que juntamente com Vânia Vieira e Daniela Burstyn, fazem das minhas parcerias, as melhores.

Aos meus pais, Valdyr Dias da Silva (*in memoriam*) pela primeira assinatura, e Laiz Frederico da Silva pelo cheiro de Minas e aconchego necessário.

A Marcus André Vieira e Stella Jimenez pela transmissão da psicanálise.

Y miren lo que son las cosas porque, para que nos vieran, nos tapamos el rostro; para que nos nombraran, nos negamos el nombre; apostamos el presente para tener futuro; y para vivir... morimos.

Subcomandante Marcos¹

¹ Pseudônimo do subcomandante do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) que vive nas montanhas de Chiapas, no México. Marcos morreu simbolicamente em 2014 e sua função passou a ser ocupada pelo Subcomandante Galeano – nome dado em honra a um zapatista morto em um conflito. No entanto, Marcos e Galeano são personagens vividos pela mesma pessoa.

RESUMO

FREDERICO, Cristina. *A nomeação na clínica do *sinthoma**. Orientação: Angélica Bastos Grimberg. Rio de Janeiro: UFRJ/IP. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica).

Esta tese visa discutir a operação de nomeação na experiência psicanalítica. Partimos do postulado de que a nomeação é uma forma de estabilização da cadeia significativa distinta da solução clássica edípica. A fundamentação teórica sustenta-se na teoria lacaniana da identificação, do Nome-do-Pai e na teoria do *sinthoma*. Recorremos metodologicamente à casos da literatura psicanalítica e de nossa clínica para situar os diferentes modos de nomeação tanto na neurose quanto na psicose. Para precisar a função de nomeação utilizamos o estudo do nome próprio no ensino de Jacques Lacan; e com a psicose interrogamos a construção de um nome sem a referência ao Nome-do-Pai, e também investigamos o que ela pode nos ensinar acerca da cifra de gozo. Em seguida, as implicações teóricas e clínicas da nomeação são abordadas no campo da fantasia neurótica a partir de um deslocamento da função de identificação pela operação de nomeação. Na base da fantasia é situado o nome de gozo, pois a fantasia permite que localizemos algo da posição objetual do sujeito. Por fim, sob a fundamentação do *sinthoma* como um modo de enlaçamento dos três registros - real, simbólico e imaginário -, apresentamos o sintoma elevado à categoria de nome próprio, destacando não mais o nome marcado pelo Ideal do eu e transmitido pelo Outro, mas um nome que ata o real do gozo e produzido artesanalmente pelo sujeito através de certos elementos da língua. Sustentamos que a função de nomeação ao permitir a localização do gozo serve, sobretudo, para ligar o sujeito ao mundo de um modo próprio.

Palavras-chave: psicanálise; nomeação; nome próprio; *sinthoma*; língua.

RÉSUMÉ

FREDERICO, Cristina. *La nomination dans la clinique du sinthome*. Orientação: Angélica Bastos Grimberg. Rio de Janeiro: UFRJ/IP. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica).

Cette thèse a pour objectif de discuter l'opération de nomination dans l'expérience psychanalytique. Nous partons de l'idée selon laquelle la nomination est une forme de stabilisation de la chaîne signifiante, différente de la solution œdipique typique. Nous nous soutenons sur la théorie lacanienne de l'identification, du Nom-du-Père, et sur la théorie du *sinthome*. Nous avons recours à des cas de la littérature psychanalytique bien qu'à d'autres cas de notre clinique pour situer les différents moyens de nomination dans la névrose et dans la psychose. Pour préciser la fonction de la nomination, nous avons utilisés l'étude du nom propre dans l'enseignement de Lacan; et la psychose sera abordée d'une part pour interroger la construction d'un nom sans la référence au Nom-du-Père, mais aussi pour enquêter ce qu'elle peut nous apprendre sur le chiffre de jouissance. Ensuite, nous allons aborder les implications théoriques et cliniques de la nomination dans le champ du fantasme névrotique, à partir d'un déplacement de la fonction de l'identification par l'opération de nomination. Le nom de jouissance est situé à la base du fantasme, car le fantasme nous permet de localiser quelque chose de la position objectale du sujet. Enfin, sous la motivation du *sinthome* en tant qu'un mode d'enlacement des trois registres - réel, symbolique, imaginaire -, nous présentons le symptôme élevé à la catégorie du nom propre, en soulignant plutôt un nom qui attache le réel de la jouissance et qui est produit artisanalement par le sujet à travers certains éléments de la langue, et non pas un nom marqué par l'Idéal du moi. Nous soutenons que la fonction de nomination sert surtout à relier le sujet au monde d'une façon propre lorsqu'il permet la localisation de la jouissance.

Mots-clés: psychanalyse; nomination; nom propre; sinthome; lalangue.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. DA IDENTIFICAÇÃO AO NOME	18
1.1. IDENTIFICAÇÃO E TRAÇO UNÁRIO	18
1.2. DO PAI FREUDIANO AOS USOS DO PAI	21
1.2.1. O pai é um anel que faz manter tudo junto	23
1.3. O IMPOSSÍVEL DA NOMEAÇÃO	26
1.3.1. O pai como excrescência	27
2. O NOME PRÓPRIO NO SEMINÁRIO 9 DE LACAN	31
2.1. O TRAÇO UNÁRIO É O SUPORTE DE TODO SIGNIFICANTE	31
2.2. A QUERELA DOS NOMES PRÓPRIOS	36
2.2.1. Saul Kripke e a teoria dos designadores rígidos	38
3. O QUE APRENDEMOS COM A NOMEAÇÃO NAS PSICOSES?	42
3.1. A DIFICULDADE DO PSICÓTICO EM SE FAZER REPRESENTAR PELO SIGNIFICANTE	43
3.2. A DIMENSÃO OBJETAL NA PSICOSE	46

3.2.1. Separação e corte	51
3.2.2. Objeto a como lastro	52
3.3. FENÔMENO ELEMENTAR E SIGNIFICAÇÃO PESSOAL	52
3.4. A CAMINHO DO UM?	56
3.5. O NOME COMO ARRIMO	59
4. O NOME DE GOZO EM SUA RELAÇÃO COM A FANTASIA	61
4.1. ENTRE A DESIDENTIFICAÇÃO E O NOME DE GOZO	64
4.2. A MENINA DOS OLHOS DO CHEFE – Caso clínico	66
4.3. A VIA DA REDUÇÃO	71
4.4. PASSE DE SILVIA SALMAN	73
4.4.1. O Caminho dos nomes	74
4.4.2. Quando o sintoma se torna nome	77
5. SABER-FAZER COM LALÍNGUA	81
5.1. NOMEAÇÃO COMO ATO	85
5.2. NOMEAÇÃO COMO SINTOMA	86
5.3. USOS DA LÍNGUA – Fragmento clínico	91
5.4. NOMEAÇÃO COMO FURO	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

INTRODUÇÃO

Por que a nomeação é importante para a psicanálise? Outros saberes como a antropologia, filosofia e linguística interessaram-se sobre o assunto, o que torna imprescindível para a psicanálise tentar decantar e transmitir qual é sua relevância tanto teórica quanto clínica. No entanto, a psicanálise não é nominalista, “o analista, esclareço, de modo algum é nominalista” (LACAN, 1971-72, p.149). Se não somos nominalistas, é no sentido em que os nomes não são representações ou signos de objetos pré-existentes, ou seja, a palavra não pode representar a coisa. Mas, por outro lado, será possível não sermos de algum modo nominalistas? Resta saber o que disso nos interessa. Começemos pelo caminho mais polêmico.

Miller (1996-97) em seu curso *O Outro que não existe e seus comitês de ética* propõe uma decadência da função do Ideal na contemporaneidade, ocasionando um abalo nas figuras de autoridade e uma conseqüente fragmentação das identificações.

Lacan já sinalizava o que ele chamou de fragmentação do Nome-do-Pai e que estamos indo em direção à segregação, isto é, indo em direção a pequenos grupos, fenômenos de fronteira cada vez mais complexos que faz com que fiquemos atentos para uma clínica da multiplicação das possibilidades identitárias (BROUSSE, 2008). E àqueles que não se adaptam ao modo hegemônico, restam-lhe a desinserção e uma certa indiferença aos significantes propostos ou impostos. Por outro lado, justamente por uma dificuldade no processo de identificação na contemporaneidade, tem aqueles que se adaptam mais facilmente através de significantes rígidos que localizam seu gozo como “eu sou deprimido”, “eu sou toxicômano”, “sou bulímica”, “tenho TDAH” etc. É o que Lacan (1973-74) em seu Seminário *Les non-dupes errent* chamou de *nomear para*, um tipo de nomeação sem flexibilidade e sem ponto de vazio que designa uma ordem de ferro do social que se impõe ao sujeito e sobrepõe a uma nomeação paterna. São nomeações que oferecem um lugar no Outro, um efeito de pertencimento, a partir da inserção em pequenos grupos monossintomáticos ou grupos identitários.

Mais recentemente, com alguns casos de nomeações contemporâneas - como é o caso de jovens que se autodenominam “jihadistas”, e que se agregam ao Estado Islâmico - vemos que o sentido dado a esse *nomear para*, proposto por Lacan, é aquele do nome

feito ao estilo *prêt-à-porter* ou colorido pelo “preto-e-branco”, como nos diz Malik (2015) em relação aos “jihadistas”, e que não deixam espaço para um ponto de indecível e muito menos de invenção na nomeação.

Podemos dizer que qualquer classificação tem um ponto de inclassificável, por reconhecermos aí algo do sujeito. É neste sentido que Jean-Claude Milner (2006) indica, ao falar das “classes paradoxais”, que à psiquiatria é permitido construir nosografias, podendo até enumerar sintomas como propriedades caracterizadoras; já a psicanálise deve reconhecer que se trata aí de semblantes, pois

algo para além, subsiste e não está esgotado na classe representável. [...] é que o laço que, segundo toda aparência, é construído pelo nome comum só tem de substância o que separa para sempre os ligados. E, se entendermos estes últimos pelo que os faz se assemelhar, deveríamos estar, ao mesmo tempo, seguros de ter perdido o que, pelo nome, era visado de real. O nome de neurótico, de perverso, de obsessivo nomeia ou finge nomear a maneira neurótica perversa e obsessiva que tem um sujeito de ser radicalmente dessemelhante de qualquer outro (p. 91).

Propomos, então, a cada novo nome produzido visar o sujeito que não se resume à classe. E ao mesmo tempo, articular a artificialidade desta ao que podemos extrair do que lhe é mais estrutural, produzindo uma tensão entre a classe e o sujeito.

A investigação desenvolvida em nossa tese de Doutorado diz respeito à especificidade da noção de nomeação presente no ensino de Lacan, que, a princípio, não sabemos se corresponde a um conceito. Trata-se, inicialmente, de uma noção estreitamente ligada à metáfora paterna. No entanto, nos perguntamos qual seria a novidade em torno dela ao longo das formulações de Lacan e quais seriam as suas consequências clínicas.

O interesse em pesquisar a nomeação surgiu do estudo das psicoses ditas ordinárias² durante a pesquisa de mestrado. Ao apontar diferentes maneiras de lidar com o real, e não ter como modo de organização a referência paterna vinculada ao paradigma edípico, a psicose ordinária se mostrou um campo propício para interrogarmos o próprio

² Psicose ordinária é um termo cunhado em 1998 por Jacques-Alain Miller e utilizado nas Escolas do Campo Freudiano para se referir a um programa de investigação de algumas psicoses, cujo modo de apresentação da fenomenologia psicótica em comparação à psicose clássica é mais sutil e, até mesmo, imperceptível.

estatuto do Nome-do-Pai. Isso porque a psicose ordinária não obedece aos significantes-mestres tradicionais e, em seus arranjos inéditos, evidencia o fim da primazia do Nome-do-Pai enquanto significante único da lei simbólica (BROUSSE 2009).

Partiu desse ponto a proposta de pesquisar a nomeação em uma pesquisa de doutorado. O deslizamento para o tema da nomeação vem, sobretudo, do próprio caso clínico elaborado durante o mestrado, um psicótico que demonstrou ter na construção de um nome a solução para se manter estável na existência. O caso clínico revelou o desejo de aprofundar o estudo deste conceito em uma pesquisa de doutorado.

O estudo da nomeação se justifica, entre outros aspectos, pois ela gera o bastamento da cadeia significante. Uma das funções do Nome-do-Pai é precisamente servir de ponto de basta, costurando significante e significado, simbólico e imaginário. Mais adiante, quando Lacan faz a equivalência entre Nome-do-Pai e *sinthoma*, o Nome-do-Pai enoda simbólico e real, linguagem e gozo.

A relativização do Nome-do-Pai, e sua decorrente pluralização (Lacan 1963), mostra-se útil para pensarmos, em nossa atual pesquisa, tanto os casos de psicose, como também algumas neuroses que colocam em xeque a própria efetividade da intervenção analítica por não estarem bem situados no enquadre edípico. Além disso, nos serve como recurso teórico para discutirmos o ato de nomeação nas análises em geral.

A pesquisa atual delimita o papel da nomeação na experiência psicanalítica, sobretudo, na construção do *sinthoma* e das suplências. Lacan (1975-76) utiliza a grafia *sinthoma* para diferenciá-lo do termo sintoma e denominar uma modalidade de suplência que serviria como o quarto elo do nó borromeano, produzindo uma amarração singular do sujeito a partir dos três registros: real, simbólico e imaginário.

O sinthoma (Le sinthome), cuja grafia inova pela recuperação de uma forma antiga de escrever sintoma em francês, toda uma tradição de jogos de palavras, equívocos e homofonias, que Lacan coloca como operadores da interpretação, é por ele evocada, desde o abandono da forma antiga *sinthome* em benefício da grafia *symptôme*, a forma, digamos, moderna, adotada pela psicanálise até que ele fizesse essa intervenção (BASTOS, 2005, p.355).

Lacan (1975-76) sinaliza a invasão de outras línguas sobre a língua inglesa na escrita joyceana como uma “elação” pelas línguas (p.12) e toma, então, para si algo do que é próprio dessa escrita ao injetar o grego no francês em seu uso da palavra *sinthoma*

(Ibid.). Pretende com isto marcar uma diferença ao considerarmos o sintoma como metáfora, e de concebermos o *sinthoma* como aquele que não se caracteriza por ser uma formação do inconsciente, no sentido de incluir um material recalcado a ser interpretado. Aproxima-se mais da definição de sintoma dada por Lacan em *RSI*: O sintoma é definível como “o modo como cada um goza de seu inconsciente, na medida em que o inconsciente o determina” (LACAN, lição de 18/02/75). Contudo, esta é uma definição do sintoma que se situa como um ponto de passagem em relação ao que será visto em seguida. Como adverte Mandil (2003), toda essa reformulação deve ser examinada com cuidado, pois a distinção impressa por Lacan não configura uma total ruptura entre símbolo e sintoma.

Precisamos em nosso estudo a mudança de estatuto do Nome-do-Pai. Em um primeiro momento, o Nome-do-Pai é o ponto central, simbólico, organizador da cadeia significativa e também o balizador na formalização lacaniana das estruturas clínicas. Com o anúncio da pluralização dos nomes-do-pai na década de 60 por Lacan, e com sua efetiva apresentação na teoria nos anos 70, o Nome-do-Pai perde o lugar central que ocupava até então, e outros elementos são passíveis de ocupar a mesma função antes destinada somente a ele.

Para tal, primeiramente, abordamos as implicações teóricas e clínicas da nomeação em seus desdobramentos em relação ao conceito de identificação e de traço unário. O tensionamento entre o Outro e o processo de identificação se dá na obra de Freud, e no retorno de Lacan ao seu texto, a partir dos laços do sujeito com o pai. Veremos como ao longo das formulações lacanianas, o pai passa a ser reduzido a um nome.

Para circunscrever a função de nomeação, utilizamos no segundo capítulo o estudo do nome próprio no ensino de Lacan. Por que fazer a escolha pelo nome próprio para precisar o tema da nomeação? Primeiramente porque o nome próprio nos apresenta sua função significativa enquanto ponto de amarração diante da série incessante do automatismo de repetição (LACAN, lição de 20/12/61). E essa escolha também nos serve para introduzir a teoria dos designadores rígidos de Saul Kripke, privilegiada por Lacan em sua abordagem do nome próprio.

Acreditamos também que com ele podemos abordar tanto a neurose quanto a psicose, preservando as devidas diferenças. E nos perguntamos porque o nome próprio é tão propício a concentrar equívocos, lapsos e homofonias.

Investigamos a construção de um nome e as vicissitudes da nomeação ao longo do tratamento analítico. Para tal, pesquisamos no terceiro capítulo o campo da psicose com o intuito de aprendermos com ele sobre uma nomeação que não passe pelo sentido dado pelo Nome-do-Pai.

Em seguida, tratamos no quarto capítulo sobre o nome de gozo e sua relação com a fantasia. Para isso, trazemos também um caso clínico no qual é possível discernir alguns nomes de gozo produzidos ao longo do tratamento. Em seguida, trazemos a discussão da construção de um nome no fim de análise através de um testemunho de passe que demonstra a invenção de um significante novo, considerado o nome de *sinthoma*.

Lacan em seu seminário *RSI (1974-75)*, a partir de suas formulações sobre os nós borromeanos, reduz a função paterna em sua função radical: a função de nomeação. E é com ela que seguimos no último e quinto capítulo, juntamente com a reformulação do estatuto da linguagem feita por Lacan nos anos 70, e com uma discussão sobre os possíveis usos da língua para compor uma nomeação. Utilizamos um fragmento de caso de nossa clínica para abordarmos essa discussão.

Abre-se, então, o caminho para a reformulação da teoria do sintoma presente no Seminário 23, *o sinthoma*, que tomaremos como fonte privilegiada de nosso estudo, justamente por Lacan (1975-76) iniciar aqui um novo uso do nó, que ali já estava, mas passa a fazê-lo de forma diferente. Ou seja, passa a uma clínica das suplências com a afirmação do quarto elo. Lacan demonstra, neste seminário, com o uso da topologia dos nós, a possibilidade de que um suplemento possa vir a enlaçar as três dimensões da experiência humana - real, simbólico e imaginário - e através do caso de Joyce evidencia o chamado “fazer-se um nome”, isto é, uma amarração própria via construção de um nome que prescinde do Nome-do-Pai, mas, no entanto, se serve dele. Prescindindo da análise, veremos em Joyce um percurso para fazer-se um nome a partir de sua escrita, pois será precisamente esse trabalho de escrita, e sua publicação, que proporcionará Joyce fazer um tratamento do nome. Elegemos, portanto, este momento do ensino de Lacan por considerarmos que a entrada dos nós borromeanos muda radicalmente o modo de conceber a nomeação. Essa é uma hipótese de trabalho.

1. DA IDENTIFICAÇÃO AO NOME

1.1. IDENTIFICAÇÃO E TRAÇO UNÁRIO

Lacan fundou, em sua releitura de Freud, o conceito de sujeito do inconsciente, que marca a divisão constitutiva decorrente da entrada na linguagem. Para termos acesso ao campo da linguagem e do Outro, impõem-se uma identificação primordial, além de uma série de identificações suplementares. O sujeito se divide, pois ele não pode dizer sobre o ser do sujeito. Resta ficar entre um significante e outro e buscar identificações suplementares que venham recobrir sua divisão. Freud foi pioneiro ao destacar que não há unicidade do sujeito, senão uma superposição de identificações. O sujeito não é, portanto, idêntico a si mesmo.

Interessa-nos aqui pesquisar a identificação como sendo um atributo do Outro, mais precisamente, extrair o papel do Outro na identificação. Mas, somente na medida em que ele possa nos ajudar a pensar a incidência do traço unário³ e, sobretudo, o nome próprio, formulado por Lacan em seu Seminário sobre a identificação, como veremos mais adiante.

O sujeito recebe do Outro, como campo da linguagem, o traço unário, que é uma marca considerada o núcleo do ideal do eu. É uma insígnia do Outro que, no entanto, é recolhida pelo sujeito e permite que ele se conte como um.

A relação necessária com o Outro no processo de identificação é marcada desde o início, quando Freud (1921) afirmou que “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (p.133). O intrigante dessa primeira ligação afetiva é o fato dela ser anterior à escolha de objeto – por isso, ela é considerada uma identificação direta e imediata, uma espécie de matriz de todas as outras identificações que estariam por vir. Freud (1923) seguiu adiante no enigma e afirmou que essa primitiva ligação desempenha um papel na pré-história do

³ Buscaremos tratar os conceitos de identificação e de traço unário em Freud, mas não o que em Freud corresponde em Lacan, pois isso seria toda uma tese. Somente evocá-los em Freud no intuito de clarear nossa abordagem do nome próprio.

complexo de Édipo. A partir dessa primeira identificação primordial, chamada por Freud de identificação com o pai⁴, ele se utilizou de um tempo mítico – de acordo com um estado inaugural da relação libidinal –, além de um tempo retroativo. Trata-se de uma identificação ambivalente desde o início, pois deriva da fase oral, na qual, segundo Freud, o objeto que é prezado também é devorado. A satisfação da criança no seio foi diferenciada da identificação canibal, pois Freud atribuía a primeira ao registro do narcisismo e não à relação com o Outro. A difícil apreensão da identificação primordial está justamente por ela ser prévia à escolha de objeto e, ao mesmo tempo, ter uma ligação com o Outro. Além do mais, como vimos, por ter o caráter mítico de uma incorporação canibal. Se falamos de incorporação nesse ponto é porque deve se produzir algo no nível do corpo, conclui Lacan (lição de 28/03/62).

Vejamos, então, o que nos diz Éric Laurent (2003a) sobre a elaboração freudiana da incorporação:

A identificação primeira é uma incorporação canibal, *Einverliebung*. Nesse contexto, o corpo do Outro é uma mediação necessária. O Nome-do-Pai, para Freud, se processa através de uma representação metapsicológica concreta que não é outra além daquela de um laço necessário entre identificação e corpo, pela incorporação. (p.38)

Laurent faz uma referência à refeição canibal trazida por Freud em *Totem e Tabu*, em que se incorporavam partes do corpo do pai – que era tanto líder quanto inimigo, por possuir todas as mulheres –, e destaca daí uma curiosa representação do Nome-do-Pai, vale notar, como um laço entre identificação e corpo. Demonstra também de qual marca de gozo se trata no Nome-do-Pai através da identificação primordial – uma marca com valor de insígnia.

Como destacou Miller (1998) em seu Curso *Os signos do gozo*, a insígnia na identificação primordial implica um paradoxo, pois destaca duas identidades do S_1 , isto é, sua identidade como insígnia sozinha, e sua identidade como articulação. No caso da identificação primordial, a função da insígnia deve ser circunscrita por dois termos: primeiro pelo termo 1, o S, inclusive o I do Ideal do eu, que é a marca do traço unário. E, em segundo lugar, temos o *a*, que mostra que a insígnia não é somente traço unário, mas

⁴ Esse ponto é um tanto controverso. Pode ser lido como o pai da horda, ou incluir a possibilidade da identificação primordial ser com os pais, como assinalou Freud em uma nota de rodapé. Nela, Freud afirmou que a criança, antes de ter a referência da diferença entre os sexos, não faz distinção entre o valor do pai e da mãe. E diz ter optado pela identificação com o pai somente para simplificar sua apresentação. Cf. Freud, 1923, p.45.

traço unário mais o objeto *a*. Dito de outro modo, na insígnia o significante não vai sem carregar o gozo, e é lido através do par ordenado $S_1 a$.

A segunda espécie de identificação, tal como ocorre na estrutura do sintoma neurótico, é aquela que provém do complexo de Édipo. Freud nos deu o exemplo da moça que toma um traço do sintoma da mãe – uma tosse incômoda – por ter a vontade hostil de ocupar seu lugar, e passa a se identificar com a mãe, mesmo que seja por seu sofrimento. Outro exemplo de identificação ao sintoma dada por Freud foi pela identificação que se opera a partir do objeto amado – o pai. O exemplo clássico é o de Dora, que passa a imitar a tosse do pai. Isso implica dizer que nessa identificação ao sintoma, a escolha de objeto regride para a identificação e o *eu* assume as características do objeto perdido. Porém, nesses casos, a identificação é “parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela” (FREUD, 1921, p.135). O outro é, então, reduzido ao traço único – o *einzigster Zug* freudiano. É nesse ponto da segunda identificação, a partir dos dois casos de formação de sintoma histérico construídos em torno do traço único, que Lacan vai extrair o que ele denomina traço unário (*einzigster Zug*).

Lacan (1961-62) lembra que o investimento objetal abandonado, que regride para essa segunda espécie de identificação, resta como marca inconsciente. Haveria certo abandono, e apenas por isso a identificação, que pareceria a princípio de caráter contingente, tem a ver com o traço do objeto abandonado. É o que nos diz Freud (1923): “O eu é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto” (p.43).

A terceira identificação é a chamada identificação histérica e é exemplificada pelas moças do pensionato. Uma delas recebe uma carta de amor que a leva a chorar, e uma colega do internato produz a mesma crise de choro por contágio. Trata-se de um outro modo de formação de sintoma. Aqui, não temos a relação de objeto com a pessoa cujo traço foi recolhido, isso é indiferente, diz Freud. Não é necessário amar ou odiar o objeto, pode ser qualquer pessoa, o importante é o que lhe acontece e a capacidade de se colocar na mesma situação da pessoa copiada – assim opera seu mecanismo.

Lacan (lição de 20/06/62) reúne as três formas de identificação ligadas a uma espécie de ponto de convergência. Assim, ele possibilita uma leitura da primeira identificação a partir da segunda, diluindo um pouco a dificuldade em apreendermos o que seria a identificação primordial – aquela que vai permanecer na “borda” (Ibid.), independentemente de nossas tentativas de representá-la. E, ao mesmo tempo, estreita o

laço do traço unário à sua relação com a estrutura edípica. Portanto, teríamos notícias da primeira identificação por uma ressignificação da segunda, e só poderíamos falar de pré-história caso a história, ligada ao complexo de Édipo, se inscreva no sujeito. Resta, então, como questão de que modo podemos falar de identificação primordial quando nos referirmos aos sujeitos que não possuem a referência edípica.

Por fim, é importante notar que na leitura de Lacan sobre o texto freudiano, o espesso pai da identificação primeva é reduzido a um traço: “Lacan submete o pai, em sua massividade pouco manejável e de difícil localização, a uma redução ao traço, a esse *einzigster Zug* do pai que é **nome**” (LAURENT, 2003a, p.61, grifo nosso).

1.2. DO PAI FREUDIANO AOS USOS DO PAI

[...] é entre o significante de nome próprio de um homem e aquele que o abole metaforicamente que se produz a centelha poética, ainda mais eficaz aqui, para realizar a significação da paternidade, por reproduzir o evento mítico em que Freud reconstruiu a trajetória, no inconsciente de todo homem, do mistério paterno.

J. Lacan⁵

Ao se buscar o que é nomeação, o primeiro elemento para obter resposta não foge do que é a grande nomeação no ensino de Lacan: a nomeação do Pai. A formalização do conceito de Nome-do-Pai, em seu estatuto simbólico e com letras maiúsculas, ocorre no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (LACAN, 1957-58a). Lemos aí um percurso em relação à função paterna trazido de outros Seminários, como o das psicoses, além de articulações sobre essa função a partir do sintoma na neurose, e sua especificidade na psicose. Todo esse trajeto se condensa na fórmula da metáfora paterna, que possui a lógica da estrutura da linguagem e de seu funcionamento: Lacan retoma e reescreve o algoritmo saussuriano, revelando a primazia do significante sobre o significado, e resgata a contribuição de Jakobson à linguística, que formaliza a produção de sentido por intermédio da metáfora e da metonímia.

⁵ “Instância da letra ou a razão desde Freud” (1957).

O Nome-do-Pai é o instrumento da metáfora paterna que vem ordenar a estrutura neurótica, na qual o sujeito é definido pela castração. Dentro da lógica edípica, a inscrição simbólica da lei paterna no Outro produz uma perda de gozo, que limita o acesso irrestrito à mãe e se traduz como falo – símbolo da falta.

Lacan (1957-58b) aborda em três tempos lógicos, trazidos aqui de forma sucinta, as etapas de constituição do sujeito na neurose: no primeiro tempo do Édipo, a criança identifica-se com o falo, objeto de desejo da mãe. A questão que se coloca é em termos de ser ou não ser o falo (Ibid., p.197). A primazia do falo já está instaurada, mas o que a criança assimila do Nome-do-Pai ainda é incipiente. A mãe é, aqui, o Outro não marcado pela falta. Segue-se um segundo tempo, em que se inscreve a operação simbólica da lei da castração, a lei do pai. A criança a recebe como aquela que priva imaginariamente a mãe. O pai, enquanto significante, como terceiro termo entre a criança e a mãe, se interpõe, produzindo uma separação, um corte. Com isto, o Outro do sujeito se constitui como lugar da lei e instaura-se, assim, uma falta simbólica. A mãe, submetida à lei do pai, reenvia o seu desejo e revela a sua falta. O desejo passa a ser posto em termos de ter ou não ter o falo e o pai se revela como aquele que o tem. Estamos, então, no terceiro tempo.

Abre-se o caminho das identificações, e a criança busca o falo no pai, suposto detentor do objeto desejado. Mas, como o objeto está alhures, o menino se identifica com o pai como ideal do eu, e busca, como ele, ter o falo. Assim, o complexo de Édipo se declina. A menina, por sua vez, toma o pai como objeto de amor, e buscará o que sabe não ter.

O essencial que Lacan extrai da função paterna é que o sujeito tenha apreendido a dimensão do Nome-do-Pai e dele tenha se servido (Ibid., p.163).

A metáfora paterna apresenta uma releitura do Édipo freudiano, da teoria da castração e de *Totem e Tabu* (1912-13), em que Freud apresenta a instauração da lei e enfatiza o fato do pai ser uma metáfora situada no inconsciente. O pai surge como representante da lei de proibição do incesto, a partir do assassinato do pai primevo, detentor de todas as mulheres. Com seu assassinato e a instauração da lei, o sujeito pode participar do mundo simbólico. O pai simbólico, como aquele que significa essa lei, é o “pai morto” (LACAN, 1957-58a, p.563). O pai como operador da metáfora paterna é um nome, o pai morto, na medida em que é mortificado pela linguagem. O lugar primordialmente simbolizado da ausência da mãe é apresentado na metáfora paterna pelo significante do Desejo da Mãe, sendo este um enigma.

Enquanto operação simbólica, com incidência de recalque, na qual ocorre uma substituição significativa, o Nome-do-Pai na metáfora paterna nomeia o vazio enigmático do Desejo da Mãe⁶ como sendo o falo. Significado criado retroativamente pela metáfora paterna como resposta ao desejo enigmático da mãe, a significação do falo localiza o gozo da mãe e proporciona ao neurótico uma medida comum, uma realidade possível de ser compartilhada com seus semelhantes.

$$\begin{array}{l} \text{Nome-do-Pai} \\ \text{Desejo da Mãe} \end{array} \cdot \begin{array}{l} \text{Desejo da Mãe} \\ \text{Significado para o sujeito} \end{array} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\begin{array}{c} \text{A} \\ \text{Falo} \end{array} \right)$$

A função da metáfora se faz pela substituição de um significante por outro, em que um assume o lugar do outro na cadeia significativa, enquanto o “significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia”, e o resultado disso é um efeito de significação (LACAN, 1957, p.510). Um dos efeitos da significação fálica é o de moderar a intrusão do gozo.

É importante assinalar que o falo, na operação da metáfora paterna, é visto como significante. O falo como resposta àquilo que a mãe deseja, ao mesmo tempo em que encobre uma falta, a revela como falta no Outro. Diferente do falo imaginário (ϕ) do primeiro tempo do Édipo, que tenta completar a mãe, ao tornar-se significante, o falo imaginário aparece negativizado ($-\phi$) pela castração, e revela a falta-a-ser do sujeito (LACAN, 1957-58a).

O que define a condição do sujeito, tanto na neurose quanto na psicose, depende do que se desenrola no Outro. O Nome-do-Pai, ao se inscrever no Outro, possibilita que este se torne o lugar do inconsciente. O Outro deixa de ser absoluto e o sujeito se implica nisso, podendo formular no Outro a questão relativa ao sexo e à sua existência (Ibid.).

1.2.1. O pai é um anel que faz manter tudo junto

⁶ Veremos mais adiante que dessa operação de nomeação restará algo enigmático como desejo do Outro.

Lacan faz uso da oposição do significante e do significado retirada da teoria linguística de Ferdinand de Saussure. Destaca a primazia do primeiro sobre o segundo: “O significante não faz apenas dar o invólucro, o recipiente da significação, ele a polariza, a estrutura, a instala na existência” (LACAN, 1955-56, p.295). Diante do algoritmo S_1/S_2 , Lacan evidencia a barra na relação do significante sobre o significado e, com isso, indica a resistência da significação (LACAN, 1957, p.519).

Ao tentar dar conta do que estabilizaria a relação entre significante e significado, Lacan (1955-56) destaca o Nome-do-Pai como aquilo que serve de ponto de basta ao organizar a cadeia significante, pois ele ata um significante ao outro entre a “massa sempre flutuante das significações” (p.303), fixando um sentido. Nessa via, a função atribuída ao Nome-do-Pai não só produz um sentido, mas serve de ponto de estofó, ao deter o deslizamento contínuo do significado sobre o significante.

O ponto de basta é retirado por Lacan da técnica do estofador. Nesta, é preciso que em algum ponto o tecido de um lado se prenda ao tecido do outro. Lacan (1957, p.17) oferece o exemplo da frase, pois, quando a iniciamos, antecipamos uma significação e o seu sentido lhe vem só depois, retroativamente, no momento de sua conclusão.

Segundo Vidal (2005), o Nome-do-Pai presentifica a função diacrônica do ponto de basta, denominada por Lacan como uma pontuação. Diante de um texto contínuo, é exigido do leitor que o pontue com inscrição de vírgulas, pontos etc. Já o Nome-do-Pai, enquanto ponto de basta sincrônico, produzido metaforicamente, é o “significante da lei que dá conta das atribuições autorizadas, das nomeações legítimas”. Este é um conceito, portanto, que envolve a teoria da nomeação (Ibid., p.124).

O Nome-do-Pai é um efeito de linguagem, e sabemos que a função paterna não se reduz à pessoa do pai. Elegemos, a seguir, uma definição sobre essa função presente na década de 50:

O pai não tem função alguma no trio, exceto a de representar o portador, o detentor do falo – um **ponto**, é tudo. [...] Isto é tão fundamental que, se tentarmos situar num esquema o que faz manter-se de pé a concepção freudiana do complexo de Édipo, não é de um triângulo pai-mãe-criança de que se trata, é de um triângulo **(pai)-falo-mãe-criança**. Onde estará o pai ali dentro? Ele está no **anel que faz manter tudo junto**. (LACAN, 1955-56, p.358, grifo nosso)

O pai situado como “ponto”, “anel que faz manter tudo junto”, nos permite estabelecer a ponte para o ensino posterior de Lacan sobre os nomes-do-pai, que trataremos de forma mais próxima no capítulo 5. Deste modo, a função de amarração do nome⁷ como um quarto elemento é o que aproximará um contexto do outro.

A função a que estamos nos referindo seria a função fálica? A função paterna que une lei e desejo? Ou podemos considerar o pai de modo ampliado, como aquele que nomeia e, assim, oferece coordenadas mínimas para a realidade tanto para o neurótico quanto para o psicótico? Lacan (1957-58a) abre a possibilidade para a relativização do Nome-do-Pai ao propor, no caso Schreber, o uso da metáfora delirante como elemento estabilizador, que viria suprir a falta do Nome-do-Pai e, ao mesmo tempo, proporcionaria de alguma forma a função de bastreamento, mesmo que temporário ou de forma instável.

Podemos acompanhar, no ensino de Lacan, as diferentes reformulações da teoria da função do Pai, as quais, de algum modo, caminham lado a lado com as reformulações da teoria do sintoma em psicanálise. Se, para Freud, o Édipo era uma solução, para Lacan tornou-se um problema a ser enfrentado. Na década de 50, compreendida como a primeira parte de seu ensino, Lacan dedicou-se a reler e reinterpretar o Édipo freudiano, o que lhe permitiu construir a clínica diferencial psicanalítica. E foi a partir do forçamento dos efeitos e exigências da clínica que o Édipo, enquanto Nome-do-Pai, passa a ser um problema para a psicanálise. Repensar alguns fundamentos da teoria psicanalítica, como a articulação do drama edípiano com as funções do Nome-do-Pai em sua relação com a lei e com gozo, passa a ser necessário. As formulações vindas a partir daí permitiram a Lacan, em seu *Seminário 17, o avesso da psicanálise*, tanto rever a relação do Nome-do-Pai com o gozo, quanto, mais adiante, pluralizar os nomes-do-pai e nos levar a pensar que o Nome-do-Pai não existe, pois trata-se somente de um predicado, o que nos possibilitou fazer uso de sua propriedade, de sua função, e não dele em si.

Todas essas reformulações acerca do Édipo e do Nome-do-Pai oportunizaram, mais recentemente, que a clínica diferencial fosse repensada, ao se diminuir a rigidez de uma clínica binária entre neurose e psicose, pois as ferramentas teóricas utilizadas até então criavam uma fronteira espessa entre neurose e psicose, e não se mostravam efetivas nos tratamentos. A própria noção que a psicanálise faz da família no mundo

⁷ O sintagma Nome-do-Pai é formado por palavras em letras maiúsculas conectadas por hífens, o que ressalta, segundo Vidal (2005), a unidade entre nome e pai.

contemporâneo também atualmente está sendo revisitada. A lei estaria do “lado do Nome-do-Pai ou no seu para-além, quer dizer, na relação do sujeito com o gozo?” E a direção do tratamento deveria “ser pensada nos termos do Complexo de Édipo ou na perspectiva do *sinthoma*?” (FAJNWAKS, 2013, p.1).

Uma das questões que serão postas mais adiante nas formulações de Lacan acerca do pai é de como produzir o ponto de basta⁸ sem ter a garantia do Nome-do-Pai ou da substituição metafórica para estabilizar a cadeia significante. A pluralização dos nomes-do-pai virá somente em momento posterior de seu ensino, pois com ela irá se demarcar um redimensionamento dentro da teoria lacaniana – ela que se prestará a importante ferramenta clínica nas análises de neuróticos e psicóticos. As consequências dessa mudança na teoria e sua aplicação na clínica oferecem instrumentos fundamentais para afinar a escuta do analista diante do psicótico, ao ajudá-lo a encontrar um nome que faça suplência frente ao furo inerente da estrutura da linguagem, levando à estabilização. No caso do neurótico, ele poderá, em análise, passar do nome que lhe é atribuído ao nome que lhe é próprio, por exemplo. O pai apresenta, então, o seu valor de uso.

1.3. O IMPOSSÍVEL DA NOMEAÇÃO

Se o estudo da nomeação se justifica, por um lado, porque ela é o que gera o bastamento, por outro, sua própria natureza não barra todo o gozo, não dá conta de abarcar o real a partir do simbólico. Assim, podemos dizer que o Nome-do-Pai estruturalmente fracassa, desde o recalque freudiano. A metáfora paterna opera instituindo um gozo domesticado pelo significante, localizando o gozo dentro de uma lógica fálica que retorna nas zonas erógenas, mas o Nome-do-Pai não consegue nomear todo o real, todo o gozo em jogo no Desejo da Mãe. A metáfora paterna apresenta, então, os limites e a impossibilidade do simbólico em sua apreensão do real.

O Nome-do-Pai é tratado por Lacan de forma paradoxal até mesmo em seus primeiros Seminários. Ao afirmar que na psicose é necessário “suprir” a falta do significante Nome-do-Pai, significante da lei que “existe” no Outro (LACAN, 1957-58), o significante se apresenta aqui como a garantia da existência do Outro. Em outro momento, Lacan (1955-56) aproxima o Nome-do-Pai ao Papai Noel: “[...] todos vocês

⁸ Alexandre Stevens propõe utilizar o nome de ponto de ancoragem (*point d'ancrage*) para outros casos, como o das psicoses. Cf. Stevens, 2000.

estão, e eu mesmo com vocês, inseridos nesse significante maior que se chama o Papai Noel” (p.361). A ironia de Lacan anuncia o que se apresentará mais tarde em seu ensino, a saber, que não há significante que garanta a verdade do Outro (1960a), que o Nome-do-Pai é um semblante, uma construção do neurótico.

Afirmar que falta estruturalmente ao Outro um significante, que o Outro não traz a garantia do significante último, da palavra final, produz uma mudança no modo de conceber o Nome-do-Pai. Para Lacan, o Nome-do-Pai, desde o início, encontra-se inserido no campo da linguagem e lhe serviu para traduzir a mortificação do pai freudiano pelo significante. Diante da inconsistência do Outro, Lacan (1960a) destaca que o pai de *Totem e Tabu*, cujo assassinato instaura a lei, não transmite nenhuma mensagem, de tal maneira que sua função se iguala a um significante sem significação. A referência à morte do pai da horda primeva vai em direção a um Outro marcado por uma hiância (MALEVAL, 2009).

Nesse mesmo sentido, a tese da “foraclusão generalizada” (MILLER, 1998), em que é suposto, a partir do ensino de Lacan, um modo generalizado de foraclusão na própria estrutura da linguagem, constrange o ser falante a ter que se haver com um impossível de nomear – utilizando, para isto, o sintoma. Nessa concepção, a não inscrição de um significante deixa de ser exclusivamente o acidente causador da psicose, a foraclusão se generaliza, e, por ser própria à estrutura da linguagem, atinge a todos os seres falantes. Diante desse furo estrutural, os nomes-do-pai⁹ podem se apresentar como significantes suplementares que tentam velar o impossível de dizer.

Retomando a referência ao Édipo, o pai simbólico tem para si a função de delimitação de um impossível e, por isso, fracassa em seu intuito de significar o Desejo da Mãe. O objeto *a* condensa o gozo que escapa ao processo de metaforização, indicando o fracasso da operação. Mas, porque ela falha é que também podemos encontrar sua operatividade, justamente como resto ou como excrecência.

1.3.1. O pai como excrecência

O pai simbólico se apresenta instaurando um ponto vazio, ponto de fuga. O pai morto de *Totem e Tabu*, ao instaurar um ponto vazio, nos faz crer em alguma coisa

⁹ A pluralização dos nomes-do-pai no ensino de Lacan será vista mais detidamente no capítulo 5 da presente tese.

acima de nós que nos orienta e também nos une de forma transcendente. No entanto, Lacan dirá que ele não é somente um lugar vazio, lugar do pai morto, no qual se funda a lei, mas que o resto de seu gozo também nos ronda. Esta exceção encarnada como excesso, e não como vazio, é o objeto *a* (VIEIRA, 2004).

Por mais que consideremos a função paterna ligada ao Édipo e ao Nome-do-Pai como aquela que destina os lugares para o gozo, limitando-o e regulando-o, a clínica nos mostra que não podemos nos livrar do gozo atribuindo-o ao Pai ou ao mestre. O significante paterno não regula todo o gozo e, assim, ele surge como uma verdade dissociada de saber. São as experiências de satisfação da pulsão, de gozo, que nos dão notícias na clínica dessa dissociação entre o saber de um lado e a verdade do outro. Brousse (2003) nos oferece o exemplo dessa separação a partir do que diria o obsessivo diante de seu sintoma ou ritual: “eu sei que é absurdo, mas eu não consigo me impedir”, ou “eu sei bem, mas não adianta, a verdade está no meu sintoma” (p.41). E, com a análise estrutural dos mitos freudianos – o Édipo, “Totem e Tabu” e “Moisés e o Monoteísmo” –, Lacan nos mostra a função do Nome-do-Pai e suas relações com a castração, o saber e a verdade, ligados ao gozo impossível na linguagem.

Lacan recusa-se, em seu *Seminário, livro 17, o avesso da Psicanálise* (1969-70), a tratar do tema da origem, e faz uma análise estrutural dos mitos em Freud, reduzindo-os a uma fórmula: Pai morto (Nome-do-Pai) é equivalente à condição de gozo. “O mito do Édipo, no nível trágico em que Freud se apropria dele, mostra precisamente que o assassinato do pai é a condição do gozo” (LACAN, 1969-70, p.113). Nessa mesma via, afirma anteriormente ter abordado o complexo de Édipo somente através da metáfora paterna. Segue-se a isso uma crítica ao pai que nos é apresentado por Freud como o pai da horda, o que gozava de todas as mulheres, pois, segundo Lacan, é um pai sobre o qual não temos o menor rastro. Falar do pai da horda como Pai só é possível após seu assassinato, antes disso havia somente “orangotangos” (Ibid., p.105).

Freud estabelece na articulação freudiana de *Totem e Tabu* (1912-13) os determinantes da origem da lei e da entrada na cultura. O gozo precederia a lei e, com o assassinato do pai, a lei é instaurada fundando uma sociedade de irmãos para os quais o gozo é interdito. Sabemos que o mito fala da origem, então, ele sempre cairá em algumas aporias e impossibilidades lógicas. Como poderíamos falar em ato parricida dos filhos contra o pai primevo em *Totem e tabu* se o ato somente é considerado a partir de

coordenadas simbólicas, e aqui o simbólico, a lei, se instaura só depois do assassinato? Assim só podemos, nesse caso, falar em ato *a posteriori*.

Sustentar que o pai interditor do gozo é o pai morto, que tem o gozo sob sua guarda, já aponta para uma impossibilidade, há um ponto de indecidível quando falamos do mito. Pai morto aqui equivale ao gozo, diferente do que vimos do pai nos anos 50, em que o pai morto é um nome esvaziado de gozo, na medida em que é mortificado pela linguagem. Assim, a junção do pai morto com o gozo se apresentará a Lacan como sinal do impossível, e é assim que ele define, neste momento de seu ensino, a categoria do real:

Que o pai morto seja o gozo, isso se apresenta a nós como sinal do próprio impossível. E é nisso mesmo que reencontramos aqui os termos que defini como aqueles que fixam a categoria do real, na medida em que ela se distingue radicalmente, no que articulo, do simbólico e do imaginário – o real é o impossível. (LACAN, 1969-70, p.116)

Lacan reconhece, então, para além do mito do Édipo, um operador estrutural e agente da castração – o pai real. Dentro dessa perspectiva, podemos dizer que Lacan estaria dando uma dimensão real ao Nome-do-Pai?

Desde que consideremos que a metáfora paterna fracassa, em algum ponto, em circunscrever o gozo do Outro, podemos dizer, como vimos anteriormente, que há algo no pai freudiano que excede a sua função de pai morto e que se apresenta como excrescência – o que, segundo A. Badiou (1996), toca o excesso. Um bom exemplo desse gozo que excede seria o fantasma do pai.

A metáfora paterna, ao implicar um resto – e não só o falo, como produto da operação simbólica –, vem fazer obstáculo à imagem do pai ideal, que, por isso mesmo, é recalçado e posto de lado pelo neurótico. A codificação do gozo não pode ser completa, da mesma forma que a relação sexual também não pode ser integralmente codificada. Que destino dar a este resto diante das novas formulações no ensino de Lacan?

Como, na abordagem do pai real, a direção não é a via do ideal, é possível que o sujeito venha consentir com o que se apresenta como a falha do pai. No percurso da análise, a verdadeira causa de seu desejo talvez pudesse ser trazida à cena, mas esta verdade só poderá ser semi-dita (LACAN, 1969-70, p.102), atestando que sempre haverá pontos de opacidade no saber e disto dependerá o sucesso da operação. Não é

sem razão que reencontramos repetidamente o pai imaginário quando tratamos do pai real, justamente porque este último nos escapa, diz Lacan:

A posição do pai real tal como Freud a articula, ou seja, como um impossível, é o que faz que o pai seja imaginado necessariamente como privador. Não são vocês, nem ele, nem eu, que imaginamos, isso vem da própria posição. De modo algum é surpreendente que reencontremos sem cessar o pai imaginário. É uma dependência necessária, estrutural, de algo que justamente nos escapa, o pai real. E o pai real, está fora de cogitação defini-lo de uma maneira segura que não seja como agente da castração. (LACAN, 1969-70, p.121)

É pela incidência do significante que a operação real é introduzida, trata-se da fenda que indica não haver relação entre os sexos. E não há causa do desejo, segundo Lacan, que não seja produto dessa operação de castração tendo como agente o pai real (LACAN, 1969-70). “Um pai, portanto, nesse viés, é próprio ao desejo e transmite não só o falo como objeto desejado, mas ainda um uso vivo e particularizado do objeto *a*” (LAIA, 2006, p.56). O pai significante será aqui convertido em modelo da função de exceção – o que é bem diferente de se tomar pela exceção. Assim, o pai só poderá transmitir a castração se ele mesmo for marcado por ela. A elaboração sobre o pai real, juntamente com a pluralização dos nomes-do-pai, servirá de base a Lacan, mais adiante em seu Seminário *RSI* (1974-75), para nos apresentar a possibilidade de se construir uma versão para o gozo do pai (*père-version*). Caberá, então, a cada um a questão do que fazer com isso que resta de inominável da operação paterna. Será preciso saber-fazer aí (*savoir-y-faire*), a cada vez (Ibid.).

2.

O NOME PRÓPRIO NO SEMINÁRIO 9 DE LACAN

Lacan (1961-62), no Seminário sobre a identificação, parte do traço unário (*einzigster Zug*, de Freud) trabalhado desde o seu primeiro seminário, e, mais especificamente, em seu seminário anterior¹⁰, para desenvolver seu conceito de identificação. Faz uso, sobretudo, do traço unário da segunda identificação freudiana – em que, como vimos, o sujeito recolhe um traço do sintoma do Outro para se identificar de forma regressiva, o que pressupõe a perda do objeto. Através do traço unário, a função do Ideal do eu é abordada.

Ao mesmo tempo em que o traço unário é o que permite ao sujeito se identificar com o outro, é também aquilo que possibilita marcar sua diferença. Um traço distintivo, desde que haja apagamento das distinções qualitativas entre eles, ou seja, ele é “justamente mais distintivo quanto está apagado quase tudo que ele distingue, exceto ser um traço” (LACAN, lição de 13/12/61). É nesse sentido que Lacan nos apresenta o automatismo de repetição, que é o que se “perfila à sombra do ‘trauma’” através de um significante¹¹ que serve de ponto de amarração para o sujeito (LACAN, lição de 20/12/61) e que o leva ao estudo do nome próprio.

2.1. O TRAÇO UNÁRIO É O SUPORTE DE TODO SIGNIFICANTE

Lacan (1961-62), em seu *Seminário 9*, não tratará a identificação a partir da relação com o outro imaginário, e sim pretende enfatizar a sua vertente no campo do Outro, através da relação do sujeito com o significante, destacando a dependência da identificação pelo significante. É nessa via que enfatiza a noção do idêntico, do mesmo, da igualdade $A=A$. E logo situa a dificuldade dessa assertiva: se eles são iguais, por que separar o A dele mesmo e depois aproximá-los novamente?

A identidade só pode ser buscada no que se designa em uma reduplicação de si mesmo. Assim, a experiência de falar de si se dará somente a partir da experiência do

¹⁰ Em seu seminário sobre a transferência (*Seminário 8*), o traço unário vem do Ideal do eu. Em boa parte deste seminário, Lacan o denominava de traço único. Somente no final, passou a chamá-lo de traço unário.

¹¹ Trata-se, aqui, da relação do significante puro, ou do significante enquanto função de letra, na medida em que ele não significa nada. Quanto a isso, Lacan (1961-62) assinala em seu Seminário sobre a identificação que a letra é a essência do significante.

mesmo, desde que traga algo da repetição. Mas, qual seria a necessidade da reduplicação do A se eles são o mesmo?

A abordagem lacaniana do $A=A$ se situa em uma experiência de fala, juntamente com seus equívocos e ambiguidades. A linguagem, como campo do Outro, introduz no tema da identificação um caráter de exterioridade à igualdade $A=A$. Assim, a experiência de falar de si traz consigo o caráter exterior da linguagem que se presentifica na reduplicação do A. O mesmo carrega com ele a diferença, ou seja, o traço que o sujeito recolhe do outro também servirá como marca diferencial em relação a este outro.

Na impossibilidade de dizer toda a verdade, o Outro é o lugar para o qual o sujeito transfere sua busca de saber. A suposição de saber é fundada e o Outro, como lugar do inconsciente, mostra-se como depositário dos “representantes da representação” da suposição de saber (LACAN, lição de 15/11/61). Este ponto nos parece importante para a investigação acerca da identificação e do traço unário, pois algo que se transfere para o analista, aqui chamado de representante da representação, permanecerá “latente”¹² ao longo da análise e nos dirá algo sobre o nome próprio do sujeito.

Somente quando o $A=A$ for colocado em questão que podemos avançar no tema da identificação. A identificação, diz Lacan (1961-62), não tem nada a ver com a unificação, é a partir do “1” como diferença que podemos ver o significante se constituir. O traço unário, *einzigiger Zug* freudiano, é o que tem de comum em todo significante, pois o significante é constituído como traço e o tem como suporte material. Não podemos dizer que o traço unário é propriamente um significante, pois ele está isolado¹³ e só poderia falar em significante na relação com outro significante. No entanto, ele é o seu suporte.

O traço unário é capaz de suportar a cadeia significante simplesmente por ser desprovido de todo conteúdo subjetivo e qualitativo que desfaça o seu caráter diferencial, não importando se em sua repetição se trata do mesmo elemento ou não. Lacan (lição de 06/12/61) traz o exemplo do caçador que inscreve na costela de um animal uma linha de bastões¹⁴ para marcar cada caça abatida, e é aí que encontramos o rastro de algo que é, sem ambiguidade, significante: não importa se na linha de bastões aparece um pequeno aumento no intervalo entre uma sequência de bastões e outra, ou se

¹² Para uma maior abordagem do tema, cf. o texto “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (LACAN, 1998, p.254).

¹³ Em seu *Seminário 20*, Lacan irá considerar o signo de gozo, isto é, que o significante isolado – o S_1 – se atrela ao gozo.

¹⁴ Exposto no Museu Saint Germain, na França.

um traço significa a morte de um animal com características completamente diferentes da de seu vizinho. Não importa se estes traços sejam diferentes, e, por isso, funcionam como diferentes; o que importa é a diferença significante ser distinta de tudo que se apresenta como diferença qualitativa. A linha de bastões reduz essa diferença qualitativa e faz surgir a diferença em estado puro. O mesmo acontecia com Marquês de Sade quando marcava na cabeceira de seu leito os orgasmos que havia tido com parceiros variados.

O que distingue o traço é a dimensão simbólica como aquela que tem como característica a distinção de um significante em relação ao outro. É a marca da diferença pura, a que Lacan irá se referir para colocar à prova as relações do sujeito com o significante. Mas, para isso, torna-se necessário distinguir o significante do signo.

O signo, segundo a definição de Pierce utilizada por Lacan (1961-62), é o que representa algo para alguém, como no exemplo: *chão molhado é signo de que choveu*. Assim, é necessário ter o *alguém* para servir de suporte ao signo, formando uma relação tríade (signo-objeto-intérprete).

Um significante se distingue de um signo, primeiramente por aquilo que tentei fazer vocês sentirem, é que os significantes não manifestam senão a presença, em primeiro lugar, da diferença como tal e nada mais. A primeira coisa, portanto, que ele implica, é que a relação do signo com a coisa está apagada. (LACAN, lição de 06/12/1961)

O significante, ao contrário do signo, não é o que representa algo para alguém, mas é o que representa o sujeito para um outro significante. E o sujeito surge como efeito do significante, como sujeito dividido entre dois significantes. Portanto, um significante isolado não poderá representar o sujeito. Chegamos aqui em uma questão que antecipa o problema da abordagem do nome próprio: como o nome próprio pode pretender dizer algo do sujeito se este se encontra dividido entre dois significantes? O importante aqui é o intervalo, a desapareição e o vazio presente entre um significante e outro, o que torna possível o surgimento de um significante novo que venha em oposição à repetição significante.

Ainda sobre a distinção entre signo e significante, Lacan (1961-62) afirma que a letra é o que possibilita a distinção entre signo e significante. É o significante funcionando em sua essência de letra, isto é, não significando nada, o que o torna diferente do signo, pois este sempre significa algo para alguém. Assim, o fundamental é perceber que no significante a relação do signo com a coisa está apagada.

Lacan (1961-62) traz uma imagem com valor de apólogo: a de Robinson Crusoe¹⁵ e o passo de Sexta-feira na ilha, e nos apresenta com um jogo de palavras, *la trace d'un pas* (o rastro, a marca, o vestígio de um passo) e *le pas de trace* (nenhum rastro). O rastro, a marca de um passo (*la trace d'un pas*) mostra a Robinson que ele não está sozinho na ilha; algo é representado para alguém no nível do rastro, e tem aqui valor de signo. Ele não viu a pessoa ou Sexta-feira passando por ali, ele não tem a percepção de Sexta-feira, ele não tem a percepção da coisa, só o seu vestígio. Na medida em que o rastro vai se apagando, perdemos a ligação do apagamento com o rastro enquanto tal, *la trace de pas* vai se perdendo. Mas, se fazemos um círculo e cercamos o lugar onde havia o rastro, assinalamos que ali passou um sujeito. Temos, então, o que Lacan chama de o nascimento do significante, justo quando não há mais rastro, *pas de trace*. Surge aqui a possibilidade da articulação significante que ocorre em três tempos – uma exigência para que a inscrição psíquica se efetue. Todo esse processo comporta o retorno do último tempo sobre o primeiro:

[...] não poderia haver aí articulação de um significante sem esses três tempos. Uma vez constituído o significante, há forçosamente dois outros antes. Um significante é uma marca, um rastro, uma escrita, mas não se pode lê-lo só. Dois significantes é um quiproquó, juntar alhos com bugalhos. Três significantes é o retorno daquilo de que se trata, isto é, do primeiro. (LACAN, lição de 24/01/62)

O ato de circundar o rastro que estava se apagando surge como o terceiro tempo, e trata-se do representante da representação no inconsciente, pois este ato circunda o apagamento do rastro daquilo que estava perdido desde sempre e, ao mesmo tempo, assinala que ali passou um sujeito. É através destes apagamentos, pelos quais o significante vem à luz, que nos será permitido precisar os “modos capitais da manifestação do sujeito” (LACAN, lição de 06/12/61). Dá-se, assim, a inscrição da perda que recolhe algo do objeto, um traço.

Lacan (1961-62) aproxima o traço unário da letra e os considera a essência do significante. E o nome próprio vai ser tomado, então, como o exemplo do significante funcionando como letra ou como traço unário, pois Lacan estabelece a “relação da emissão nomeante com algo que é da ordem da letra” (LACAN, lição de 13/12/61). O significante que está presente na repetição, que faz ressurgir o significante recalcado e,

¹⁵ Romance escrito pelo inglês Daniel Defoe, em 1719.

como dissemos, é o “**ponto de amarração**” (LACAN, lição 20/12/61, grifo nosso) de alguma coisa onde o sujeito se sustenta, nos conduz à função do nome próprio.

O nome próprio não estaria ligado ao som e, sim à escrita, desde que essa tivesse o figurativo apagado, recalcado. O que resta é somente o traço unário como marca distintiva. A intraduzibilidade do nome próprio não se deve então ao som, mas na ligação “justamente do nome próprio com a marca, com a designação direta do significante como objeto” (Ibid.).

Lacan evoca o egiptólogo francês Champollion, estudioso dos hieróglifos, para mostrar que em todas as línguas Cleópatra é Cleópatra e Ptolomeu é Ptolomeu. Foi partindo desse pressuposto que nasceu a possibilidade de se decifrar os cartuchos com os hieróglifos egípcios: “O que esperamos, quando somos criptografistas e linguistas? É discernir nesse texto indecifrado algo que poderia ser bem um nome próprio” (Ibid.). E isso foi viável justamente porque há uma afinidade do nome próprio com a marca.

Assim, o que distingue o nome próprio é que ele conserva sua estrutura de uma língua à outra, encerrando-se em si mesmo sem apontar para uma descrição, e indicando algo da dimensão objetual. Isso nos remete ao objeto perdido no sentido freudiano, na medida em que o nome traz em sua constituição o traço do objeto. O traço significa o vestígio de uma marca (LACAN, 1968-69)¹⁶, no entanto, esse vestígio sofre um apagamento porque, como vimos, ele perde a relação com a coisa. É nesse sentido que Lacan vai afirmar que o signo é o que pode haver de mais destruído (lição de 10 de janeiro de 1972). É preciso que uma marca seja apagada para que um significante seja constituído.

O nome próprio, enquanto especifica o enraizamento do sujeito, está mais ligado, segundo Lacan, à estrutura da linguagem, justamente àquilo que já se encontra pronto na língua para receber a informação do traço. A função da escrita, portanto, lê o nome próprio como traço.

Não será isso feito para fazer com que nos interroguemos sobre o que há nisso, nesse ponto radical, arcaico, que precisamos com toda a necessidade supor na origem do inconsciente, isto é, dessa alguma coisa pela qual, enquanto o sujeito fala, ele só pode avançar sempre mais adiante na cadeia, no desenrolar dos enunciados, mas que, dirigindo-se aos enunciados, por esse fato mesmo, na enunciação ele elide algo que é, propriamente falando, o que ele não pode saber, isto

¹⁶ Em seu *Seminário 16, de um Outro ao outro*, Lacan vai considerar o vestígio como diverso do significante e do signo (sinal), pois no signo há a necessidade de alguém e no vestígio ele se basta por si só. Cf. Lacan, 1968-69, p.303.

é, o nome do que ele é enquanto sujeito da enunciação. No ato da enunciação há essa nomeação latente [...]. (LACAN, lição de 10/01/62)

Interrompemos aqui nossa elaboração sobre o nome próprio em sua relação à escrita, para nos aproximar do que os lógicos têm a esclarecer acerca da enigmática frase de Lacan, exposta anteriormente, sobre a ligação do nome próprio com a designação direta do significante como objeto.

2.2. A QUERELA DOS NOMES PRÓPRIOS

O nome próprio, por não ser um conceito específico da psicanálise, nos chega carregado de definições de outros campos do saber, sobretudo da antropologia, da filosofia e da linguística. A diversidade de sistemas de nomes também contribui para a imprecisão acerca do que podemos definir como nome próprio. Alguns sistemas, por exemplo, mantêm um intercâmbio maior do nome próprio para o nome comum, enquanto que outros possuem um menor trânsito entre eles.

Lacan (1961-62) confere, por sua vez, ao nome próprio, a característica de não ser passível de tradução de uma língua a outra. Mas, antes de precisar o que seria o nome próprio, ele recorre àquilo que os linguistas, filósofos e os lógicos teriam a dizer, como é o caso do egiptólogo e linguista A. H. Gardiner, do filósofo e lógico Bertrand Russell e do filósofo John Stuart Mill.

Russel trouxe, na posição do lógico, considerações que deixaram Gardiner fora de si. É assim que Lacan inicia a discussão, dando a ela o tom de uma querela. O lógico seria aquele que descobriria um certo número de leis implícitas. Leis sem as quais não haveria nada da ordem da razão que fosse possível. Foi nessa pesquisa que Lacan (1961-62) diz ter aprendido algo sobre a importância do princípio da contradição.

O nome próprio para Russell é uma palavra para designar as coisas particulares – *word for particular*. Ele reduz, assim, o nome próprio ao demonstrativo que indica um objeto em particular. A recusa de Lacan às teorias de Russell, nesse Seminário, recai com mais força quando nota a proposta de Russell, segundo a qual o nome próprio seria uma descrição abreviada. E, também, quando Russell negligencia a função de letra do nome próprio, pois desconheceria a relação mais radical do sujeito pensante com a letra.

John Stuart Mill sublinha que o nome comum parece concernir o objeto enquanto ele carrega um sentido. Defende, portanto, que a distinção entre nome próprio e nome

comum esteja no nível do sentido, o que é criticado por Gardiner e também por Russell. Mas, ao fazer essa distinção, traz algo fundamental para a concepção de Lacan. Ou seja, Mill sinaliza o que para ele definiria o nome próprio: não é o sentido do objeto que ele traz consigo, mas algo que é da ordem de uma **marca** aplicada de alguma maneira ao objeto. O nome próprio seria como uma etiqueta colada que somente denota, mas não conota. Isto é, ele tem referente, mas não sentido. A eficácia como nome próprio se daria tanto mais estreitamente quanto menos essa marca for aberta ao sentido.

Gardiner, por sua vez, observa que não é somente o caráter de identificação da marca que está em jogo no nome próprio, mas que Mill também deveria ter levado em conta o caráter distintivo da marca. Considera o nome próprio como uma palavra que permite identificar seu objeto a partir de sua sonoridade distintiva, independente do sentido que possa ter. Gardiner aponta, sobretudo, que não é tanto a ausência de sentido que importa no uso do nome próprio, na medida em que tudo diz o contrário. Vejamos o que Lacan diz sobre a direção dada por Gardiner:

Muito amiúde os nomes próprios têm um sentido. [...]. Smith quer dizer ferreiro, e é claro que não é porque o Sr. Ferreiro seria ferreiro por acaso que seu nome deixaria de ser um nome próprio. O que causa o uso do nome próprio – diz-nos Gardiner – é que o acento em seu emprego é posto não sobre o sentido, mas sobre o som enquanto distintivo. (LACAN, 1961-62, lição de 20/12/61)

E assim segue a querela do nome próprio dentro da elaboração de Lacan, que tomará uma decisão ao indicar o papel de **marca distintiva** do nome próprio, desde que o caráter idiótico do nome próprio permaneça. O que diferenciaria o caráter idiótico do emprego da palavra *particular* na definição russelliana seria a função de letra nela contida:

Digo que não pode haver definição do nome próprio senão na medida em que nos apercebemos da relação da emissão nomeadora com algo que, em sua natureza radical, é da ordem da letra. (Ibid.)

A proximidade com a ordem da letra leva Lacan a se dobrar sobre os ideogramas – o que, a princípio, poderia se acreditar estar muito próximo do que se apresenta como imagem, mas, justamente, ele se torna um ideograma quanto mais se perde, ou se apaga, seu caráter de imagem. No ideograma, trata-se de um figurativo apagado, ou, como precisa Lacan, recalcado: “O que fica é da ordem daquele traço

unário enquanto funciona como distintivo, enquanto pode desempenhar o papel de marca” (lição de 20/12/61).

2.2.1. Saul Kripke e a teoria dos designadores rígidos

Dentre todos os lógicos referidos por Lacan para tratar o nome próprio, é com o norte-americano e nosso contemporâneo Saul Kripke¹⁷, professor de filosofia da linguagem, com quem Lacan mostra ter mais afinidade. Ele foi um dos primeiros intelectuais a falar de Kripke na França. É com sua lógica dos nomes próprios que Lacan vai encontrar respaldo para sustentar o que considera fundamental no seu ensino sobre o tema – a saber, a indicação de que a referência do nome próprio aponta para algo de real.

O ponto central do debate do nome próprio é o de como ligar o nome a seu referente. O caminho do lógico matemático Gottlob Frege para solucionar o problema foi o de desdobrar o significado dos designadores em dois elementos: o sentido, o sentido de uma proposição (*Sinn*) e a significação ou referência (*Bedeutung*). Ou seja, o nome é ligado ao seu referente por duas vias, sendo que uma delas é pela descrição – solução esta que foi um dos elementos criticados por Kripke. O filósofo e lógico matemático Bertrand Russell foi influenciado, nesse aspecto, por Frege. Russell, por sua vez, identifica o nome próprio não só pelo denotativo, mas também pelo indicativo, aquilo que demonstra: é o *this* (LACAN, 1964-65). Deste modo, o demonstrativo é elevado à categoria de nome próprio.

Diferentemente de Frege e de Russell, o nome próprio para Saul Kripke é um designador rígido, isto é, um nome próprio designa o mesmo objeto, independente do contexto, permanece o mesmo em todos os contextos ou descrições possíveis.

Nessas conferências, eu vou sustentar, de maneira intuitiva, que os nomes próprios são designadores rígidos, pois, mesmo que o homem (Nixon) pudesse não ter sido presidente, ele não poderia não ter sido Nixon (embora ele pudesse não ter se *chamado* “Nixon”). Os que sustentam que a noção de designador rígido pressupõe a de “critérios de identidade através dos mundos”, colocam a carroça na frente dos bois: é *porque* nós falamos *dele* e do que poderia *lhe* acontecer (em algumas circunstâncias), que as “identificações através dos mundos”

¹⁷ Professor emérito da Universidade de Princeton, Saul Kripke nasceu no Nebraska, EUA, e é atualmente professor da City University of New York (CUNY).

não apresentam problemas em casos deste tipo. (KRIPKE, 1982, p.37, tradução nossa)¹⁸

Quando Kripke afirma que o nome próprio designa o mesmo objeto em todos os mundos possíveis, isso não quer dizer que o objeto, ao qual se refere, necessariamente exista em todos os mundos e, sim, que em qualquer mundo possível no qual o objeto em questão exista de fato, podemos utilizar o designador rígido para designá-lo. Por outro lado, se houver uma situação na qual o objeto não exista, então devemos considerar que o designador não tem referente.

Kripke, juntamente com John Stuart Mill, posiciona-se dentro do millianismo – posição na qual o significado dos nomes próprios esgota-se na referência. Concepção oposta, conhecida como descritivismo, costuma ser atribuída a Frege e Russell. Nas discussões das teses de Frege e Russell, Lacan (1964-65), de algum modo, já havia se antecipado ao que fora inventado por Kripke na década de 70. Segundo Kripke, o nome próprio designa e não descreve, portanto, não significa. Para ele, a referência dos nomes próprios é raramente ou nunca fixada através de uma descrição.

Notemos o motivo pelo qual o nome próprio não significa, mesmo podendo significar algo. Dentre os paradoxos que encontramos na lógica dos nomes próprios, o problema da significação tem seu destaque. Lacan (Ibid.) é enfático ao se posicionar sobre o problema: “Dizer que um nome próprio é sem significação é alguma coisa grosseiramente errada” (lição de 06/01/65).

O nome próprio pode até significar algo, mas, o fundamental é que, ao sobressair a função de nome próprio, o sentido é suprimido. Isso se aplica especialmente aos nomes próprios que se constituem a partir de um nome comum, como é o caso de Vitória. Quando falamos ou escrevemos o nome Vitória, o que prevalece é seu caráter de pura marca. Desse modo, o nome Vitória encerra-se nele mesmo, ou seja, o nome designa alguém sem significação alguma, mesmo que ele tenha uma significação na língua.

O significante é aqui reduzido ao seu estatuto de letra, isto é, à sua materialidade sonora ou escrita. Pelo fato de não ter nenhum sentido e de não ser traduzido de uma língua à outra, ele designa um indivíduo

¹⁸ No original: “Dans ces conférences, je vais soutenir, de façon intuitive, que les noms propres sont des désignateurs rigides, car, bien que l’homme (Nixon) eût put n’être pas le président, il n’aurait pas pu ne pas être Nixon (quoiqu’il eût pu n’être pas *appelé* ‘Nixon’). Ceux qui soutiennent que la notion de désignateur rigide présuppose celle de ‘critères d’identité à travers les mondes’ mettent la charrue avant les bœufs: c’est *parce que* nous parlons de *lui* et de ce qui aurait pu lui arriver à *lui* (dans certaines circonstances), que les ‘identifications à travers les mondes’ ne posent pas de problème dans les cas de ce genre.”

de modo estável, independentemente do que podemos dizer dele e de seus atributos. [...] O nome próprio designa o mesmo indivíduo sem se dobrar às diversas vicissitudes de sua existência. [...] É o que Saul Kripke finalmente acabou chamando um “designador rígido”, seja um significante que, por não ser nem uma abreviação de descrições, nem o resumo de uma lista de atributos, pode precisamente designar o mesmo indivíduo em toda circunstância possível (ZENONI, 2011, p.12)¹⁹

Lacan (1964-65), no Seminário *Problemas cruciais para a psicanálise*, entra novamente neste debate acerca do nome próprio. Mas, será somente em seu Seminário *RSI* (LACAN, 1974-75) que ele fará uma menção ao livro de Kripke,²⁰ ao assinalar que o nomear é distinto da comunicação, pois aqui dar um nome se ata a algo do real (lição de 11/03/75). Na definição de Kripke, o referente no nome próprio é fixo e aponta para o real. Isso se refere não somente aos nomes próprios, mas também a

nomes que designam uma só coisa e que constituem uma sorte de paradoxos nos universos dos discursos, pois o significante parece aqui atingir diretamente o referente. **A palavra parece amarrar diretamente a coisa sem passar pelo significado.** (MILLER, 2011a, p.11, grifo nosso)

Laurent (2003a) confirma que o nome próprio para Kripke, ao ter a função de fixar seu referente, não se daria pela descrição. E, sobretudo, que a nomeação incide sempre sobre a experiência de gozo, um gozo perdido, e dá o seguinte exemplo: “Quando nomeio a mãe, não digo ‘aquela que me deu o seio’, mas nomeio o gozo experimentado com o seio que, uma vez que me foi retirado para me ser dado de novo, só pode ser nomeado perdido” (Ibid., p.69). Lembra que essa experiência de nomeação do gozo sempre rateia a partir do momento em que se fixou a referência ao seio. Na nomeação em que se “opera traçando uma borda de vazio, o nome [...], só vem marcar ainda mais a função da nomeação pura” (Ibid., p.70). É por essa concepção radical da nomeação que, segundo Laurent, Kripke nos interessa tanto.

¹⁹ No original: “Le signifiant est ici réduit à son statut de lettre, c’est-à-dire à sa matérialité sonore ou écrite. Du fait même de n’avoir aucun sens et de n’être donc pas traduit d’une langue à l’autre, il désigne un individu de façon stable, indépendamment de ce qu’on peut dire de lui et de ses attributs. [...] Le nom propre désigne le même individu sans se plier aux diverses vicissitudes de son existence. [...] C’est ce que Saul Kripke a finalement fini par appeler un ‘designateur rigide’, soit un signifiant qui, pour n’être ni une abréviation de descriptions, ni le résumé d’une liste d’attributs, peut précisément designer le même individu en toute circonstance possible.”

²⁰ *Naming and Necessity*. O livro contém três conferências proferidas por S. Kripke em 1970 na Universidade de Princeton, nos EUA. Ele foi traduzido para o francês com o título *La Logique des noms propres*.

Podemos utilizar esta definição de nome próprio ao falar do uso dos nomes na psicose? Como pensar a relação dos nomes a partir de um referente fixo na psicose?

O que podemos dizer nesse momento é que o psicótico possui uma peculiar relação com as palavras, na qual seu referente não é suposto pelo código compartilhado da língua, a partir da significação fálica, como é o caso do neurótico. O psicótico possui também uma tendência a utilizar o nome comum como nome próprio, o que supostamente acrescentaria uma descrição ao último, mas sem comprometer sua função de marca.

Visto que as coordenadas sobre o nome próprio a partir da lógica o tomam como sendo um significante que ata algo do real, interessa-nos agora investigar a psicose e aprender sobre sua experiência com o significante isolado presente nos fenômenos elementares – como na injúria alucinada, e, sobretudo, com os impasses e soluções dos psicóticos em torno do nome.

3. O QUE APRENDEMOS COM A NOMEAÇÃO NAS PSICOSES?

Na psicose, assim como vimos no nome próprio, um significante se apresenta fora da cadeia e faz função de letra – é esse aspecto que une uma abordagem à outra. Perguntamos-nos, aqui, a respeito da psicose, o que seria esse significante fora da cadeia que, no entanto, faz efeito. Um significante isolado que diz algo sobre o ser do sujeito.

Isso ocorre porque na psicose, em alguma medida, a não resposta no simbólico do apelo ao pai faz retornar no real, devido à forclusão do significante paterno, toda uma série de fenômenos elementares no campo da linguagem, como, por exemplo, as alucinações. E haveria também os efeitos do acidente na significação fálica, que afeta o campo de referências simbólicas, impedindo o psicótico de organizar seu mundo de significações, de se autodenominar e de encontrar um lugar no mundo, levando-o, muitas vezes, à desinserção social, à errância, e à problemática ligada ao corpo próprio. Mas, também, é justamente a partir desses “acidentes” que o psicótico pode encontrar suas soluções na existência para alcançar alguma estabilização. Pois, como diz Lacan, a psicose é um exercício de rigor.

Na psicose costumamos ver mais claramente a construção de um nome que alcance a função de nomeação. Ela nos serve, portanto, como campo de investigação para construção de um nome sem a referência ao Nome-do-Pai. A importância da construção de um nome na psicose se concentra na sua função de bastamento e de estabilização. Ou, se preferirmos, a construção de um nome tem um caráter nodal – é o que vemos Lacan comentar na análise do menino Robert, atendido por Rosine Lefort. Lacan (1953-54) destaca aqui o nome *O lobo!*:

Ele é evidentemente *O lobo!* na medida em que diz esta palavra. Mas *O lobo!* é qualquer coisa enquanto pode ser nomeada. Vocês veem aí o **estado nodal da palavra**. O eu é aqui completamente caótico, a palavra interrompida. Mas é a partir de *O lobo!* que ela poderá encontrar o seu lugar e se construir. (p.125, grifo nosso)

Uma das duas palavras utilizadas pelo menino em meio a sua fragmentação corporal era *O lobo!*, que Lacan acredita ser a encarnação da linguagem em sua forma nodal, ou melhor, a “palavra reduzida ao seu caroço” (1953-54, p.125). Foi a partir da enunciação desse nome – destacado de qualquer articulação significante, mas com o

qual se fazia reconhecer – que Robert obteve certa virada em seu tratamento e pôde construir alguma unidade corporal.

3.1. A DIFICULDADE DO PSICÓTICO EM SE FAZER REPRESENTAR PELO SIGNIFICANTE

O psicótico²¹ não possui o lastro na cadeia significativa produzido pelo ponto de basta²², que viria a organizá-la. Assim, o significativo na psicose tem por característica não circular na cadeia. Isto pode ser exemplificado por alguns fenômenos, como no neologismo, no qual vemos a incidência de um significativo isolado sem que a nada se remeta. Por outro lado, o significativo pode deslizar numa metonímia incessante, como na mania. O psicótico demonstra, de uma forma ou de outra, sua dificuldade em se fazer representar, na medida em que é na articulação significativa que o sujeito se produz. Na neurose, o sujeito do inconsciente é produzido de maneira evanescente no intervalo entre dois significantes, $S_1 - S_2$, sendo, portanto, efeito desta articulação. Mas, por ser um sujeito dividido, o neurótico se lança ao longo da sequência de nomes. Ao encontrar um nome, logo segue em busca de outro.

O psicótico, por sua vez, pode vir a produzir uma suplência de um significativo que representaria o sujeito para outro significativo através de um significativo privilegiado. E, ao fixar-se em um nome, consegue circunscrever seu gozo, lastreando e organizando a cadeia significativa. Em algumas psicoses há um trabalho de tentar se identificar pelo imaginário, na sua impossibilidade de se identificar pelo simbólico. Na maioria das vezes, o psicótico consegue se compensar pelo imaginário através de seu semelhante.

Na psicose, o nome comum costuma ocupar o lugar de nome próprio, por causa da relação que o psicótico estabelece com as palavras em sua relação com as coisas. Ele se incomoda com o nome que lhe transmitiram, quer mexer, se a ver com ele. Na neurose, a relação com o nome próprio costuma ocorrer de modo diverso, pois o neurótico prefere manter a devida distância dele, salvo poucas exceções. Uma maior

²¹ É importante fazermos a ressalva de que o psicótico, devido a alguma espécie de compensação ou suplência, pode se apresentar estabilizado e com o discurso organizado. Quando falamos nos efeitos da forclusão do Nome-do-Pai, isso não significa que esses efeitos estejam evidentes em todos os psicóticos.

²² Para maiores explicações acerca do ponto de basta, remeto o leitor ao item 1.2.1 dessa tese.

proximidade com o nome geralmente se dá quando o neurótico se encontra em um percurso de análise.

Gostaríamos de pensar a relação do forte sentimento do psicótico de não pertencimento a um lugar e qual seria sua relação com a nomeação. A segregação ou desinserção social que alguns psicóticos apresentam demonstra a dificuldade dele de se reconhecer e pertecer a algum lugar no mundo. Surpreendentemente, Miller (2011a) oferece à desinserção o seu contraponto: “‘o ser nomeado...’ é o princípio de toda a inserção simbólica do ser” (p.10).

Observamos em nossa clínica a constante procura por identidade pelo psicótico. Procura malograda na maioria dos casos. No entanto, há um ponto que é digno de nota: a busca de identidade a partir de nacionalidades, presentes em muitos casos. Como se ao se situar em uma nação, se produzisse um pertencimento frente à sua deriva no mundo. Ou, em outra perspectiva, podemos considerar essa busca por outras nacionalidades como sendo a via do “estrangeiro”, de um lugar excêntrico e que confere certo lugar de exílio ao psicótico - o que seria condizente com sua posição de exterioridade no funcionamento da linguagem. A construção de um nome viria, então, como tentativa de inserção, criação de um lugar “estrangeiro” para o psicótico habitar a linguagem.

Em nossa clínica, nos chamam a atenção dois casos específicos, além de um caso apresentado por M.-H. Brousse (2008). Faremos a exposição dos três casos logo abaixo, através de curtos fragmentos:

- O primeiro é Wladimir, um jovem rapaz que morou parte de sua adolescência em um país do leste europeu para completar seus estudos. Desde novo, já vinha manifestando fenômenos típicos de um quadro esquizofrênico, mas, apesar disso, apresentava-se de certa forma estável e permanecia com suas atividades cotidianas. Chegando no país estrangeiro, diz ter sido primeiramente acolhido pelos espanhóis. Sua primeira crise no exterior se deu a partir de duas falas. A primeira foi quando escutou o pai comentando com a anfitriã que ele era “mulato”²³. A segunda fala se deu quando um amigo lhe disse que era preciso andar com os europeus e não com os latino-americanos: “Desde então, eu quis parecer com os húngaros e minha feição mudou. Comecei então a parecer mais com os húngaros do que eles próprios”, dizia. Apesar de ter ocorrido um momento de abalo na imagem corporal, foi a partir desse remodelamento imaginário –

²³ Wladimir é um jovem branco.

de se parecer com os húngaros mais do que eles próprios – que Wladimir aprendeu a língua de forma surpreendentemente rápida e levou seus estudos adiante. Com esta frase, Wladimir indica que sua forma de se manter estável durante boa parte de sua estadia no exterior se deu através da compensação imaginária e do sentimento de ser húngaro. Até um dado momento, em que houve um grave desencadeamento de sua psicose, decorrente de um episódio frente ao espelho: ao se olhar no espelho, se viu com a “pele vermelha como um espanhol, havia virado espanhol”, disse. Ao entrar em crise, Wladimir foi parar nas ruas em um país vizinho. Por conta desse episódio, sua família é noticiada pelo consulado e ele retorna ao Brasil. Podemos ver, nesse caso, que as questões em torno da raça, origem e identidade são tanto elementos desencadeantes quanto estabilizadores.

Durante o início do tratamento, que se deu alguns anos após o retorno de sua estadia no exterior, Wladimir sempre me perguntava qual era a minha nacionalidade. Ele, por sua vez, se questionava sobre a sua própria. Um certo dia, me liga no sábado à noite para me perguntar se eu era espanhola ou cigana. Questiono o porquê da pergunta, mas ele só a repete novamente, insistindo em obter uma resposta. Digo, então, que não sou espanhola e nem cigana. Ele se decepciona com meu dito, o que abala de forma inesperada a transferência. Depois, nas sessões, com mais calma, explica sobre sua decepção: “se você fosse espanhola, eu poderia ser também”.

- Mário²⁴ faz a incursão ao mundo antigo a partir do estudo do latim, e é assim que ele tece um esboço de sua genealogia. Frequentemente diz não ter raízes. Fica às voltas com a sua origem e diz: “já que não sou judeu, nem muçulmano, nem hindu, sou romano”. O trabalho de se nomear “romano” possibilita-lhe encontrar um lugar em que possa se situar, mesmo que seja na Roma Antiga.

- O último fragmento de caso é trazido por M.-H. Brousse (2008), a partir de uma apresentação de pacientes ocorrida em um hospital na periferia de Paris. Trata-se de um jovem que foi encaminhado para ser entrevistado por falar pouco durante a internação. Brousse pergunta: “Você poderia me dizer quem você é?”, ao que ele respondeu: “Eu sou um jovem muçulmano da França” (p.84). Diz ser apaixonado por uma jovem muçulmana, cujo pai impediu que eles se casassem. Este foi o contexto de seu grave desencadeamento. Antes disso, segundo a equipe, ele provavelmente não apresentava sinais de sua psicose. Brousse afirma que ele não era muçulmano, aliás “sim

²⁴ O caso de Mário será abordado novamente no quinto capítulo a partir de um novo recorte.

e não”, pois se converteu ao Islã. Sua mãe era do interior da França e seu pai de uma ilha francesa, portanto a frase “eu sou um jovem muçulmano” é tomada por Brousse como uma construção identitária absolutamente singular. A questão que se coloca é: se a equipe tentaria atenuar essa “identificação”²⁵ (p.84), ou seria melhor tentar restaurá-la, já que ela teria sido abalada quando o pai da jovem recusou o casamento, justo porque ele era convertido e não muçulmano desde sempre? Brousse esclarece que o método analítico ajuda o sujeito “elaborar uma estratégia para que possa fazer laço social. Trata-se de uma estratégia que se apoia em seus próprios significantes mestres, que lhe permitirão se sustentar na relação com os pequenos outros” (p.85). E lembra que isso vale tanto para a psicose quanto para a neurose.

Vimos que os três jovens estão às voltas com uma dada nacionalidade estrangeira que lhes dariam uma “identidade” – este é o termo utilizado por eles próprios. Brousse (2008) cita a observação de Miller a esse respeito, quando ele diz que é preciso ficarmos atentos para o modo de relação que o sujeito estabelece com o Outro, no que diz respeito aos pontos de ancoragem simbólica que o definem e o identificam.

3.2. A DIMENSÃO OBJETAL NA PSICOSE

As indicações oferecidas por Lacan no *Seminário, livro 10, a angústia*, nos servem de ferramenta para se pensar a posição objetal do psicótico e do sujeito em geral, que pode ser abordada diante da formulação do objeto *a* e da articulação entre os três registros formulados por Lacan – real, simbólico e imaginário –, a partir do esquema ótico. Este Seminário nos é útil para tratarmos da psicose, pois aqui Lacan aborda o objeto pequeno *a* não só como ausência, mas como aquilo que é passível de se manifestar como uma presença.

Sabemos que no estádio do espelho (LACAN, 1949) a criança tem a imagem do corpo unificada com um júbilo que lhe oferece um descompasso diante de seu organismo prematuro. É a captura do real pela imagem. A constituição do *eu* se apoia sobre o retorno especular da imagem unificada de seu próprio corpo. Porém, é só no

²⁵ Brousse se utiliza do conceito de identificação ao falar de psicose, embora ele esteja estreitamente vinculado à neurose. Acreditamos que ela faça uso aqui do conceito de modo ampliado.

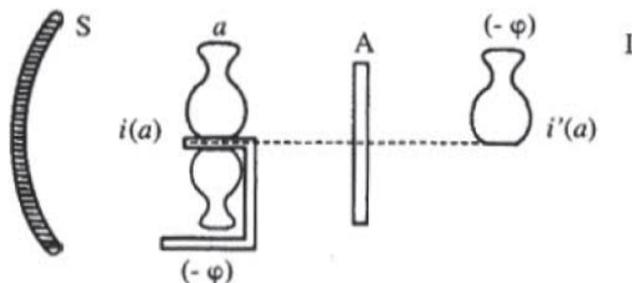
momento em que a criança se volta para o adulto à espera do seu consentimento que a imagem se constitui como tal.

O esquema ótico, por sua vez, foi utilizado inicialmente por Lacan em 1953-1954 e depois foi retomado em 1962 nesse Seminário sobre a angústia. Com este esquema, Lacan busca demonstrar a constituição de um corpo e a relevância da função do *a* no nível especular. Além disso, ele nos traz, em comparação ao estádio do espelho, uma maior clareza da função do Outro (A).

Em alguns casos, se o sujeito fica excessivamente capturado pela sua imagem, como é de costume na psicose, “é porque a relação dual pura o despoja de sua relação com o grande Outro. [...] O sentimento de desapossamento, aliás, tem sido bastante marcado pelos clínicos na psicose” (LACAN, 1962-63, p.135).

A unidade do corpo não é dada de antemão, como dizia Freud (1914) em seu texto sobre o narcisismo, e, mesmo que a alcancemos, não é garantia tê-la para sempre. Mas também, não se trata só de vestir a roupa do Outro para se livrar do corpo despedaçado e encontrar a unidade, é preciso que haja a articulação dos três registros – RSI. Para Lacan, o que é visto nessa imagem do espelho não recobre a imagem real. Nem tudo do ser real passa para a imagem do espelho – a imagem virtual $i'(a)$ –, pois nem tudo é especularizável.

O Outro representado pelo espelho plano (A) produz uma estabilização na imagem corporal através da inserção de um vazio ($- \phi$), uma distância, entre o real do corpo (R) e sua captura na imagem virtual $i'(a)$. Porém, a função do Outro é passível de se apagar progressivamente quando o espelho plano sofre uma rotação até se posicionar na horizontal. Desta forma, a estabilização da imagem corporal é ameaçada e ilustra os fenômenos de despersonalização e toda ordem de perturbações, como, por exemplo, a do esquizofrênico e sua “fantasia do corpo despedaçado”, citada por Lacan (1962-63, p.133). O objeto *a*, quando aparece na cena sem ser velado pelo imaginário, possui uma incidência perturbadora que abala a relação imaginária.

Esquema ótico²⁶

Não temos acesso ao real do corpo representado pelo vaso invertido inserido em um “box”. A multiplicidade de objetos a , representados pelas flores, também nos é inacessível. Segundo Lacan, graças ao espelho côncavo, os pedaços de corpo original (R) são captados em $i(a)$; ou seja, por um artifício de ilusão ótica, o vaso invertido passa para a parte de cima e oferece uma roupagem imaginária (I), um corpo aos feixes pulsionais. Caso isso não ocorra, os pedaços de corpo permanecerão na desordem dos pequenos a : “esse é o verdadeiro sentido, o sentido mais profundo a ser dado ao termo do ‘auto-erotismo’ – ou sentir falta de si, [...], de uma ponta à outra. Não é do mundo externo que sentimos falta, [...], mas de nós mesmos” (LACAN, 1962-63, p.132). Vemos, com a ajuda do esquema ótico, que a incidência ou não do a em sua vertente real está estreitamente relacionada e dependente do estatuto do Outro.

O objeto a é aquilo que falta, diz Lacan. É não especular, não é apreensível na imagem especular. Temos acesso somente às suas manifestações, às suas vestimentas imaginárias, pois o objeto se mostra visível somente encarnado. Lacan acrescenta o objeto olhar e o objeto voz à conhecida lista dos objetos freudianos – seio, fezes e falo²⁷. Esses objetos são as cinco principais formas de perda – porém, outros objetos “caídos” do corpo são passíveis, segundo Lacan, de encarnar o objeto a .

Há momentos em que o objeto a não se apresenta encarnado – pelo contrário, aparece positivado em sua vertente real. O que isso quer dizer? O a , que deveria estar à

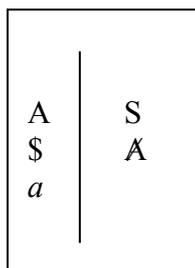
²⁶ Esquema ótico simplificado exposto na lição de 28 de novembro de 1962 do *Seminário, livro 10: a angústia*, LACAN, 2005, p. 49.

²⁷ O falo terá neste seminário um caráter diverso daquele formulado por Freud.

esquerda do esquema ótico, no lado da imagem real, aparece, através de uma de suas manifestações, no espaço da imagem virtual, onde deveria estar um vazio representado pelo $-\phi$. Desta forma, algo se desvela no $-\phi$, e aquilo que a princípio não é especular surge visível na imagem que se vê no espelho, gerando angústia. Quando aparece algo ali, “a falta vem a faltar” (LACAN, 1962-63, p.52). Lacan descreve uma série de presenças, aparições que aparentam completar o Outro e que se aproximam de um “Outro da presença”, característico daquele oferecido pela mãe do esquizofrênico. Essa mãe parece estar em todo lugar, sem permitir uma distância entre ela e o filho. A garantia da falta no Outro deve-se ao resto, ao a , produzido no momento logicamente constituinte do sujeito (momento mítico).

O esquema da divisão demonstra a constituição do sujeito a partir do Outro:

1º esquema da divisão (p.36)



O Outro como lugar do significante situa-se do lado esquerdo. No lado direito, o lado do sujeito, encontra-se o S, o sujeito, em sua “inefável existência”, que será determinado pelo significante \$. A existência do Outro A é garantida, pois algo lhe falta. E é este Outro barrado, ao qual não temos acesso, que constitui o sujeito como inconsciente, daí ele se situar do lado do sujeito. O a é o que resta de irredutível na operação do sujeito no lugar do Outro, é o que sobrevive ao encontro do significante puro com o corpo no momento de nossa entrada na linguagem. A garantia da alteridade do Outro se dá justamente porque há um resto, um objeto perdido, uma “libra de carne” separada do corpo, e isto parece ser fundamental neste Seminário.

Antes do Seminário da angústia, tínhamos a versão do objeto a como o objeto do desejo, um objeto que se situa na frente do desejo. Com a introdução do novo aforisma –

o objeto causa do desejo (LACAN, 1962-63) – o objeto *a* desloca-se para trás e reaparece na frente, vestido com uma roupagem imaginária, causando o desejo. Há aí uma extração do objeto *a*, necessária para produzir uma falta, uma hiância entre causa e efeito.

Retomando a relação do *a* com a imagem do corpo, podemos dizer que é no furo da imagem do corpo próprio, ou seja, nas zonas erógenas, que o objeto *a*, causa de desejo, se aloja; porém, Lacan insiste em lembrar que o importante do furo é a sua borda. O objeto está desde sempre perdido, no entanto, o que prevalece neste Seminário não é um Outro da falta e, sim, uma alteridade radical do Outro, marcado por uma presença que não deveria estar ali. Presença que abala o estatuto do Outro em suas aparições no registro do real, como vimos no estádio do espelho. No lugar da falta, aparece algo que deveria estar ou permanecer extraído do Outro. A extração de que se trata incide tanto no corpo quanto no Outro. Lacan, ao abordar a extração, está tentando cercar as condições para a produção de um sujeito.

Ao construir o objeto *a*, Lacan delinea um Outro de uma presença real que nos ajuda a pensar as incidências deste objeto na particularidade da psicose e na sua tentativa malograda de extração do objeto. Ao comentar o objeto voz, Lacan se pergunta em que momento esse tipo de objeto pode intervir, em sua face desvelada sob sua forma separável. Em sua resposta, Lacan encontra as “vozes perdidas da psicose” (1962-63, p.275), perdidas no sentido do psicótico não reconhecê-las como suas.

Dentro do contexto de sua elaboração topológica, em 1966, Lacan (1957-58, p.560) introduz, *a posteriori*, uma nota de rodapé em seu texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses”, com o intuito de esclarecer a articulação sujeito/objeto em relação ao campo da realidade. E afirma que a realidade só se mantém com a extração do objeto *a*. Na psicose, onde teoricamente não haveria a extração do objeto *a*, o que era para estar perdido reaparece no campo da realidade, tornando-a instável.

As vozes, as alucinações dos psicóticos, caracterizam-se por um retorno do significante no real. Um exemplo dessas alucinações são as injúrias que, muitas vezes, localizam a posição de objeto-dejeto daquele que as ouve.

Em 1966, na apresentação das memórias de Schreber, Lacan reconhece o psicótico, no caso o paranoico, como o objeto do gozo do Outro. O Outro do psicótico, por não ser marcado pela falta, faz com que o paranoico esteja no lugar de objeto e seja gozado por ele. Com isso, a distância entre o sujeito e o Outro é aplacada. Mas, podemos

pensar que o delírio, em alguns casos, pode vir a produzir certa oscilação ao psicótico entre a posição de objeto e a de sujeito. Lacan, porém, situa o sujeito na psicose como sendo um “sujeito do gozo” (LACAN, 1966, p.221).

3.2.1. Separação e corte

A separação da mãe e da criança não é para Lacan o corte que nos interessa. Então, de que corte se trata? Lacan irá nos levar, com a ajuda da topologia, ao corte dos envoltórios embrionários, algo que faz parte tanto do ser, do filho, quanto da mãe e dirá que “é sensível aí a analogia entre o que é separado desses envoltórios com o corte do embrião e a separação, de um certo *a* enigmático” (LACAN, 1962-63, p.163). Temos aí a dimensão do sujeito como objeto, como uma parte, um pedaço caído do Outro.

Com o corte, o Outro é marcado pela falta, criando o campo necessário para a produção de um sujeito. Para Lacan o objeto *a* possui uma anterioridade lógica ao sujeito. Entre o sujeito marcado pela falta ($-\phi$) e o Outro surge, como vimos, um resto, um *a*, uma “libra de carne” (Loc. cit.).

Retomando o esquema ótico na perspectiva do corte, podemos dizer que é no momento em que um objeto aparece em sua vertente real que a libido tem o seu trânsito interrompido para o lado direito do esquema ótico. A passagem ao ato e o *acting out* são duas formas, entre outras, para lidar com essa situação. Discorreremos brevemente sobre estas duas formas de lidar com a angústia.

O *acting out* e a passagem ao ato são formas extremas de recompor o mundo após a aparição do *a*. No *acting out*, o objeto vai para o meio da cena e o sujeito terá que tirá-lo deste centro e colocá-lo num lugar menos visível. Já na passagem ao ato, o sujeito sente-se impelido a extrair o objeto através de um corte no Outro. E é justamente por estar identificado ao objeto, que o sujeito “se deixa cair” para fora da cena, como dejetos. A cena é entendida como a cena do Outro, em que “o homem como sujeito tem que se constituir”; e, do outro lado, há o mundo, “onde o real se comprime” (LACAN, 1962-63, p.130)²⁸.

Apesar das passagens ao ato não serem privativas da psicose, vemos que nas auto-mutilações – tão características desta –, o psicótico tenta arrancar de forma desesperada algo do Outro em seu próprio corpo através de um corte. O corpo é tomado, aqui, como

²⁸ Esses são dois registros formulados por Lacan no momento do *Seminário, a angústia, livro 10*, lição de 23 jan. 1963.

Outro, isso fica bem evidente quando lembramos da relação do esquizofrênico com seu corpo, na qual ele é radicalmente Outro para o sujeito. Pela tentativa malograda do esquizofrênico em realizar a operação de extração do objeto *a* no Outro através do simbólico, ela pode vir a ser praticada no real. Esta é uma tentativa muitas vezes fracassada para estabelecer uma separação entre o sujeito e o Outro, pois, para que o corte funcione, é necessário um corte anterior²⁹, isto é, que algo já tenha sido extraído do Outro.

De que forma então o psicótico poderia se separar, ou melhor dizendo, tomar alguma distância do objeto que ele teria disponível? Questão importante, pois falaremos mais adiante das injúrias alucinadas que nomeiam o psicótico em seu ser, reduzindo, assim, a distância entre sujeito e objeto.

3.2.2. Objeto *a* como lastro

Lacan descreve a mania neste Seminário como o lugar onde a ausência do lastro do objeto *a* deixa o sujeito entregue à metonímia pura da cadeia significante. Esta passagem é importante, pois nos indica “ao avesso” o que poderíamos esperar do lastro possível do objeto *a*, ou seja, a função de basteamento, pois ele cava um vazio que constrange a circulação infinita do significante. Se uma das funções do Nome-do-Pai também é a de bastear a cadeia significante, vemos na função de basteamento do objeto *a* uma aproximação com a função preenchida pelo Nome-do-Pai. Além disso, essa passagem pela mania nos possibilita também observar uma novidade na forma de Lacan tratar a não extração do objeto *a* nas psicoses. Aqui, ele diz que é a “não função do objeto *a*” (LACAN, 1963, p.365) que está em jogo, e não simplesmente o seu desconhecimento.

3.3. FENÔMENO ELEMENTAR E SIGNIFICAÇÃO PESSOAL

Podemos recorrer ao exemplo do fenômeno elementar, característico da psicose, e que esclarecerá um pouco mais sobre a nomeação no cotidiano da clínica, na medida em que o trabalho significante, no caso da nomeação, tem o intuito de ser uma cifra de gozo, tanto para neuróticos quanto para psicóticos.

²⁹ Trata-se aqui de uma anterioridade lógica.

O significante que retorna no real – como algo descontextualizado, heterogêneo à cadeia significante –, é o fenômeno elementar. Para Lacan, não se trata, nestes fenômenos, do sentido que se compreende. Assim, a psicose é ligada a uma relação do sujeito com o significante em seu aspecto formal de significante puro (LACAN, 1955-56, p.284). Trata-se de uma experiência de perplexidade na qual, em lugar do vazio, se produz uma certeza, uma significação que se refere ao sujeito como uma revelação cujo conteúdo é indeterminado. A posição do psicótico é caracterizada pelo não consentimento primordial do valor metafórico do Nome-do-Pai, por isso os efeitos de significação não tomam para ele a forma da metáfora, sendo a certeza o que lhe servirá de ancoradouro.

Lacan recorre a algumas formulações de seu mestre em psiquiatria, G. de Clérambault, sobre o automatismo mental³⁰ e resgata o que este denomina ser o *caráter anideico* do automatismo mental. Assim, Lacan elabora a sua teoria sobre os fenômenos elementares. Para Clérambault, existe na psicose um fenômeno fundamental que não é passível de ser compreendido, e, frequentemente, surge como os primeiros sinais da psicose. Lacan possuía críticas à vertente mecanicista de seu mestre (1966a, p.69), mas sabia lhe dar crédito diante de sua análise dos fenômenos da psicose que era, por sua vez, bastante próxima a uma análise estrutural: “quando um de Clérambault analisa os fenômenos elementares, procura a assinatura deles na sua estrutura [...]” (1955-56, p.45).

O mérito de Clérambault foi ter mostrado o caráter *ideicamente neutro* dos fenômenos elementares; isto quer dizer que eles não são ordenados segundo uma sequência de ideias (Ibid., p.14) e, assim, nenhum mecanismo afetivo basta para explicá-los. Para Lacan, não se trata, nestes fenômenos, daquele sentido que se compreende; deste modo, a psicose é ligada a uma relação do sujeito com o significante em seu aspecto formal de significante puro (LACAN, 1955-56, p.284).

Podemos pensar o fenômeno elementar como o retorno do significante no real. O seu exemplo mais característico é a alucinação verbal. Porém, há possibilidades de se considerar também outros fenômenos – tais como intuições e interpretações delirantes, estados passionais, ilusões de memória, falsas percepções e sentimentos de estranheza (LACAN, 1932) – que tragam em si o caráter enigmático de um vazio de significação.

³⁰ O automatismo mental é uma síndrome descrita por Clérambault que comporta uma série de fenômenos psíquicos que ocorrem à revelia da vontade do paciente, sem que este os reconheça como seus, pois são atribuídos a uma ação e influência externa. Cf. “Definição do automatismo mental”, Clérambault, 1924/1942.

Se o significante em si não significa nada, sendo esta a sua característica fundamental, podemos ter o retorno do significante no real através da experiência enigmática de um vazio de significação, uma significação que não vem de parte alguma e que não remete a nada, mas que diz respeito ao sujeito (LACAN, 1955-56, p.103). Esta significação é chamada pelos clássicos da psiquiatria e retomada por Lacan (1932) em sua tese de doutorado com o termo “significação pessoal”³¹.

O caráter enigmático dessa experiência atesta a separação estrutural entre o significante e significado. E, por causa da forclusão do Nome-do-Pai, essa separação torna-se mais evidente, apresentando-se como quebra da cadeia significante, conforme a elaboração lacaniana presente na “Questão preliminar...”. Os S_1 isolados da cadeia significante ficam à espera de significações, de modo a suscitar a perplexidade do sujeito.

Interessado em observar a variedade com que se apresentam as alucinações verbais nas *Memórias de Schreber*, Lacan (1957-1958a) faz uma distinção entre fenômenos de código e fenômenos de mensagem.

Aos fenômenos de código provenientes de um Outro pertencem às vozes, os neologismos, os fenômenos em que o vazio de significação predomina – ou seja, quando o significante aparece absoluto e sem sentido algum. Eles testemunham que o psicótico não se organiza diante de um ponto central, um ponto de basta, que possa amarrar a circulação significante. E, por conta disto, ocorre uma circulação indiscriminada pelos significantes, sem que nenhuma significação lhe seja satisfatória. Por outro lado, cada significação se apresenta de forma absoluta. Esses fenômenos, como as vozes ouvidas por Schreber pelos “pássaros falantes”, se situam no limite da significação, e podem tornar-se “resíduos, dejetos, corpos vazios” (LACAN, 1955-56, p.293). O significante no real, quando apresenta-se sob a forma da cadeia rompida (LACAN, 1957-58a, p.542), ou seja, quando não se liga a novos sentidos como no delírio, fica desprovido de seu revestimento imaginário e aparece em sua dimensão objetual como resto (MUÑOZ, 2005).

A intuição delirante também faz parte dos fenômenos de código e vem marcada com um caráter de certeza; nela, a certeza substitui o vazio da significação.

³¹ A expressão em alemão *krankhafte eigenbeziehung* foi traduzida por Sérieux e Capgras pelo termo significação pessoal. A expressão alemã designa a autorreferência delirante; no entanto, boa parte dos autores admitem que esta autorreferência é um efeito de significação. Cf. Sauvagnat, 1988.

Trata-se, na verdade, de um efeito do significante, na medida em que seu grau de certeza adquire um peso proporcional ao vazio enigmático que se apresenta inicialmente no lugar da própria significação. (LACAN, 1957-1958a, p.545)

O que caracteriza as construções delirantes não é, portanto, a crença em sua realidade, mas a certeza. Uma certeza inabalável que, por seu caráter de não dialetização, é considerada um dos fenômenos elementares da psicose.

Lacan (Ibid.) considera como fenômeno de mensagem o que ele chama de mensagens interrompidas. É o que Schreber chama de “sistema do não-falar-até-o-fim”, que seriam pensamentos incompletos e inconclusos em si mesmos. Seria o que os clássicos chamam de “bloqueio do pensamento”, explicado por uma acentuada perturbação no vínculo associativo. Destacamos um exemplo dado por Schreber: “Agora eu vou me”. A continuação da frase é posta de lado e é deixada aos seus “nervos” a tarefa de completá-las. Entretanto, Schreber oferece ao leitor a continuação que antigamente era de fato pronunciada, mas que agora vem no real através de seus nervos: “Agora eu vou me render ao fato de que sou burro” (SCHREBER, 1995, p.176). Podemos verificar que as frases se interrompem exatamente no ponto em que poderia se dar **a posição do sujeito dentro da sua mensagem**, considerado os termos-index do sujeito, elidindo o sujeito da enunciação. No entanto, o “vocábulo pleno”, que estaria faltando para dar sentido à frase, não deixa de estar implicado (LACAN, 1955-56, p.293), apesar de não apresentar nenhuma dialética entre o primeiro e o segundo fragmento. Nesse caso, segundo Stevens (1990), não há o reenvio de S_1 a S_2 , mas uma fórmula que condiz mais com S_1+S_2 ; assim sendo, o segundo fragmento parece adicionar uma significação, mas aquela é imutável e já está fixada, petrificada, desde o enunciado do primeiro fragmento. Isso não quer dizer que o par S_1-S_2 forma uma espécie de condensação, mas, sim, “o sujeito psicótico aparece como solidificado no S_1 , como petrificado pelo significante” (Ibid, p. 33)³².

Algumas alucinações, como as injúrias, têm a função de *shifter* (LACAN, 1957-58a, p.541), que é a de designar o lugar do sujeito falante. O significante que retorna no real, fora da cadeia, pode servir de atribuição de um lugar para o sujeito, o que permite também, em alguns casos, o jogo de significante S_1 e S_2 , na medida em que o psicótico

³² Em seu *Seminário 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan tratou a psicose como um dos casos – ao lado do fenômeno psicossomático e da debilidade – em que a primeira dupla de significantes sofre o que ele chamou de *holófrase*. Ou seja, a primeira dupla de significantes se solidifica e se apresenta sem intervalo entre S_1 e S_2 . Cf. Lacan, 1964, p. 225. É a partir dessa pontuação lacaniana sobre a *holófrase* que Stevens (1990) pôde fazer suas elaborações.

tenta dar um sentido ao que se apresenta. O discurso se organiza em torno desse elemento, de certa forma, heterodoxo à cadeia significante. O clássico exemplo³³ dado por Lacan (1957-58a) acerca da alucinação “Porca!” (p.540), que vem em forma de injúria, pode ser considerado como um significante que cerca o real, como o impossível de dizer sobre o ser do sujeito: “No lugar em que o objeto indizível é rechaçado no real, uma palavra faz-se ouvir” (Ibid, p. 541).

A fixação em um significante na operação de nomeação na neurose se assemelha, de certo modo, à injúria alucinada pelos psicóticos, pois esta também produz uma fixação em um nome. No entanto, essa injúria, que pode ser considerada uma tentativa de nomear o ser do sujeito, se apresenta no real de forma absoluta e sem distanciamento, pois o sujeito identifica-se ao objeto. Com isso, ela não é eficaz em proporcionar um apaziguamento, enquanto que, na operação da nomeação, algo permite alguma separação entre sujeito e objeto. Além disso, o nome é construído e assumido pelo próprio sujeito.

A injúria, assim como a senha e a palavra de amor (LACAN, 1953, p.25), tem em comum com o nome próprio a propriedade de se apresentar independente de sua significação.

3.4. A CAMINHO DO UM?

Miller (1985) discorre, em seu importante texto “Esquizofrenia y paranoia”, sobre a dispersão e retenção do significante mestre. A esquizofrenia apresenta uma dispersão dos significantes – assim, o que aparece comprometido é a representação do sujeito pelo significante:

Penso que essa dispersão de identidades [...], pode situar-se comodamente no esquema do discurso do mestre, como uma pluralização do significante mestre, uma pluralização que equivale efetivamente sua desaparecimento [...]. Especialmente na esquizofrenia veremos emergir o que Lacan chama de enxame de significantes, mas desta vez irremediavelmente dispersos. (p. 24-25)

³³ Referimo-nos a uma paciente examinada por Lacan no âmbito de uma apresentação de pacientes, que se encontrava em um delírio a dois juntamente com sua mãe. Durante o exame, a moça relatou provas de injúrias - no caso o ofensivo termo “porca”, que teria recebido do amante da vizinha.

Portanto, o esquizofrênico tem mais dificuldades de se nomear em relação ao paranoico, que é mais propício à retenção do significante mestre. Vemos a tentativa do paranoico de reduzir a multiplicidade desses significantes no artifício da metáfora delirante. Desse modo, ele pode se organizar a partir de um nome, um significante eleito, e dar consistência ao Outro, adquirindo um ponto de certeza³⁴. Mas, isso o deixa na mais pura loucura. Nessa via, Lacan (lição de 21/05/74) considera que o sujeito é tanto mais louco quanto mais crê em seu próprio nome. Schreber, em seu momento paranoico, sabe muito bem quem ele é: a “Mulher de Deus”.

Torna-se questão para o nosso trabalho se é possível a inclusão da metáfora delirante no campo das nomeações. Não pretendemos responder a essa questão, mas apostamos ser possível aprender com ela sobre o tema em questão. Freud (1924) situa o delírio como um “remendo no lugar que originalmente uma fenda apareceu na relação do eu com o mundo externo” (p.191). Podemos ver aqui o primeiro esboço da noção de suplência de uma realidade perdida. Lacan (1957-58b) considera que a metáfora delirante serve de suplência para o Nome-do-Pai, pois o sujeito encontra nela um nome para circunscrever seu gozo. Lacan (1957-58a) explica o delírio como modo de reparação do acidente decorrente da forclusão do Nome-do-Pai no simbólico. A metáfora delirante, que pode ou não ser obtida, vem suprir essa forclusão.

A pergunta sobre a metáfora delirante leva em conta dois pontos: sua função de ponto de basta que se opera na metáfora “Mulher de Deus”, com a qual Schreber consegue fixar uma forma de gozo que lhe seja aceitável; e, por outro lado, considerar o caráter de maior instabilidade do delírio frente às construções *sinthomáticas*. A montagem estabelecida sobre o saber delirante tem problemas em estabelecer um lugar frente ao Outro; decorre disso o privilégio do sintoma sobre o delírio, “o delírio faz o que pode, mas não consegue sintomatizar o que escapa à explicação” (STAVY, 2007, p.26). O empuxo à incessante produção de sentido no delírio, como vemos nos paranoicos – onde tudo é passível de virar signo –, oferece obstáculos para situarmos o ponto de furo de sentido na metáfora delirante. À diferença, contudo, da metáfora paterna, que introduz um ponto de não-sentido. Soler (2007b), por sua vez, refere-se à metáfora delirante como uma pseudometáfora: “tão pseudo quanto instável” (p.205).

Na psicose é possível criar um significante ideal, como foi a invenção do nome “Mulher de Deus” para Schreber (HANNA, 2000), que o possibilitou encontrar, por

³⁴ Sabemos que a certeza delirante tanto serve para estabilizar quanto para desestabilizar, caso a consistência do Outro se torne insuportável.

algum tempo, um lugar significativo frente ao Outro. Os paranoicos conseguem minimamente se nomear diante do Outro, mesmo que seja um lugar de dejetos diante de um Outro completo, não marcado pela falta.

Na alucinação *Luder*, vinda da língua fundamental inventada por Schreber e proferida pelo Ariman, o “Deus inferior” (LACAN, 1957-58a, p.579), temos um significativo que vem conjugado ao objeto *a*, posição que o remete para a condição de objeto do Outro – no caso, o seu Deus. Schreber permanece mais um tempo em uma tentativa de construção de sentido delirante, até que esse exercício lhe proporciona reatar a cadeia significativa e encadear o significativo *Luder* a outros significados, até chegar a sua metáfora “Mulher de Deus”. Após sua estabilização, o delírio não cessou e não teve a garantia da estabilização eterna, mas, ao se nomear, Schreber obteve um certo distanciamento entre sujeito e objeto, proporcionado pelo significativo “Mulher de Deus”.

Segundo Hanna (2000), o gozo proporcionado por este significativo é remetido a um futuro assintótico³⁵, ou seja, ele é sempre adiado, mas vivido de uma certa forma no presente. O remetimento a um futuro assintótico protege Schreber de uma assimilação à sua posição de objeto do Outro, pois o encontro que implicaria em uma coincidência entre sujeito e objeto é adiado infinitamente.

A posição objetal de Schreber diante de Deus lhe confere certo lugar. Poderíamos, então, considerar que a redução da dispersão dos significantes mestres em um nome é uma das direções possíveis, não a única, no tratamento específico da paranoia.³⁶

No entanto, no caso da esquizofrenia é preciso aprender de que modo o esquizofrênico indica o caminho de sua solução³⁷. Diante de sua fragmentação e da dispersão dos significantes mestres, por vezes vemos o sujeito fazer uma espécie de bricolagem que o leva a um nome, ou, mais frequentemente, o vemos fazer um aparelhamento da libido do corpo de modo inusitado, pois, como nos diz Miller (1985), é preciso nesses casos partir do estatuto do corpo e do organismo em relação ao discurso.

³⁵ O termo *assintótico* é utilizado por Lacan na sua elaboração do esquema I referido à solução de Schreber (LACAN, 1957-58a, p.578). No entanto, este termo foi inicialmente usado por Freud na parte II de sua análise do caso Schreber (FREUD, 1911).

³⁶ A mesma questão serve para a direção no tratamento das neuroses. Trataremos o tema no capítulo seguinte.

³⁷ É importante marcar que essa observação vale para a paranoia e para todos os casos em geral.

3.5. O NOME COMO ARRIMO

“Eu me apoiava sobre o meu nome”. É assim que Arielle se refere ao nome que a ajudou a manter o *élan vital* durante boa parte de sua vida.

Trata-se de um caso elaborado por Jean-Claude Maleval (2003) e trazido à nossa consideração para abordarmos um nome que estabiliza sem a referência do significante paterno, e por uma via diversa à do delírio.

Diferentemente de muitos casos de psicose, o nome de Arielle bordeja justamente o furo correspondente ao lugar da significação fálica. Desse modo, o nome atinge fenômenos que se ligam à vitalidade do sujeito. Isso porque a psicose também é uma “desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito” (LACAN, 1957-58a, p.565). Segundo Maleval (Ibid.), ela não dispõe da função fálica para assegurar o enlaçamento da significação. Por conta disso, ela se volta ao seu marido para poder se orientar na existência: “eu me alimento de seus pensamentos” (p.50), diz.

Apesar de se organizar na existência a partir da referência ao marido, Arielle afirma ter conhecido o sofrimento somente após seu casamento. Sua estabilização tinha como suporte seu nome patronímico, que evocava uma ideia de juventude e de alegria: “digamos que [seu sobrenome] seja *Jouvence*³⁸”, revela Maleval.

Notem sua explicação sobre o que o sobrenome lhe proporcionava: “Eu era uma pessoa alegre, despreocupada, sempre paporicada pelos professores, brincávamos sempre de maneira agradável com meu nome, eu era uma espécie de fonte da juventude, desde pequena eu me coloquei uma determinação de ser feliz” (p.50). Maleval (2003) pontua que a propensão à substantivação do patronímico, frequentemente notada em sujeitos psicóticos, foi utilizada por Arielle de modo original, a serviço de referências imaginárias estabilizantes. Arielle conta que depois de seu casamento, quando perdeu o nome de seu pai e a onipresença de sua mãe, caiu doente. Seu nome adquirido com o casamento não se prestou às associações acerca da felicidade, como ocorria com seu nome de solteira.

Sua mãe também lhe oferecia um suporte importante: durante sua infância, Arielle sempre se esforçou por fazer tudo ao contrário de sua mãe. Dizia que a mãe era uma pessoa queixosa, sempre pronta a fazer a arrumação da casa. Arielle, em

³⁸ Juvência.

contrapartida, era alegre e bagunceira. Maleval se utiliza da hipótese de que o significante patronímico, tomado ao pé da letra, possibilitava à Arielle não ser tomada em uma relação mortífera com a mãe, ao se situar em oposição a ela.

Ocorre que após o casamento, seu marido passou a cuidar dela e tomou o lugar antes ocupado pela mãe. Diante de sua inércia, Arielle passou a não prescindir da presença de seu marido, presença que passou a ser até mesmo obrigatória. Por vezes, quando esse apoio lhe falta, passa a ser “atraída pelo nada”: “eu desejo virar um vegetal e me satisfazer de minha inércia”. Maleval explica que ela se sente separada de seu ser de gozo, tal qual uma marionete cujas cordas são cortadas.

É possível que a compensação imaginária impeça Arielle de apresentar uma psicose clínica. Mas, na ausência do marido, Arielle se *deixa cair*; ou em suas palavras, sua ausência evoca a “morte na alma”. Entretanto, consegue manter certa aparência: “nesses momentos, eu continuo a fazer as atividades cotidianas, nada se transpõe no exterior, mas no interior é o caos, eu não sou mais do que um envelope vazio [...]. Eu sei que eu não posso pedir isso ao meu marido, mas o ideal é que ele estivesse sempre presente, que ele não me deixasse jamais” (MALEVAL, 2003, p.55 – tradução livre). Segundo Maleval, o processo de separação do objeto não se deu e, no caso, o objeto *a* não vela a imagem do outro.

Podemos dizer que a suplência pelo nome patronímico – definido artesanalmente por Arielle –, indica uma maior estabilidade em relação àquela encontrada posteriormente na figura de seu marido, justamente pela primeira conseguir localizar algo do gozo do sujeito. No caso, o significante *Jouvence* conseguia fazer ancoragem às significações. Seu nome lhe servia de referência simbólica para se situar diante do Outro como a “fonte da juventude”, limitando o real do gozo mortífero da mãe. Em contrapartida, o segundo modo de estabilização privilegiadamente imaginária e encarnada na figura do marido apresenta-se condicionada à presença desse outro.

4. O NOME DE GOZO EM SUA RELAÇÃO COM A FANTASIA

Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.

J. Saramago

O nome próprio, o nome de gozo e a nomeação apresentam conexões que nos impedem de mencioná-los separadamente. A especificidade destes termos, sobretudo o de nome próprio, extrapola o campo psicanalítico. No entanto, optamos em privilegiar e circunscrever a importância do nome próprio para a psicanálise e, para tal, no momento, temos como guia o texto de Lacan “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, de 1960.

O que podemos dizer é que o nome próprio tenta fixar um referente; a princípio não significa nada³⁹, pois, como diz Lacan (1960), seu “enunciado iguala-se a sua significação” (p.833). Situamos aqui novamente a proximidade do nome próprio com o conceito de letra. Nesse ponto, quando lembramos que o enunciado do nome próprio iguala-se a sua significação, observamos certa antecipação⁴⁰ de Lacan à invenção do lógico Saul Kripke, quando este discorre sobre sua tese dos designadores rígidos nos anos 70⁴¹.

Ao igualar-se a sua significação, o nome próprio difere do nome comum, pois neste há uma descrição do referente que lhe traz uma significação. O que não impede do nome comum ser tomado como nome próprio.

O nome próprio entendido como um atributo a partir do Outro é abordado pela teoria da identificação. E, apesar de transmitir uma herança simbólica e alguma distinção, ele sempre traz uma insuficiência para designar o ser do sujeito (MILLER, 1993, p.32). Por esta via, ele vem mortificado pela linguagem, não sendo capaz de dizer

³⁹ Lembramos que no seminário *Os problemas cruciais da psicanálise*, Lacan (lição de 06/01/65) adverte que existem nomes próprios que possuem significações e, ainda assim, isto não interfere naquilo de que se trata.

⁴⁰ Anteriormente, já tínhamos comentado sobre alguma antecipação de Lacan (1964-65) às formulações de Kripke ao discutir as teses de Russel e Frege.

⁴¹ Exposta no segundo capítulo da presente tese.

algo sobre o ser. Diante da insuficiência do nome próprio em designar o ser do sujeito, Lacan (1960) se pergunta: “Mas, de onde provém esse ser que aparece como que faltando no mar dos nomes próprios?” (p.834). Esse ser vem por outra via e se chama “gozo”, o excesso pulsional em termos freudianos, e designa o ser do sujeito não como sujeito morto, mas no que ele tem de vivo.

Isto nos interessa na medida em que a função de nomeação na perspectiva da psicanálise passa necessariamente pela dimensão do gozo. A nomeação como articulação entre significante e gozo, ao fazer surgir o vazio de descrição, contorna o lugar do objeto *a*, e é justamente ele que vem responder pelo nome de gozo.

Esta formulação acerca dos nomes nos remete à emergência dos novos nomes descrita por James Joyce (2006) em *Um retrato do artista quando jovem*. *Bous Stephanoumenos* como “alma de boi” é um exemplo de nome de gozo que permite ao jovem Stephen “escapar da mortificação à qual se via submetido” (MANDIL, 2003, p. 209).

O fato de seu *alter ego* Stephen Dedalus se nomear por outros nomes como “alma de boi”, demonstra a codimensão entre o nome próprio e o nome comum apontada por E. Laurent (2003). É nesse sentido que Lacan afirma que um “monte de nomes implica apenas o seguinte – fazer entrar o nome próprio no âmbito do nome comum” (LACAN, 1975-76, p.87). Assim, o lugar do nome faz cadeia, é transmitido a outros e não cessa de se deslocar ao longo da sequência de nomes. Desta forma, o nome próprio apresenta seu estatuto de repetição.

Uma nuance na concepção de nome próprio apresenta-se aí: o nome próprio como sintoma, um sintoma pode funcionar como nome próprio do sujeito, ou seja, como aquilo que designa repetidamente algo do seu ser e não cessa de se escrever. (ROSA, 2015, p.127)

A resposta neurótica à pergunta sobre o seu ser geralmente é uma resposta egóica e imaginária que anula qualquer indicação ou abertura ao seu ser de gozo e, talvez por isso, Lacan (1960) tenha dito que o neurótico é um “sem nome” e que seu nome próprio o importuna (p.841). Por consequência, o neurótico “não quer saber nada do que seu nome tem como coisa” (SOLER, 2007a, p.174). Lacan reformula o que Freud chamava de “defesa neurótica, esta distância em que se fica do real, graças ao significante” (Ibid.).

Com o nome que nos chega pelas insígnias do Outro, não é possível o batismo do gozo, isto é, não é possível nomeá-lo. Qual a função, então, do que costumamos chamar de nome de gozo?

O nome próprio designa o que de um ser não está identificado e não é identificável pelo significante. Se o sujeito é identificável pelos significantes que assume, estes, contudo, são apenas representantes que não dizem o que ele é, digamos assim, em si mesmo, fora da representação. Resta então um x. O nome próprio não é precisamente um significante que representa um sujeito, mas índice do que nele há de 'impensável', daquilo que é dele, mas não passa no significante. Em Freud, os dois nomes deste impensável são libido e pulsões. Em Lacan, primeiramente, desejo e gozo, depois, o nó borromeano específico, que define um ser falante. De modo que **o nome próprio é nome da coisa e não do sujeito**. (SOLER, 2007a, p. 174, grifo nosso)

Lembramos que a tentativa de Lacan (1961-62) consistia, em seu Seminário sobre a identificação, em atribuir a materialidade do traço unário ao nome próprio e, sobretudo, distinguir o nome próprio do significante articulado na cadeia. E, justamente por ele se apresentar isolado, Lacan o aproximou do conceito de letra e de uma dimensão objetual. Dito isso e considerando as nuances entre os termos *nome de gozo* e *nome próprio*, é possível separar os termos e situá-los em dois momentos da cura? A princípio não teríamos motivos para separar esses dois termos, se considerarmos que o nome próprio também bordeia o gozo. A diferença que se mostra pertinente é aquela que discrimina o nome de gozo e o nome próprio daquele nome patronímico, que foi herdado pelo Outro.

Eric Laurent (2003b) propõe que o nome próprio sem o Nome-do-Pai - em outras palavras, o nome próprio que não é um atributo do Outro - seja feito com o gozo, que seria, segundo ele, o verdadeiro nome próprio: “Assim como o nome próprio do Homem dos Ratos é o rato como objeto de horror, o nome próprio que estaria em oposição ao Nome-do-Pai seria um nome composto com um ciframento particular do gozo” (p.29).

A nomeação na neurose, pelo que podemos depreender nos testemunhos de passe, ocorre no processo de finalização de análise. Como podemos utilizar, porém, a nomeação como direção clínica ao longo do cotidiano da análise? O mecanismo psíquico do recalque depende do Ideal do eu e, portanto, é atribuído à função do Pai, sendo através das formações do inconsciente que o analista tem acesso não exatamente ao recalque, mas ao seu retorno. Consideramos, a princípio, que é através dos sonhos, do

sintoma, dos atos falhos etc., que o analista pode operar durante o processo analítico com o significante que nomeia. Ou seja, trata-se de operar com aqueles significantes que, ao bordjarem o objeto, circunscrevem o gozo para esses sujeitos.

4.1. ENTRE A DESIDENTIFICAÇÃO E O NOME DE GOZO

A fantasia entendida como uma construção do sujeito a partir de uma interpretação frente ao enigma do desejo do Outro, lhe serve como tela de proteção ao velar o real da castração, pois a fantasia tem a função de enquadrar a realidade. Difere do sintoma em alguns aspectos, sobretudo, pela prevalência do objeto. Nela, o sujeito se defende inconscientemente com seu objeto de gozo. O sujeito não só se defende na fantasia, mas obtém satisfação pulsional ao se fixar em um modo de gozo, com o qual também extrai prazer.

Temos aqui, em ($\$ \langle \rangle a$), o correspondente e o suporte do desejo, o ponto em que ele se fixa em seu objeto, o qual, muito longe de ser natural, é sempre constituído por uma certa posição do sujeito em relação ao Outro. É com a ajuda dessa relação fantasística que o homem se encontra e situa seu desejo. (LACAN, 1957-58b, p.455)

A fantasia fundamental supõe o recalque originário e não é objeto de interpretação por parte do analista, pois não há nada por trás para ser trazido à luz do recalque. Sempre haverá, conforme a elaboração freudiana acerca do recalque originário, mais um recalque e um significante que possa advir (MILLER, 2003c). A fantasia fundamental é, por isso, construída e decantada em análise. Seu atravessamento é, de certo modo, uma extração de certos nomes no percurso da análise, pois alguns significantes mestres invariáveis são extraídos do roteiro da fantasia até que se produza uma redução. No entanto, “todo tratamento da neurose que se limita ao esgotamento das identificações do sujeito, isto é, daquilo pelo qual ele se reduziu ao Outro, não traz em si nenhuma promessa de resolução daquilo que constitui um nó para o neurótico” (LACAN, 1968-69, p.269). É preciso dar um passo a mais na travessia do plano das identificações.

Seria preciso saber se a identificação na análise é a meta ou obstáculo. Talvez seja bom instar as pessoas a fazê-la, mas para que ao mesmo tempo ela se desfça. Do fato dela se desfazer, justamente por ter sido feita, pode aparecer

alguma coisa diferente, que, no caso, chamaremos de **furo**. (LACAN, 1968-69, p.163, grifo nosso)

O sujeito se divide na identificação primordial porque ele não pode dizer sobre o ser do sujeito, encontra-se de forma evanescente entre um significante e outro. A solução é sair em busca de identificações suplementares que possam recobrir a divisão constitutiva. A identificação ao Ideal I(A) tem a função de ocultar a divisão subjetiva; no entanto, a proposta da psicanálise é desvelar algo dessa divisão. O S_1 que vem pela identificação cobre a falta-a-ser do sujeito – que, geralmente, está em busca de um S_2 que lhe venha dar um sentido. A interpretação analítica que aponta para o objeto desvela os semblantes que cobrem a divisão subjetiva, produzindo a desidentificação e aparecendo algo do furo da linguagem nos próprios enunciados do sujeito.

Quando o sujeito neurótico recorre a uma análise, frequentemente é porque houve alguma irrupção de gozo. O sujeito que se representa para outro significante deixa desvelar algo de sua dimensão objetual nessa hiância, que geralmente é velada. O que ele muitas vezes procura é um sentido que possa recobrir o real do gozo, ou que ele possa ser apaziguado pelo significante. Não há uma identidade com a qual ele possa recorrer, pois o sujeito não é idêntico a si mesmo e nem há um significante dado que diga sobre seu ser.

Lacan (1960), no texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, segue na direção de resolver o impasse contido na ideia de que o simbólico pode tudo nomear desde que se tenha a ferramenta do pai. Introduce, assim, o matema $S(A)$, que diz haver um significante que falta no Outro, demonstrando sua incompletude. Nesse sentido, estamos sempre às voltas com o furo no saber, e o Nome-do-Pai deixa de ser o significante da lei no lugar do Outro, como dizia Lacan na década de 50.

A importância da abordagem dos nomes próprios e dos nomes de gozo se apresenta, pois com eles somos levados a um aspecto da clínica que toca em um ponto mais além da falta-a-ser, e permite nos situar diante de questões relacionadas ao tratamento do gozo (ROSA, 2015).

A fantasia, ao ser “atravessada”, percorre as relações do sujeito com os objetos de seu gozo, conforme seu matema: $\$ \diamond a$. É preciso, então, isolar os significantes que contribuem para os modos de satisfação presentes na fantasia, ou seja, os significantes que teriam aqui valor de gozo. A fantasia oferece, através de seu roteiro, sustentação ao

que podemos chamar de gozo do sintoma; portanto é nela que é possível localizar em análise algo da posição objetual do sujeito.

Dito de outro modo, o que é inominável será convocado e produzido em análise através de uma operação de gozo, e é na fantasia que a particularidade dessa construção se conjuga com a satisfação própria do sujeito. Então, como podemos relacionar o nome próprio à fantasia?

Segundo Miller (2011a), “o núcleo da construção da fantasia é a nomeação do gozo” (p.11), e este modo de nomear o gozo deixa invariavelmente uma parte inominável, justo o que levou Freud a considerar a análise infinita (Ibid.). Assim, em pontos nodais ao longo da análise e, também ao seu fim, é que o nome próprio pode alcançar a função de nomeação para designar algo do ser. Miller evidencia a possibilidade da pesquisa sobre o nome próprio se focar e se orientar sobre a temática da narração: “Nós nomeamos através de um relato. Por exemplo, o gozo encontra o ser nomeado a partir desse relato estilizado, mitificado que nós chamamos de fantasia” (Loc. cit.).

4.2. A MENINA DOS OLHOS DO CHEFE - CASO CLÍNICO

Obs: O Caso Clínico foi retirado da presente tese por fins de sigilo. Remeto o leitor à página 71.

4.3. A VIA DA REDUÇÃO

Laurent (2012) em seu texto “A impossível nomeação, seus semblantes, seu sinthoma”, delimita alguns **pontos de inflexão** dos significantes mestres ligados à identificação e da nomeação no percurso de uma análise, em uma espécie de deslocamento de perspectiva da identificação para a nomeação. Ao evocar Lacan e seu uso de objetos topológicos, afirma que o avanço de seu ensino é confrontado com o fato de que “para além do traço unário da identificação, uma vez a identificação atravessada, o que se desvela é o valor do objeto a ” (p. 14 – tradução livre). Ou seja, uma vez exploradas as identificações, é preciso passar ao seu avesso.

Laurent se utiliza da topologia para descrever essa passagem em termos de “efeitos de reviramento”⁴²(Loc. Cit.). Ao se referir ao seminário da identificação para abordar a travessia do plano das identificações, Laurent (Ibid.) sinaliza que o problema é

⁴² *Effets de rebroussement.*

o desenvolvimento ao infinito do encontro faltoso do traço unário da identificação com o gozo.

Geralmente na análise, essa proliferação se reduz com um trabalho através do não sentido. O nome próprio é o que falha entre dois nomes, ele se funda na falha do sujeito entre dois significantes (LAURENT, 2002). É a nomeação que apresenta um furo na dimensão do sentido, por apresentar um vazio de descrição, e é isso que tem o poder de criar arrimo. Ao mesmo tempo, o nome próprio, como diz Lacan (1975-76), requer sempre um complemento e indica o lugar da repetição. Neste sentido, um ponto de estofo deve ser marcado com o tempo.

A reta infinita que é um furo através das bordas do furo do corpo. Um ponto de estofo dura só um certo tempo. Então podemos dizer que a experiência da análise revela sucessivos nomes. Em primeiro lugar o nome de sintoma, logo o nome do fantasma, logo o nome que se alcança no passe, o nome de *sinthoma*; logo a busca da consequência do nome prossegue. A mesma não cessa. A estrutura lógica de cada um dos nomes é distinta. A lógica do sintoma não é a da fantasia, a qual não é a do *sinthoma*. (LAURENT, 2002, p.141)

Essa partilha entre os nomes pode nos servir de forma mais didática do que servir para transmitir sua própria realidade. De um lado, nomes que se repetem a partir de uma posição de gozo, e de outro “nomes que sustentam a falta de um nome” (VIEIRA, 2014).

A travessia da fantasia é uma das concepções de Lacan (1964) do final da análise, caminho que não é percorrido por todos, somente para quem assim deseja. Significa que o sujeito barrado em um momento atravessa a construção que implica sua fantasia, construída em análise, e passa a se relacionar de modo diferente com seu objeto de gozo e com o Outro.

Tendo atravessado suas identificações e seu(s) nome(s) de gozo ligado à fantasia⁴³, o fim de análise aponta para a mudança de posição do sujeito em relação à sua fantasia fundamental, o que pode vir ou não a produzir de modo contingente um nome de *sinthoma* – um S_1 fora do roteiro da fantasia, isto é, um significante fora da cadeia e que faz função de letra. Significante produzido em análise, seja por efeito de um forçamento introduzido pela interpretação do analista, ou pelo próprio analisante, não importa, o essencial é o que o sujeito pôde extrair do que foi dito. Segundo Miller

⁴³ Eric Laurent diferencia o que ele chama de *nom de fantasme* (nome da fantasia) do nome de *sinthoma*. Cf. Laurent, 2012, p. 17.

(2011a), a interpretação aqui se aproxima do que entendemos como nomeação: “A interpretação, é, por vezes, isso: uma nomeação, a força de um novo nome capaz de recompor em todos os cantos o mundo semântico de um sujeito” (p.11 – tradução livre).

O significante presente na operação de nomeação que fixa certo gozo não se desenrola na cadeia significante representando o sujeito entre um significante e outro, e podemos precisá-lo com o conceito lacaniano de letra, que apresenta a palavra em seu aspecto real. A letra tem como característica não se remeter a nada, pois é alheia à significação, e, justamente, por seu caráter de isolamento, é passível de fixar o gozo. Como a letra pode tornar-se um ponto nodal que produz estabilização e que não deixa o sujeito entregue à experiência de perplexidade do fenômeno elementar?

Como vimos, a construção da fantasia e seu atravessamento extrai do seu roteiro os significantes mestres que contribuem para os modos de satisfação. Quando, na análise, esses significantes já se encontram reduzidos, acrescenta-se um significante novo, fora da cadeia e que tem a ver com o significante da falta no Outro $S(A)$. A redução pode ou não passar pelo nome próprio, mas é preciso que passe pelos restos de identificação, equívocos, homofonia e jogos de palavra. Em vez de seguir em uma significação infinita, há uma redução em análise ao que se repete.

A redução será dirigida então ao traço irreduzível, ao seu não sentido. “Esperamos da análise a **redução do sintoma** à sua parte irreduzível. E quando isso ocorre, não há mais além. Nesse momento, há a solução do tratamento que Lacan chama de identificação ao sintoma” (MILLER, 1997, p.453, grifo nosso).

4.4. PASSE DE SILVIA SALMAN

Não nos interessa aqui discorrer especificamente sobre o dispositivo do passe⁴⁴ de Silvia Salman⁴⁵, mas, sim, fazer uso do que dele pôde ser transmitido a partir da narrativa de sua própria vida e da formalização de sua análise.

⁴⁴ O dispositivo do passe serve àquele que, ao final de sua análise, deseja testemunhar sua passagem de analisante a analista e, caso seu testemunho seja aprovado pelo cartel do passe, o candidato é nomeado Analista da Escola (AE). O dispositivo foi proposto por Lacan no texto intitulado “Proposição de 9 de outubro de 1967, sobre o psicanalista da Escola”. Cf. LACAN (1967), p.258.

⁴⁵ Analista membro da *Escuela de la Orientación Lacaniana* (EOL/AMP) em Buenos Aires e ex-AE (Analista da Escola).

4.4.1. O caminho dos nomes

Diante do título de seu Seminário ... *ou pior*, Lacan (1971-72) nos faz a seguinte pergunta: “Então, o que ocupa esse lugar vazio no título que produzi para prender vocês?” (p. 12). A observação de que “o vazio é a única maneira de agarrar algo com a linguagem permite-nos, justamente, penetrar na natureza desta última” (LACAN, 1971-72, p.12) acentua a importância do vazio como a única maneira de se dizer algo. É assim que optamos por introduzir o tema do Seminário com o qual Lacan nos traz sua formulação acerca do *Há-um* [*Yad'lun*]; e que acreditamos ser pertinente para seguirmos adiante em nossa formulação sobre os nomes em uma análise e, especialmente, sobre o que iremos ver no testemunho de passe de Silvia Salman.

Silvia Salman pôde, ao longo da experiência da análise, localizar a partir de algumas nomeações um gozo que não cessava de se repetir. É este esforço de redução para situar o núcleo de seu gozo que vemos em seu texto denominado “Los nombres posibles de mi locura” (2011a), e, de certa maneira, na maioria dos outros que testemunham seu passe. Foi circunscrevendo seus modos próprios de satisfação tanto no traumatismo da língua quanto no sintoma e na fantasia que ela, no final de seu trajeto de análise, chega em seu nome de *sinthoma*, como consequência de um tratamento possível do gozo, que, por certo, ainda resta.

O sintoma de “fechar a boca até quase desaparecer” (2011a, p.53) que S. Salman denomina de “anorexia”, apresentou-se como um modo de funcionamento libidinal em resposta ao enigma do desejo materno. Até o primeiro ano de vida, não havia nenhuma foto e nenhum dizer por parte daqueles que lhe interessavam, impedindo a menina de constituir um corpo. Tratava-se de uma experiência de alheamento ao corpo próprio fundada na ausência do desejo materno.

A pergunta sobre o rechaço materno insistia em sua análise e demonstrava haver aí um enigma, dado importante para constituição de sua neurose, mas a consistência do Outro materno impedia a entrada da mediação do pai – que, por sua ausência, ajudava a agravar a situação. Até que uma mudança para a cidade de Mar Del Plata implicou também em uma mudança na economia pulsional de seu pai, restituindo-lhe sua potência simbólica e a capacidade de dar um nome ao corpo inanimado da filha.

Diferentemente das duas experiências anteriores, em que a análise se dobrava sobre o laço com o Outro materno em um trabalho incessante em que o inconsciente

cifrava e decifrava incansavelmente, o silêncio do último analista sobre este tema apontou para uma nova direção na análise – a via do pai. Foi só assim que ela pôde trazer o dito paterno e deixá-lo entrar em cena.

A cada olhar de seu pai sobre a foto que retratava sua imagem em uma cena na nova cidade, ele dizia: “meu desenho animado”, dito paterno que vem compor sua rede de escrita e que lhe serve como S_1 , significante mestre que lhe vem do Outro. Palavra e corpo, então, se enlaçam e, articulados com o olhar do Outro, animam a libido de um corpo. Ser “o desenho animado do pai foi o nome que captou a libido produzindo um acontecimento de corpo que ordenou toda uma vida” (SALMAN, 2011, p.54) e trouxe uma notável melhora na anorexia. Assim, o dito paterno, ao traçar seu corpo, aparelha a libido e permite certa ordenação da neurose – que ali já estava, mas passa a se apresentar de forma mais clara pela via do sintoma histérico.

No entanto, o que Salman chama de uma “falha na identificação”⁴⁶ de todo ser falante em sua relação com o corpo teve especialmente para ela a marca inquietante do estranhamento, marca trazida da devastação⁴⁷ materna, que permanece como pano de fundo da nova configuração: a do corpo que escapole, meio fora, meio dentro e, apesar do olhar que anima, permanece vazio de vida. Sem ainda consentir com o gozo que possui, seu corpo toma a consistência fugidia do desenho.

A cena da foto também traz um gozo excessivo do pai, gozo do Outro que se encarna no objeto olhar e lhe serve de suporte ao fantasma, fixando-a num determinado modo de gozo. Objeto a que dá forma ao sintoma de ser “fugidia” e à fantasia de “sentir-se agarrada pelo olhar do Outro”. O Outro que lhe agarrava era o Outro de seu jogo fantasmático, era preciso, então, desaparecer diante deste olhar, denotando uma repetição do mesmo, especialmente no laço com os homens, sendo este o motivo que a levou a iniciar as três experiências de análise.

Uma intervenção em ato do último analista, quando este lhe agarra e lhe diz: “você me provoca isso!”, a faz sair fugida do consultório. Esta intervenção, que recolhe seus efeitos sob transferência, é o que, segundo Salman, esclarece a dimensão ativa da pulsão: “sentir-me agarrada pelo Outro”, declina-se em direção a “fazer-me agarrar pelo Outro” (SALMAN, 2010, p.106).

⁴⁶ S. Salman provavelmente faz aqui referência à formulação de Lacan no *Seminário 23, O sintoma* (LACAN, 1975-76, p.146).

⁴⁷ *Estrago* em espanhol.

A intervenção do mesmo analista nomeando o analista anterior como “fugidio”, pois ela nada conseguia saber sobre sua vida privada, também ajuda a esclarecer algo do traço sintomático e de sua gramática pulsional: não só o analista anterior, mas ela mesma era “fugidia”, na medida em que fazia-se agarrar para fugir. Elucidação que aponta para os seus laços na vida, e que também revela um modo de transferir presente em suas análises.

Durante a última análise, iniciou-se um trabalho através da fórmula “meu desenho animado”, com a qual Salman foi nomeada pelo pai e que a possibilitou extrair a prevalência do objeto olhar. Três elementos destacados desta fórmula merecem destaques: o vivo no animado, que faz contraponto ao gozo mortífero da anorexia ligada ao Outro materno; um corpo que escapole, pois se refere a um desenho animado; e um modo de nomear no masculino, que põe relevo à sua dificuldade de constituir um corpo de mulher.

O abalo libidinal produzido como efeito do trabalho na última análise dava lugar a certas transformações no laço. Ao lhe oferecer uma imagem, “meu desenho animado” serviu como reedição do estádio do espelho. Mas, foi ao perpassar ao longo da análise os significantes que a constituíram, produzindo uma queda das identificações do Outro, que Sílvia encontrou seu traço mais elementar – “encarnada”: significante novo, fora da rede que compõe os significantes de sua história e, ao contrário de “desenho animado”, é um dizer que não mais vem do Outro.

O significante “encarnada” lhe chegou longo tempo após um importante ponto de inflexão na análise e que foi pontuado pelo analista da seguinte forma: “Esclarecimento absoluto do fantasma, disponibilidade da libido, gosto pelo trabalho e saída do impasse sexual. O que mais?” (SALMAN, 2010, p.107). Este foi para Salman um momento de impacto subjetivo, mas para ela ainda faltava se separar de uma satisfação que havia animado toda uma vida. Salman então se perguntou por onde sair. E foi nesta brecha que entrou a interpretação do analista: “você ainda não encontrou o significante desanimado” (SALMAN, 2010, p.109), intervenção que a orientou em direção à saída. Foi justamente no vazio deixado por ela que iniciou-se, assim, um forçamento em direção a um desinvestimento, sobretudo, no que se refere ao objeto olhar, e que iria durar ainda alguns anos.

Em determinado sonho, lhe vem o significante “encarnada” como um último significante, e, a partir daí, o silêncio se instala. A partir de agora, segundo a intervenção do analista, não haveria nada mais a dizer, e agora ela poderia falar, o que lhe possibilita

falar do ato que é terminar uma análise. Neste tempo de desinvestimento, não se tratava de encontrar “o” significante, mas sim de se “encontrar com a evidência de que o significante estava no, fim, desanimado” (SALMAN, 2010, p.110). Tal impacto lhe permitiu alojar o “encarnada” no furo que se traçou, “é a escritura que surge no lugar do vazio quando a cadeia significante separou-se e a repetição encontra um limite” (SALMAN, 2010, p.110).

4.4.2. Quando o sintoma se torna nome

Na análise produzir-se-ia *um* dizer que viria, como vimos no testemunho acima, a partir de uma aposta em algo novo. Ao propor, em sua interpretação, que ela encontrasse um “significante desanimado”, o analista faz uma aposta em direção ao desinvestimento do significante, que a direciona tanto para o vazio de significação do significante quanto para o seu *nonsense*. Aposta que é comprada pela analisante, que se lança em algo imprevisível e incalculável, situação que produz um significante, um “forçamento” como diria Badiou (1994b): “o forçamento é a potente ficção de uma verdade *acabada*. [...] A partir de tal ficção, posso forçar saberes novos, mesmo sem ter verificado estes saberes” (p.48).

O analista propicia a situação para o forçamento, e quando o significante surge, ele será atribuído ao analisante. No entanto, Badiou não deixa de assinalar que há sempre um ponto real que resiste ao forçamento, que ele chamará de “ponto de inominável” (p. 49).

Ao se deter no título de seu Seminário ... *ou pior*, Lacan (1971-72) propõe que a partir do vazio venha *um* dizer, o que não é o mesmo que “o” dizer, pois ao “esvaziar o verbo” [*dire*] faz dele “um argumento, isto é, uma **substância**. Não é *dizer*, mas **um** dizer” (p.12, grifo nosso). Este *um* dizer se apresentaria como uma escrita diferindo de todos os outros ditos, que se figuram como repetição incessante presente na rede significante, ou seja, significante isolado que se apresenta como letra por não participar da cadeia significante.

A teoria analítica vê despontar o Um em dois de seus níveis. Primeiro nível: o Um é o Um que se repete. Está na base de uma incidência suprema no falar do analisando, que ele denuncia por uma certa repetição, em relação a uma estrutura significante. Por outro lado, ao considerar o esquema que dei do discurso analítico, que é que se produz a partir da instauração do sujeito no nível do gozo de falar? O

que se produz no chamado estágio do mais-de-gozar é uma produção significativa, a do S_1 . Outro nível do Um, cuja incidência me imponho o dever de fazê-los perceberem.

[...] O Um de que se trata no S_1 , aquele que o sujeito produz, ponto ideal, digamos na análise, é, ao contrário do que se trata na repetição, o Um como Um só [*Un seul*]. (LACAN, 1971-72, p.158-159).

O Um não é um significante entre outros, ele *ex-siste* à cadeia dos outros uns que podem ser contados. É porque tem o zero que é possível de se contar⁴⁸. É preciso, então, excluir algo para que seja possível contar um. O que constitui o Um é ele ser designado como distinto, sem outra referência qualitativa, e só começar a partir de sua falta (LACAN, 1971-72). A teoria dos conjuntos serve a Lacan neste ponto, que é o de restabelecer o estatuto do número, levando-o à valorização do que ele chama de não enumerável ou, mais precisamente, de “impossibilidade de enumerar” (LACAN, 1971-72, p.138).

Deste modo, o Um, que é do campo do uniano, diverge do traço unário trazido por Lacan no Seminário da identificação, pois este se ligava à contagem e à repetição e se fundava, sobretudo, no suporte identificatório ao campo do Outro e do Ideal do eu. A partir disso, propomos uma questão de certo modo retórica: o Um, por não ter o suporte identificatório no Outro e por se fazer a partir do vazio, não precisaria de uma estrutura prévia para se estabelecer como Um?⁴⁹

Pois bem, Lacan (1964-65) ao fim de seu seminário *Problemas cruciais para a psicanálise* – após ter trabalhado o caso Philippe, de Serge Leclaire, e ter discutido as teorias de Frege e Russel –, se pergunta o que seria próprio do nome. Indica que na estrutura mesmo do nome próprio o essencial é percorrer alguma coisa além do pretense nome particular que seria dado ao indivíduo. Refere-se ao nome próprio como sendo algo que tem a propriedade de ser uma colagem:

O nome próprio vai sempre colocar-se no ponto em que justamente a função classificatória tropeça, não diante de uma enorme particularidade, mas ao contrário, diante de uma rasgadura, a falta, propriamente esse buraco do sujeito, e justamente para suturá-lo, para mascará-lo, para colá-lo. (LACAN, lição de 07/04/65)

⁴⁸ A dedução lógica pela qual G. Frege derivou a existência do 1 a partir do 0, é trazida aqui somente através das leituras de J. Lacan e A. Badiou.

⁴⁹ Expomos esta questão, que julgamos pertinente, mas somente podemos apontar que tanto para Lacan (2012) neste *Seminário 19, ...ou pior*, quanto para Allan Badiou (1996), o sujeito é produzido por um acontecimento e não por efeito de uma estrutura (discurso).

Lacan toma o exemplo do nome próprio do caso Philippe⁵⁰ – POOR(d)J'e-LI" – que é uma colagem de elementos diversos, e tenta buscar o sentido que essa palavra teria para uma costureira ao “decompor o tal pontilhado da roupa, ou tal manga, a função das pequenas letras destinadas a mostrar com que cada coisa será costurada” (lição de 07/04/65). E diz que é a partir desse artifício que se pode apreender a “função de sutura artificial” (lição de 07/04/65). No entanto, adverte que isso não se faz no mesmo ponto, nem com o mesmo objetivo, no neurótico, no psicótico, e no perverso.

A análise de Frege, que deduz o Um a partir do zero como efeito de uma inferência lógica, interessa também a Lacan por introduzir um problema homólogo ao do campo da psicanálise: como é possível que o ser do sujeito seja a sutura de uma falta? Lacan infere o ser do sujeito a partir do que “falta ao significante para ser o Um do sujeito” (IANNINI, 2009, p.3). Ao atribuir o termo sutura à operação de construção do nome próprio, Lacan não se referia necessariamente ao *sinthoma* de fim de análise, mas, de algum modo, podemos fazer uso do que ele chamou de colagem para pensar o que está em jogo no nome recortado por Sílvia Salman como Um que *ex-siste* à cadeia significante e que circunscreve o real.

Partindo da seguinte pergunta de J.-A. Miller⁵¹: “como é possível tocar o real?”, Jimenez (2012) nos aponta que o real existe no significante isolado separado de sua significação, e é assim que J.-A. Miller interpreta o enunciado lacaniano “*Há-um*”, significante isolado que se inscreve no corpo como letra de gozo produzida através de restos sintomáticos. Jimenez (Ibid.) esclarece que, a partir dessa formulação de Lacan sobre o *Há-um*, o percurso analítico não é mais compreendido somente por intervenções que se dobram no deciframento de significantes, mas, particularmente, por ler a letra de gozo que teria sido escrita como traumatismo no encontro do sujeito com o gozo.

O nome “encarnada” é uma montagem de restos, é essa espécie de colagem⁵² na qual há uma troca no regime de gozo presente antes na fantasia. Isso se dá quando o sujeito pode tomar alguma distância da satisfação que retirava de seu arranjo fantasmático, o que é diferente de dizer que ela desapareça por completo. “Encarnada” é o nome que circunscreve o gozo do sujeito, que excede o que é experienciado na fantasia. O *sinthoma* do fim de uma análise nomeia algo do que resta de sem sentido no aparelhamento do gozo.

⁵⁰ A quem se interessar pela discussão do caso Philippe de Serge Leclair, além do próprio texto de Lacan, recomendamos o texto de BASTOS E MOLLICA (2015). “O sentido da interpretação”. Inédito.

⁵¹ Em seu Curso de Orientação Lacaniana “O ser e o Um” (2011b).

⁵² A colagem nesse caso não é feita de elementos dispostos metaforicamente.

Nessa nova montagem *sinthomática* está presente o corpo, o vivo e o feminino, e é com ele que Salman aceita concluir a análise, dando-lhe um outro modo de viver a pulsão. Na análise, seria buscada a produção de uma escrita na fala, *um* dizer que difere do dizer infundável da repetição. “Encarnada” é, então, a letra que cai de um sintoma que “não está mais obrigado a roubar o gozo às escondidas na fantasia” (SALMAN, 2011a, p.55) e que escreve uma presença de corpo – que permanece, de certa forma, ausente, mas que “não precisa mais desaparecer para ser” (SALMAN, 2011a, p.55). Testemunha, assim, a satisfação de se ter um corpo ao consentir com seu gozo.

5. SABER-FAZER COM LALÍNGUA

Criamos uma língua na medida em que a todo instante damos um sentido, uma mãozinha, sem isso a língua não seria viva. Ela é viva porque a criamos a cada instante.

Jacques Lacan

Vimos no testemunho de passe de Silvia Salman, no capítulo anterior, como sua nomeação é ligada a uma letra de gozo, escrita como traumatismo no encontro do sujeito com o gozo, formulação extraída das elaborações de Jimenez (2012) sobre o curso *O ser e o Um*, de Miller (2011b). Assim, podemos dizer que a nomeação pode ser entendida como um trabalho com *lalíngua*, em um modo de bricolagem de restos sintomáticos.

Temos como referência nesse capítulo a única lição do Seminário dos *Nomes do Pai*, o Seminário, livro 22, *RSI* e o Seminário, livro 23, *O sinthoma*. De início, discutiremos a pluralização dos Nomes-do-Pai e a incidência do significante traumático no ser falante, com as consequências da introdução do conceito de *lalíngua* na estrutura da linguagem, o que vai levar em conta o gozo do *falasser*. E, por último, traçaremos alguns caminhos para clarearmos as ligações da nomeação com o sinthoma.

A pluralização dos Nomes-do-Pai, juntamente com o acento do lugar do *falasser* em relação ao do sujeito do significante e a reordenação da estrutura da linguagem com a entrada de *lalíngua*, articulam o Nome-do-Pai e a nomeação. A partir desse novo arranjo teórico, é possível, segundo Lacan, reduzir o Nome-do-Pai em sua função radical, o que vai nos possibilitar dizer que a nomeação é diferente da comunicação.

Podemos seguir, então, na tese lacaniana de uma pluralização dos Nomes-do-Pai, explicitada parcialmente, mas não de forma exclusiva, no Seminário *Introdução aos Nomes-do-Pai* de 1963, no qual é abordada a teoria da nomeação. O tema é conduzido com grande reserva por Lacan, já que tocaria nos limites do complexo de Édipo, no mito paterno e na tradição judaico-cristã, juntamente com sua crença no “Deus-Pai”, referido

no Antigo Testamento e designado anteriormente pelo próprio Lacan como Nome-do-Pai.

Após o seu anúncio, esse tema provavelmente lhe custou a “excomunhão” da Associação Psicanalítica Internacional. Apresentou a primeira e única lição do Seminário sobre os *Nomes-do-Pai*. A continuação deste seminário no Hospital *Sainte-Anne* foi interrompida precocemente, devido ao desligamento de Lacan da função de didata por parte de seus colegas da comissão francesa dos analistas didatas ligada a IPA. François Regnault (1997) assinala que o conceito de Nome-do-Pai se torna cada vez mais importante para Lacan à medida que seu ensino progride. Por ter uma importância crucial, Lacan queria lhe dedicar um ano inteiro de seminário, mas foi impedido de seguir adiante e nunca mais voltou ao assunto.

O ponto de entrada dessa lição única do Seminário de 1963 é a indicação de Lacan quanto à possibilidade de Deus se designar não somente com um único nome, mas com uma série deles, daí a sua pluralização.

Lacan (1963) faz referência à passagem do *Êxodo*⁵³ em que Moisés pergunta a *Eloim*, o Deus que lhe fala na sarça ardente, qual seria o seu nome, e obtém a seguinte resposta: “Eu sou aquele que sou” (p.77). Segundo Lacan, não há nenhum outro sentido a atribuir a esse *Eu sou* a não ser o Nome *Eu sou*, estaríamos então diante de um nome asemântico que reenvia a ele mesmo.

G. Caroz (2006) afirma tratar-se de YHVH, nome impronunciável por só conter consoantes. O nome impronunciável produz um furo na cadeia significante em relação ao significado, um furo no lugar do nome de Deus e que ressoa com a pluralização que faz Lacan dos Nomes-do-Pai.

Em seu “Comentário do seminário inexistente”, J.-A. Miller (1992) revela o segredo guardado no próprio título da conferência de Lacan, a saber, “o Nome-do-Pai não existe” (p.13), o que nos faz pensar ser ele uma construção e não algo inicialmente dado no “Outro do significante”. Os Nomes-do-Pai devem ser tomados como uma pluralidade que rodeia uma função. Uma preciosa indicação nos é, então, oferecida: a de ficarmos atentos na clínica para o que pode funcionar como Nome-do-Pai para cada sujeito (p.20-21).

Lacan havia dado início a sua elaboração sobre os três registros da experiência psíquica em uma conferência denominada “Simbólico, imaginário e real”, em 1953. Sua

⁵³ Lacan tem nesta passagem a referência ao capítulo III do *Êxodo* (Antigo Testamento).

construção se estendeu ao longo de seu ensino até as formulações nos anos setenta, que resultaram em sua elaboração do nó borromeano. O nó, retirado da topologia, é utilizado por Lacan na articulação entre os três registros da experiência psíquica, que se apresenta como a condição necessária para que a realidade se constitua.

Diferente de um modelo, o nó é justamente o que não visa à representação. Lacan foi levado à mostraçãõ deste nó para apresentar de forma manipulável e concreta o fazer analítico (LACAN, 1974-75). É feito com o mínimo de três elos, dois superpostos, um sobre o outro, e um terceiro que faz uma costura entre os outros dois, mantendo-os unidos ao enlaçá-los. Costura feita de uma dada maneira, sem que nenhum elo fure o outro (enganche no outro). O furo se produz no próprio movimento da trança de forma intervalar. Está aí uma das propriedades do nó borromeano.

O nó serve, assim, de “suporte material para podermos pensar o que é uma relação em cima de um fundo de não relação generalizada” (VIEIRA, 2007)⁵⁴. A partir da não-relaçãõ⁵⁵, Lacan concebe o nó borromeano como um laço entre o simbólico, cuja característica é o furo; o imaginário que mantém tudo junto ao lhe dar consistência; e o real como aquilo que ex-siste aos outros dois.

A outra propriedade do nó borromeano consiste em que, ao cortar qualquer um dos elos, os outros necessariamente se soltarão, e este fato independe de serem três ou mais elos (LACAN, lição de 10/12/74). Demonstra-se, dessa maneira, a equivalência atribuída aos três registros, e não mais a primazia de um deles, como aquela dada por Lacan ao simbólico nos anos cinquenta.

O caminho em direção à pluralização dos nomes encontra espaço dentro da teorização lacaniana. Para seguirmos adiante, faz-se necessário pontuar a importância de do conceito de lalíngua e de furo, fundamentais para o que iremos articular sobre a nomeação e sobre a entrada da topologia dos nós.

O primeiro conceito é o de *lalíngua*, tradução do neologismo francês *lalangue*, cunhado por Lacan em 1972 no Seminário *o saber do psicanalista* (BASTOS e FREIRE, 2006). Lalíngua se apresenta através de significantes desconexos e ligados ao gozo; é,

⁵⁴ Fala proferida por Marcus André Vieira, registrada em ata, no âmbito do seminário *Noiato*, da Unidade de Pesquisa Práticas da letra, ICP-RJ da Escola Brasileira de Psicanálise, em 22 de março de 2007.

⁵⁵ O impossível da relação sexual é trazido por Lacan em sua fórmula “não há relação sexual” (1972-73), o que significa que essa relação não pode ser escrita ou que não há medida no sexual que defina essa relação. Essa impossibilidade é demonstrada como desencontros, descompassos e traumatismos presentes nos encontros entre os sexos. Mas é a partir da formulação dos nós borromeanos, em seu Seminário sobre o *sinthoma*, que Lacan (1975-76, p.94-98) afirma haver relação desde que não haja para isso equivalência ou proporção sexual.

desse modo, “constituída de detritos que ressoam da língua falada pelo Outro” (Ibid, p.109). Trata-se de significantes isolados, que tem efeito traumático por serem impostos pela fala no encontro com o Outro, e que recebemos de forma enigmática, produzindo efeitos que afetam o nosso corpo (LACAN, lição de 11/06/74). Formulação que marca a contingência do corpo que fala e goza, e que traz o conceito lacaniano de falasser [*parlêtre*] como aquele que leva em conta o corpo que pulsa, enigmático, do qual sempre se terá um descompasso.

Diante dos significantes isolados, detritos de fala ainda não articulados em cadeia, torna-se necessário um trabalho sobre *lalíngua* para que os seres falantes possam comunicar algo. Mas nem tudo é passível de ser comunicado em termos de saber. Nesta via, Lacan (1972-73) traz uma nova concepção da linguagem, transformando-a em uma “elucubração de saber sobre *lalíngua*” (p. 190). Podemos dizer que este conceito marca uma reviravolta importante na estruturação da linguagem: desde a concepção do inconsciente circunscrito na ordem simbólica até o encontro com o não sentido da linguagem. O inconsciente passa a ser considerado “um *saber-fazer* com *lalíngua*”, o que não vai contra a proposição do inconsciente estruturado como uma linguagem. O inconsciente estruturado como linguagem se dará quando ele se “estruturar sobre essas marcas de gozo” (BASTOS e FREIRE, 2006, p.110). A linguagem, a princípio, não existe, a linguagem como articulação significativa e produtora de sentido é secundária à *lalíngua*.

Em seu seminário *RSI*, Lacan (1974-75) se pergunta se o Nome-do-Pai é indispensável para enlaçar os três registros; recorre então a Freud e ao seu conceito de realidade psíquica, que podemos também chamar de complexo de Édipo. Entretanto, nos oferece o caminho para a pluralização: repousa a ênfase do Nome-do-Pai sobre sua função de nomeação. O pai como nome, representante da lei, estreitamente vinculado à teoria edípica, abre espaço ao pai nomeante (lição de 15/04/75), e é na “ação suplementar” que o encontramos em sua função radical.

Ao que chegamos, então, é que, para demonstrar que o Nome do Pai nada mais é que esse nó, não há outro modo de fazê-lo senão se os supondo desatados. [...] A partir daí, qual a maneira de atar essas três consistências independentes? Há uma maneira, que é esta, a que chamo de Nome do Pai. É o que faz Freud e, ao mesmo tempo, reduzo o Nome do Pai à sua função radical, que é a de dar um nome às coisas, com todas as consequências que isto comporta, até o gozar notadamente (LACAN, lição de 11/03/75).

O pai como nome não é o mesmo que aquele que nomeia (LACAN, 1975-76, p.163); veremos, então, algumas consequências da redução indicada. Sabemos que o Nome-do-Pai é o que dá nome às coisas, entretanto, ao reduzirmos o Nome-do-Pai em sua função radical, mesmo que não produza o efeito de significação, é possível aqui nomear.

Mas se o Nome-do-Pai é uma exigência da linguagem na medida em que amarra a cadeia significante, como pensar, então, sua pluralização? O que pode, a partir daí, fazer a função de ponto de basta e a de organização do aparelho de linguagem?

5.1. NOMEAÇÃO COMO ATO

O sintoma, desde Freud, assinala duas vertentes, a via do sentido, e também sua satisfação pulsional, o que indica a relação do sintoma com o real. Sentido e gozo são dois aspectos do sintoma intimamente ligados à função do pai, uma vez que o pai permite tratar o gozo pelo sentido. Mas, frente à impossibilidade do Nome-do-Pai em tudo nomear e com a possibilidade de sua pluralização, como então poderemos tocar, via simbólico, o real do gozo do sintoma?

No ensino de Lacan dos anos cinquenta, o Nome-do-Pai é o que ordena o sistema de significações e estrutura a linguagem a serviço da comunicação. Isto se articula à clássica função de nomeação que está perfeitamente situada na língua (BASZ, 2006). Entretanto, quando Lacan trata da nomeação como ato, ele já faz uso de seu conceito de *lalíngua*, de acordo com o qual a fala serve ao gozo e não à comunicação referida ao Outro do senso comum. O que leva Zenoni (2011) a afirmar de forma contundente que nomear é não dialogar com o Outro – o que não significa que o Outro como estrutura possa desaparecer.

Nessa via, no último ensino de Lacan⁵⁶, a função primordial do Nome-do-Pai não é associada à articulação entre simbólico e imaginário, como na metáfora, mas entre simbólico e real. Encontra-se aí um importante redirecionamento da própria clínica psicanalítica, sobretudo, para os casos de psicose.

⁵⁶ “O último ensino de Lacan” é uma expressão utilizada por Jacques-Alain Miller para referenciar o ensino de Lacan nos anos setenta, marcado principalmente pelos nós borromeanos, a partir de seu seminário, livro XX, *Mais ainda*. Para um maior esclarecimento sobre o termo, ver J.-A. Miller (2003b).

Nomear designa o efeito do simbólico, enquanto ele aparece no real (MILLER 2006, p.26). Segundo Lacan, “o próprio do sentido é que se nomeie aí alguma coisa e não que se faça compreender” (lição de 11/03/75), ou seja, no ato de nomeação não se trata de comunicação, pois aqui o sentido se funda ao amarrar alguma coisa de real. E é o efeito de sentido real que Lacan busca precisar em seu seminário *RSI*.

O efeito de sentido a se exigir do discurso analítico não é imaginário, não é simbólico, é preciso que seja real. [...] É dizer que é nisto que devemos nos fiar para que o **dizer faça nó**, diferente da palavra que muito frequentemente desliza, deixa deslizar [...] (LACAN, lição de 11/02/75, grifo nosso).

O dizer como ato difere da palavra como fala. Mas, como é possível o “dizer fazer nó”? Como enlaçar significante e real? Para o “dizer fazer nó” é necessário desatrelar o ato de nomeação de uma organização prévia da linguagem, relação em cadeia expressa no par significante S_1 - S_2 enfatizada na teoria lacaniana até a formulação do conceito de *lalíngua*. A partir daí, Lacan (1972-73) pensa o simbólico como um enxame de S_1 inicialmente desencadeados e depositados em *lalíngua*. Deste modo, a linguagem não se encontra previamente articulada e é possível extrair de *lalíngua* um S_1 ligado ao gozo – isolado e, portanto, desprovido de significação. Podemos dizer, aqui, que o S_1 sozinho é a letra que fixa o gozo.

A “nomeação é o quarto elemento” (LACAN, lição de 13/05/75) que amarra os três registros ao articular o significante ao gozo, localizando-o. E é justamente a localização do gozo a partir de uma operação significante que marca uma outra consequência em reduzir o Nome-do-Pai em sua função de nomeação.

5.2. NOMEAÇÃO COMO SINTHOMA

O Nome-do-Pai transmite uma filiação simbólica que nos insere em uma ordem significante. A questão do pai aparece na psicose como tema crucial, pois o psicótico não teria como responder à questão das gerações, na medida em que o significante pai é o que proporciona uma ordem na linhagem, ao produzir uma série (LACAN, 1955-56, p.359). E, por não ter acesso ao significante paterno, a questão da geração está sempre prestes a surgir “como uma tentativa de reconstruir o que não é admissível para o sujeito

psicótico” (1955-56, p.344). Ele nos mostra que a existência do Pai e do Outro não estão dadas de antemão, e que às vezes é preciso um delírio de filiação para que ele possa produzir a ordem geracional. Mas será possível ao psicótico construir uma filiação que não seja pelo delírio? Se a desfiliação do psicótico nos mostra que o pai não é prévio, podemos dizer que ao se criar um nome, o psicótico estaria, com isso, inventando um pai?

Prescindindo da análise, veremos em Joyce um percurso para fazer-se um nome a partir de seu trabalho de escrita, e foi com Joyce que Lacan (1975-76) introduziu a possibilidade de fazer-se um nome próprio sem que este seja transmitido pelo Outro.

A topologia dos nós é um esforço para conceber uma montagem fora da referência ao Outro (SKRIABINE, 2009). Mas, se a hipótese do inconsciente só se sustenta supondo o Nome-do-Pai - na medida em que é necessário sua inscrição no Outro para que podemos falar de inconsciente - como então prescindir do pai, com a condição de dele se servir (LACAN, 1975-76)?

O estudo de Lacan sobre a obra de Joyce em seu Seminário 23, *o sinthoma* (1975-76), nos permite pensar nessa direção. Segundo Lacan, foi isto que ocorreu a Joyce ao fazer-se um nome através de um artifício de sua escrita. Lacan indica que, na dimensão da nomeação, o nome próprio pode ou não vir a ser reconhecido pelo seu portador.

A elaboração anterior de Lacan acerca do pai que nomeia, tido como o quarto elemento necessário para enlaçar os três registros, é absorvido aqui com outro nome que lhe é equivalente. No que concerne a Joyce, o *sinthoma* seria o quarto elo que evitaria a desamarração de seu nó. Lacan, assim, equivale à noção de *sinthoma* a função do Nome-do-Pai, aquele que nomeia: “O complexo de Édipo é, como tal, um sintoma. É na medida em que o Nome-do-Pai é também o Pai do Nome, que tudo se sustenta, o que não torna o sintoma menos necessário” (LACAN, 1975-76, p.23). Assim, o *sinthoma* é o suplemento que sustenta o enodamento dos três registros, de modo que o nó borromeano de três desaparece como tal, afirma Lacan (Ibid., p.41). Apesar de em um outro momento o nó de três ser definido como o “suporte de todo sujeito” (Ibid., p.52), ele fica referido ao nó da paranoia, sem, no entanto, ser borromeano. Além disso, na paranoia, os elos apresentam-se instáveis e em continuidade, o que impossibilita a diferenciação dos três registros, com todas as consequências disso para o sujeito.

Lacan chama o suplemento que enoda os três registros de *sinthoma*, pois acredita ser este mais conveniente para se referir a Joyce. Ao nomear “*Joyce, o sintoma*”, Lacan estaria nomeando uma experiência de gozo singular por meio da linguagem e lhe ofereceria o nome que ele reconheceria como próprio (MANDIL, 2003, p.208), pois Joyce seria aquele que “se identifica ao ‘individual’, chegando ao ponto de encarnar nele mesmo o sintoma, através do qual ele escapa de toda morte possível” (LACAN, 1975, p.163). E foi precisamente através do nome, intermediado pelo caráter inédito de sua última obra no campo da literatura, que Joyce quis ser alguém que sobrevivesse como nunca.

Seria preciso continuar esse questionamento da obra maior e última, da obra para a qual, em suma, Joyce reservou a função de ser seu **escabelo**. Porque, desde o começo, ele quis ser alguém cujo nome, muito precisamente o nome, sobrevivesse como nunca. Como nunca quer dizer uma data. Nunca se havia feito literatura assim. (LACAN, 1975, p.161, grifo nosso)

A dimensão parasitária da fala revela o caráter de exterioridade do aparelho de linguagem que permanece velado ao neurótico. Lacan destaca em Joyce algo que lhe é de algum modo imposto e presente em seus escritos: “No que concerne à fala, não se pode dizer que alguma coisa não era, para Joyce, imposta” (1975-76, p.93). Sugere uma falha na ordem de transmissão das gerações atribuída a uma “carência paterna” devido a uma *Verwerfung* (Ibid., p.86).

O curioso é o destino dado a essa *Verwerfung*: Joyce faz uso do que lhe é imposto e constrói um nome à custa do pai. Certa inadequação de Joyce em relação ao seu nome próprio é percebida em seus escritos. O nome para ele é alguma coisa estranha, como nos diz Lacan.

Com o que se impõe do parasitismo paterno, Joyce responde com a mestria no trato com a linguagem, constrói um nome e, apesar da ausência de inscrição do significante paterno, dele se serve na função de nomeação. É nesse ponto que Lacan se deteve ao fazer uso da escrita de Joyce e da topologia dos nós. Se a inscrição do significante paterno é o que condiciona a crença no Pai (LACAN, 1957-58a), a topologia dos nós é o que nos permite pensar enlaçamentos dos três registros sem que necessariamente sejam atribuídos ao Nome-do-Pai – ou seja, que não passam pela crença no Pai. É neste sentido que o nó pode ser apreendido, como diz Lacan, como sendo o negativo da religião (Idem, 1975-76, p.36).

Segundo Lacan (1975-76), a “ideia de si como corpo” (p.146), uma noção precisa e singular ao que costumamos chamar de ego, se revela, a princípio, em Joyce através da relação de alheamento ao corpo próprio que, por vezes, é *deixado cair*, o que indica um comprometimento no imaginário do corpo. Joyce, então, constrói artesanalmente um ego que lhe faz consistir um corpo através de seu nome como escritor que, segundo ele, daria trabalho aos universitários por trezentos anos. Isto indica que a escrita é essencial para o seu ego.

Um ego que lhe serve de quarto elo do nó – mas um nó que não é enlaçado borromeamente, pois se retirarmos o elo do imaginário, o simbólico e o real permanecem atados, contrariando uma das propriedades do nó borromeano. O ego vem restaurar a relação faltante de Joyce com o corpo próprio, mas não se trata de um ego que se estruture narcisicamente, ou seja, as coordenadas não são oferecidas pelo imaginário e, sim, por uma escrita do nome. Um artifício de escrita que circunscreve o real através do simbólico e, ao fazer laço com o Outro através da publicação de *Finnegans Wake*, contribui para a estabilização do nome de James Joyce.

Na conferência sobre Joyce, Lacan (1975) – ao lançar a hipótese de que o sintoma pode ganhar estatuto de nome próprio para o psicótico e, com isso, ocupar o lugar do Nome-do-Pai como mais um de seus nomes – oferece elementos para considerarmos que o sintoma pode vir a ser o verdadeiro nome próprio do sujeito. Nessa via, por meio da leitura da obra, Mandil (2003) percebe que o “James Joyce” que assina *Finnegans Wake*, sua última obra, não é o mesmo “James Joyce” assinado em cartório, pois, a partir dessa, se terá atravessado uma experiência de gozo por meio da linguagem, agora associada à experiência literária (p.181).

No caso específico da psicose, o sintoma, ao ganhar estatuto de nome próprio, serve “como algo fundamental para a consistência da realidade psíquica de um sujeito, sem a qual este estaria condenado a uma derrapagem que terminaria no delírio” (MANDIL, 2003, p.208). Encontramos aqui um ponto de grande pertinência para a nossa elaboração, na medida em que o sintoma, com o estatuto de nome próprio, ou em outras palavras, o sintoma em sua função de nomeação, pode vir a funcionar como um ponto de basta ao impedir que o psicótico se lance pela via delirante,⁵⁷ quando o delírio é tomada por um fluxo ininterrupto. E também para o neurótico, pois a saída oferecida

⁵⁷ Isto não impede de considerarmos que a via do delírio também proporciona pontos nos quais uma significação delirante possa proporcionar alguma amarração.

pela nomeação poderá, entre outras coisas, bastar a deriva das palavras em uma análise e redimensionar a economia de gozo. Poderíamos dizer, assim, que a nomeação ou o sintoma com estatuto de nome próprio, poderia fazer, em alguma medida, o psicótico habitar a linguagem.

É possível uma nomeação sem que ela seja atribuída pelo Outro? Esta é a questão que nos leva à abordar a construção do nome em James Joyce.

Seguindo a formulação de R. Mandil (2003), haveria uma dificuldade do autor Joyce em ser reconhecido em seu ser pelo nome que lhe foi herdado, ou seja, pelo seu nome patronímico. De forma manifesta em sua obra, observa-se também toda uma dificuldade do jovem personagem Stephen em se inscrever na tradição paterna, principalmente nos trechos em que sua exaustão frente à voz do pai é explicitada.

Em *Um retrato do artista quando jovem*, Stephen repete os nomes para si mesmo como último recurso para assegurar sua identidade, quando é impedido até mesmo de reconhecer seus pensamentos:

Eu sou Stephen Dedalus. Estou andando ao lado do meu pai cujo nome é Simon Dedalus. Estamos em Cork, na Irlanda. Cork é uma cidade. Nosso quarto fica no hotel Victoria. Victoria e Stephen e Simon. Simon e Stephen e Victoria. Nomes. (JOYCE, 2006, p.103)

Nessa passagem do livro de Joyce, Mandil chama a atenção para o encadeamento narrativo que culmina no isolamento da palavra “Nomes”, como se fosse uma pontuação, e observa que a necessidade desse artifício sugere um abalo na própria essência que compõe os nomes para Joyce.

Outra abordagem possível da nomeação em Joyce é a forma peculiar de seu *alter ego*, Stephen Dedalus, nomear as coisas do mundo que, a princípio, não tem o menor significado para ele. Uma hipótese seria que Joyce não compartilharia o código da língua dentro da referência fálica, e por isso não encontraria o significado correspondente a determinadas palavras. O fato é que seu *alter ego* se embaraça diante de certos enigmas aos quais não encontra uma resposta.

Este é o caso da passagem de *Um retrato do artista quando jovem*, quando Stephen Dedalus é impelido por seus colegas a responder se beija sua mãe antes de ir para a cama, ficando perplexo diante da ausência de significado da palavra beijo. Stephen tenta descrever com detalhes e mecanicamente o ato de beijar, mas isto não é

suficiente. Como nos indica Mandil (2003), é através de um de seus artifícios inventados a partir da dimensão parasitária da fala – o uso do som e do objeto voz em seus textos, no qual se utiliza da referência à assonância e aborda o objeto pela via do som, e não do sentido –, que Stephen Dedalus utiliza, como solução, de sua descrição acerca do beijo. A explicação mecânica e insólita acerca do beijo finaliza com um “barulhinho mínimo: kiss” (JOYCE *apud* MANDIL, 2003, p.217). Stephen serve-se, então, do som de *kiss* para bastear os possíveis sentidos da palavra (Ibidem) e nomear o que seria o beijo. Sendo assim, é por essas e por outras que aprendemos com Joyce como é possível nomear sem o referente da língua ligado à significação fálica.

5.3. USOS DA LÍNGUA – Fragmento clínico⁵⁸

Retomaremos um caso discutido em outra ocasião para, na discussão atual, privilegiar o uso que Mário faz da língua, e esclarecer de que modo ela está implicada na invenção de seu nome.

Ao longo das entrevistas chama a atenção o uso particular de “metáforas” em meio a um discurso bastante coerente. Mário diz ter o costume de falar por metáforas, pois estudou o assunto por quatro anos. “Elas servem para eu não dizer a verdade”, diz. Embora ele tenha dito isto, ao ouvi-las, ficamos impelidos a perguntar: “Por que me mentes dizendo a verdade?”⁵⁹. Ao comentar uma inovação em sua igreja, diz estar esperando por isso “há dois mil anos”. Estranho sua fala e logo ele se corrige e diz ser há dois anos. Em outra ocasião, refere-se a “lembranças” de uma igreja do século I d.C., falando como se já estivesse lá. Dentre estas, aparece a sua grande “metáfora”, que é a de se nomear como “um romano”. Entretanto, parece que ele as utiliza com uma função diversa da forma usual, com o intuito de fazer irromper um *nonsense* no contexto da frase. É um uso da metáfora diferente do que conhecemos na neurose; parece aproximar-se mais da concepção de Lacan do neologismo, no sentido de criar uma estagnação no reenvio da significação, uma espécie de “chumbo na malha” (LACAN, 1955-56, p.44) na rede do discurso do sujeito. Apesar de essas “metáforas” apontarem estruturalmente

⁵⁸ Aqui retomamos apenas um recorte do caso que foi trabalhado em nossa Dissertação de Mestrado. Cf. FREDERICO, 2008.

⁵⁹ Cf. LACAN, 1964, p.264, “Posfácio”. Lacan faz alusão ao *witz* judaico comentado por Freud (1905) em “Os chistes e sua relação com o inconsciente”.

para a assinatura do delírio, não sinaliza que a direção do tratamento deva seguir pela via imaginária, ou seja, pela construção de sentido através do delírio.

Mário interessa-se especialmente pelo latim – segundo ele, a sua “língua verdadeira”, uma língua antiga que lhe possibilita relacioná-la com o português e, com isto, poder escrever no português algo de latim. Afirmo ter sido o latim que o levou a estudar a Roma Antiga e o fato de, frequentemente, se situar em determinados episódios da história: “não faço muito intervalo entre hoje e a antiguidade, eu falo a mesma língua. O latim me aproxima daquela época”. Diz ser “romano” por conta da língua. Encontramos então aqui dois elementos fundamentais sobre os quais podemos aventar a hipótese da estabilização de sua psicose: o primeiro é o uso do latim e o segundo é o ato de nomear-se como “romano”.

O latim como elemento a ser seguido, ou seja, como direção do tratamento, não pôde ser revelado sem antes o tratamento passar pelo o que o próprio paciente chama de “triângulo das bermudas”.

Logo que começam as entrevistas iniciais, Mário apresenta fortes crises de angústia fora e, por vezes, dentro das sessões. Geralmente, quando algum tema mais delicado é abordado, ocorre dormência no braço e no ombro esquerdo, náuseas e sensação de desmaio que, por vezes, o levam a deitar-se no chão antes de ter uma queda. Além disso, faz referências a capturas imaginárias das doenças de semelhantes e mantém uma peculiar relação de dependência com os medicamentos que vem tomando para os seus ataques de pânico.

Após um ano de tratamento, pôde falar mais detidamente do latim, apesar de demonstrar que uma aposta do tratamento por este caminho não se daria sem dificuldades. Retoma seus escritos e leituras que havia “queimado” ao entrar na igreja. Leituras sobre um escritor e filólogo que inventou línguas e lhes deu um contexto, ao contrário do aramaico, que era desprovido deste. Nesta passagem, é evidente sua preocupação em fazer um laço com a língua, ao contrário do isolamento ocorrido com o aramaico. Peço para ele me dizer qual é a sua língua. Ele diz ser o latim-português. Então, pergunto como ele poderia lhe dar um contexto. Mário responde que indo para Inglaterra ou fazendo mestrado. Desta forma, ao viabilizar um contexto para o latim, destaquei o sintoma para ele e, com isto, tentei aumentar a consistência desta língua como hipótese de uma suplência. Segundo Eric Laurent, “visar o sintoma” é sublinhar, isolar os significantes de uma cadeia e dar-lhes todo o seu lugar (LAURENT, 2005b). A partir daí, Mário passa a abordar sua dificuldade em aprofundar-se no estudo do latim e

refere-se a um “traumatismo de aprender línguas”; paralelamente ao seu comentário, sente uma “dor” no braço esquerdo. O caminho a ser percorrido pelo latim passa a ser uma aposta do tratamento.

Mário faz um retorno ao latim, como se pudesse obter o sentido derradeiro das palavras, talvez como uma tentativa de reenviar a palavra à sua significação. Ao contrário de Joyce, que declara em sua obra literária a errância das palavras ao atacar o seu sentido comum, multiplicando os efeitos de sentido até levar ao seu desaparecimento, isto tudo sustentado por um modo de escrita muito próprio. Já o neurótico, por compartilhar o código da língua, possui para a palavra uma referência suposta. Desta forma, cada um inventa uma maneira de se haver com o furo irreduzível da linguagem⁶⁰ e, se possível, lhe fazer suplência.

Segundo J.-A. Miller (2003a), dentro da perspectiva da inexistência do Outro, “o sujeito está condicionado a se tornar inventor e é particularmente levado a instrumentalizar a linguagem” (p.13). Isto é diferente de pensar que o sujeito é simplesmente o efeito do significante, efeito de um Outro simbólico prévio; a perspectiva da inexistência do Outro nos permite deslocar a ênfase para o saber-fazer do sujeito diante do Outro (Ibid.), inclusive com o saber-fazer com *lalíngua* (LACAN, 1972-73). Mário não inventa uma língua, mas se utiliza de uma já existente como instrumento próprio. O latim é para ele talvez uma elucubração de saber sobre *lalíngua*: realiza com o latim – a sua “língua verdadeira” – uma fundamentação da língua portuguesa através de um trabalho sobre *lalíngua* e seus significantes enigmáticos. Dito de outro modo, toda esta operação lhe serve para embasar o português e conseguir daí uma extração ou redução de gozo contido em *lalíngua*.

Laurent (2003) propõe que as palavras possam servir de arrimo tanto para aqueles sujeitos submetidos ao regime do Nome-do-Pai quanto para aqueles “pressionados a fazer, com os recursos que encontram, uma bricolagem de um sistema de nomes garantidos por alguma coisa” (p.72). Mário, a partir de seus recursos, consegue destacar um significante dentre outros de *lalíngua* e faz com que o “sou romano” garanta uma unidade através de um nome que lhe serve de S_1 (LACAN, 1972-73, p.196).

Segundo Laurent, conferir-se um nome deve ser entendido no sentido amplo, mas isto não impede o valor a ser dado às tentativas mais modestas de fazê-lo.

⁶⁰ Tese de Lacan, desenvolvida por Miller, que sugere uma foraclusão generalizada própria à estrutura da linguagem, atingindo todos os seres falantes.

Trata-se de uma operação que incide sobre o conjunto do sistema linguageiro. Para Joyce, ela é concernente a toda língua inglesa; para outros, ela pode ser mais limitada sem que o sistema seja, por isso, menos concernido. (LAURENT, 2003, p.72)

A nomeação “romano” parece conseguir reordenar algo da própria relação de Mário com a linguagem, pois o latim está implicado diretamente nesta construção, ao permitir, como ele mesmo diz, uma “identidade linguística” com Roma.

No seu caso, é uma questão se consideramos o trabalho com a língua latina como uma elucubração de saber sobre *lalíngua*, ou se podemos dizer que há um saber-fazer com *lalíngua* visando o *sinthoma*, na medida em que ele isolou o nome “romano” a partir de um trabalho com a língua.

O corpo de Mário demonstrou ser o seu ponto vulnerável, o ponto de desenlace de seu arranjo sintomático. Segundo Lacan (1972-73, p.190), *lalíngua* exerce toda sorte de afetos que restam enigmáticos. Afetos que são efeitos sentidos, inclusive, ao nível do corpo. Se ela afeta o corpo, é possível que o trabalho contínuo de extração de gozo sobre *lalíngua* através do latim tenha tido alguma incidência no corpo de Mário.

O psicótico é geralmente propenso a encontrar recursos na língua. Segundo Brousse, a “referência à materialidade do significante especifica a psicanálise. Haveria, portanto, algo da ordem de uma identificação com o real de *lalíngua*, que, embora nada tenha a ver com o real biológico, é da ordem do real” (BROUSSE, 2008, p.28). Os usos são vários, destacamos alguns: Schreber inventa uma língua fundamental que, segundo Lacan, lhe ensina o código da língua, mesmo que através de terríveis alucinações:

As vozes que falam na língua fundamental e cujo traço característico é ensinar o código ao sujeito através dessa própria fala. As mensagens ele recebe na língua fundamental, feitas de palavras que, neológicas ou não, continuam a ser palavras, à sua maneira, consistem em ensinar ao sujeito o que elas são num novo código, aquele que lhe repete literalmente um novo mundo, um universo significante. (LACAN, 1957-58b, p.21)

Wolfson, “o estudante de línguas esquizofrênico”, tem alergia à língua materna, o inglês. Para defender-se, torna-se um exímio tradutor, transpondo “o mais rápido possível” o que ouve do inglês para outra língua ou para várias ao mesmo tempo. Outros inventam uma nova ortografia, uma outra escrita de uma mesma língua.

O encontro com a língua do Outro tem algo de prazeroso, mas também de invasivo e, até mesmo, insuportável. Uns se defendem através do discurso que forma o laço social, o que nos indica que a entrada na linguagem é concedida desde que se ceda algo do gozo de *lalíngua*. É preciso a cessão do gozo contido em *lalíngua* para haver alguma separação do sujeito ao Outro; entretanto, nem todo gozo é cedido. Àqueles que malogram minimamente na separação desse gozo, como é o caso do psicótico, ainda lhes é possível encontrar artifícios de circunscrição do gozo, como acreditamos ser a invenção de línguas.

Inventar um saber sobre a língua é abrir uma via para lidar com o impossível de significantizar todo o gozo presente nela. Geralmente, trata-se do Outro da língua materna, no que ela tem de gozo do Outro. De uma forma ou de outra, é uma maneira de se haver com aquilo que nos é imposto pela fala no encontro com o Outro, e que recebemos de forma enigmática.

Lacan (1975-76) diz, ao se referir ao desmantelamento da língua inglesa exercida na escrita joyceana em *Finnegans Wake*, que ela “acaba por impor à própria linguagem um tipo de quebra, de decomposição, que faz com que não haja mais identidade fonatória” (p.93). Joyce coloca a língua inglesa para dormir e, não à toa, faz referência à língua inglesa como a língua dos invasores. Apesar disso, encontra-se todo um rigor no uso que Joyce fará da língua. Lacan se refere a um ponto de suma importância no artifício de Joyce, que é a injeção de outras línguas em sua escrita – por vezes, várias línguas são injetadas numa mesma palavra – mas, acrescenta que esse aspecto translinguístico, até mesmo um aspecto de homofonia translinguística, como sinalizado a ele por Jacques Aubert, só ocorre porque tem seu “suporte apenas em uma letra que segue a ortografia da língua inglesa” (LACAN, 1975, p.162). Assim, nesse percurso translinguístico, a letra é preservada, ao manter a ortografia da língua inglesa, e serve de suporte para a expressão de outras línguas (MANDIL, 2003, p.259). Diante do encontro traumático com o inglês ou língua dos invasores, Joyce demonstra seu saber-fazer com *lalíngua*, utilizando-se de um método próprio de manusear as palavras como artifício de escrita para reduzir o excesso, o desmesurado do gozo contido na língua do Outro.

Segundo R. Mandil, a escrita de Joyce está para além das línguas e dos fonemas e busca estabilizar as relações do sujeito com a linguagem ao unir, de forma original, as relações de significação. Haveria aí um caráter de defesa contra a “dimensão enlouquecedora da palavra, para quem não se viu dela apaziguado pela função do Nome-

do-Pai” (2003, p.260-261). Em uma determinada carta, Joyce confessa os limites em que esbarrava com a língua inglesa durante a escrita de sua última obra:

Eu gostaria de uma língua que estivesse acima de todas as línguas, uma língua diante da qual todas se colocariam a serviço. Não posso me expressar em inglês sem me ver enclausurado em uma tradição. (JOYCE *apud* MANDIL 2003, p.259)

Qual a função de relacionar uma língua com outra? E o que teria em comum na procura de Mário por uma língua mais antiga – uma língua verdadeira, como ele mesmo chama – com o alemão arcaico de Schreber, a sua língua fundamental, e a procura de Joyce por “uma língua que estivesse acima de todas as línguas”? Talvez a procura de um lugar na cadeia geracional que não seria encontrado na língua materna, mas seria dado por uma outra língua mais antiga, e por ela se relacionar com uma ancestralidade originária; Ou, talvez, pelo psicótico ter a clareza de que a língua é feita de fragmentos, pedaços que vêm um pouco de cada lugar – como podemos ver no artifício joyceano de escrita, em que uma palavra pode ser injetada por outras línguas, como um mosaico, apesar de manter a identidade fonatória com a língua materna. Miller (2010b) considera que Joyce traumatizou a universidade por ter sabido elaborar seu “trauma recebido da relação com a língua” (p.41).

Deixemos essa pergunta como uma questão. Vimos com Mário que a relação da língua portuguesa com uma língua mais antiga traça um caminho para os significantes enigmáticos de *lalíngua* a partir de uma circunscrição do gozo. Mário encontra novos usos na própria língua; o português, para ele, é, de alguma forma, insuportável e é o latim que vem neutralizá-lo, através de um trabalho simbólico no campo da linguagem.

Segundo Borie, a forclusão do significante Nome-do-Pai faz aparecer a vertente real da língua,

ao passo que a função do Nome-do-Pai e do seu correlato imaginário, o falo, é fazer funcionar a significação como senso comum. [...]. Assim, para Lacan, os psicóticos testemunham com seus sintomas o excesso de real incluído na língua, mas são também nossos mestres na maneira de lidar com essa dimensão realista da experiência do sujeito falante. (BORIE, 2006, p.215)

5.4. NOMEAÇÃO COMO FURO

Se quisermos circunscrever o papel da nomeação na construção do *sinthoma* e das suplências, é preciso levar em conta a noção de nomeação como furo. Com a ajuda da topologia dos nós, podemos avaliar a possibilidade de se fazer um nome e, conseqüentemente, um corpo, sem que estes sejam atribuídos pelo Outro.

Lacan (1974-75), em seu seminário *RSI*, articula sua elaboração dos nós borromeanos com a lição única do seminário *Nomes-do-Pai*:

Aí não se pode dizer que os judeus não foram legais, eles explicaram bem que era o Pai, o pai que eles enfiam em um ponto de furo que nem se pode imaginar; eu sou o que sou, isso é, um furo. [...] Quando digo o Nome do Pai, isso quer dizer que pode haver aí, como nó borromeano, um número indefinido. **É esse o ponto vivo. É que esses números indefinidos, estando atados, tudo repousa sobre um, enquanto furo**, ele comunica sua consistência a todos os outros, donde o fato que, vocês compreendem, o ano em que quis falar dos Nomes do Pai, eu teria falado de um pouco mais que dois ou três [...]. (LACAN, lição de 15/04/75, grifo nosso)

O nome enquanto furo serve como ponto de amarração do nó, que comunica a sua consistência a todos os outros registros.

É importante assinalar que a operação de nomeação está estreitamente vinculada à noção de furo, como vimos brevemente, pois ela opera sobre os efeitos de furo no sentido: “a nomeação é a única coisa de que estejamos certos fazer furo” (LACAN, lição de 15/04/75).

J.-A. Miller (2003b) diferencia o conceito de furo do conceito de falta, e relaciona o furo com a argola de barbante presente nos últimos seminários de Lacan: “a consistência do barbante só toma seu valor em relação ao furo que, se não o nomearmos, permanece invisível” (p.12). Essa orientação faz aparecer um novo estatuto para o simbólico, que é concebido a partir do furo, e não mais pelo traço diferencial do significante.

Os três círculos do nó borromeano são, como círculos, todos três equivalentes, constituídos de alguma coisa que se repete nos três. Isso não pode deixar de ser considerado.

Entretanto, não é por acaso, mas como resultado de uma concentração que seja no imaginário que eu coloque o suporte do que é a consistência, assim como faço do furo o essencial do que diz respeito ao simbólico e o real sustentando especialmente o que chamo de a existência. (LACAN, 1975-76, p.49)

O simbólico, o imaginário e o real, por nomearem os elos do nó, são considerados como os primeiros nomes. Se os três registros estão borromeamente enodados, o imaginário e o simbólico produzem uma resistência ao real, limitando-o. O real, ao ex-sistir aos outros dois registros, se move na colisão quando encontra essa limitação dos dois outros registros. Nesse sentido, o real só tem ex-sistência “ao encontrar pelo simbólico e pelo imaginário, a retenção” (LACAN, 1975-76, p.49). Consideramos essa formulação de alto valor para se pensar topologicamente aspectos clínicos.

A utilização do nó borromeano viabiliza mostrar uma amarração que não necessita de um furo central ou um organizador prévio – qualidades que, geralmente, atribuímos ao Nome-do-Pai, como aquele que estabelece um ponto de fuga no infinito. No nó borromeano, o furo se dará a partir do enlace da trança e o nome será um produto novo, extraído do modo de gozo próprio ao sujeito. Segundo Regnault (1997), o nó é “um furo e uma modulação em torno deste furo”. O nome próprio também é um furo, e “como a coisa não tem nome, dá-se um nome à ausência da coisa” (p.88).

Podemos ver outra função da nomeação quando nela pode operar um furo na dimensão do sentido e, por isso, servir de arrimo. Instaura-se um paradoxo: a nomeação faz furo no sentido e ela mesma cobriria como semblante o furo estrutural da linguagem. É isso que nos diz Laurent (2003a): A “operação do furo no sentido que a nomeação abre é certamente encontrada no fim, no ponto de arrimo que permite tapar o furo da fuga de sentido pela operação do nome próprio” (p.72). Trata-se de uma operação topológica. É assim que Laurent traz o paradoxo formulado por J.-A. Miller: “tapar com um furo” (Ibidem).

Miller (2010b) oferece o exemplo da poesia e considera uma astúcia do homem poder tamponar com algo que é ao mesmo tempo efeito de sentido e furo:

A ideia de tamponar alguma coisa com um furo nada tem de inconcebível. Isso remete ao fato de a poesia multiplicar as ressonâncias de uma palavra, esvaziando-a, ao mesmo tempo, de um sentido claro e unívoco. Ela explora as reservas metonímicas da língua. (p.40)

Por último, interrogamos o que conteria nos cartuchos de hieróglifos egípcios decifrados pelo criptografista Champollion, sobre os quais Lacan (1985) chama a atenção para o valor de assinatura (*Signatura*), em que haveria algo para ser lido, e diante do qual, frequentemente, não nos damos conta. Por causa do desaparecimento da língua egípcia havia a necessidade dos cartuchos serem decifrados. Tratava-se de inscrições em pedra formando uma série de sinais que eram envolvidos de forma oval ou retangular. Nesse momento, em sua *Conferência em Genebra*, Lacan (Idem) ao discutir o fenômeno psicossomático, considera o corpo como um cartucho, cujo invólucro revela o que ele chama de nome próprio – provavelmente em alusão à decifração de Champollion exposta no Seminário da *Identificação* (lição de 20/12/61), quando este decifra os nomes de Cleópatra e Ptolomeu nos cartuchos de hieróglifos.

Em outro momento, Lacan (1968-69) define o ser falante como o único ser que “substitui seu vestígio por sua assinatura” (p.34). Lacan (1985) estaria ali sugerindo um valor de assinatura ao nome próprio?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] no final de análise, os nomes nunca designarão a Coisa, será sempre necessário encontrar outros nomes, reinterpretar sem cessar esse real do sintoma. No final da análise nos encontramos numa situação que é justamente a parede que encontrou o projeto de Gertrude Stein. ... De sua obra em geral só conhecemos seu aforismo 'rose is a rose is a rose is a rose'. Ela escreveu em sua correspondência de 1936: 'sei que na vida cotidiana as pessoas não andam por aí dizendo is a... is a... is a... com relação a todos os nomes, mas creio que graças ao meu verso a rosa é vermelha na poesia inglesa pela primeira vez desde um século'. A tentativa de cada um de nós no final de análise é de fazer com que, na ilimitação dos nomes, nestas enumerações, às quais estamos entregues, possamos fazer com que o sintoma de cada um seja vermelho na poesia de sua língua pela primeira vez em um século.

Éric Laurent

Percorremos diferentes formas de nomeação - Nome-do-Pai, nome próprio, cifra de gozo, nome de gozo, nomes-do-pai, nome de sintoma -, tudo isso através de um conceito não muito assimilado na teoria psicanalítica, o que nos leva a algumas imprecisões. Por um bom tempo ficamos presos aos seus paradoxos, justamente por acreditar que se tratavam de contradições a serem dissolvidas e não de paradoxos férteis e que devem permanecer como tais. As definições de um termo ao outro são imprecisas, mas acreditamos que nos foi possível delinear algumas precisões. Notamos que um dos paradoxos trazidos pelo nome é que ele não significa, mesmo podendo significar algo. Um exemplo é o que ocorre com o nome "Oliveira": o que prevalece aqui não é seu significado, mas seu estatuto de nome próprio, no qual o sentido é suprimido. Ou seja, o que importa no nome é sua ligação com a marca e intraduzibilidade e, sobretudo, com a designação direta do significante com o objeto, como nos ensina Lacan em seu nono seminário.

Ao longo da tese, sobretudo, no quarto capítulo, o nome próprio foi usado tanto para aquele termo ligado ao conceito de identificação, quanto para o sintoma com estatuto de nome próprio, o que pode ter gerado confusão na leitura. No entanto, podemos discernir, de certo modo, um uso para cada caso do nome próprio, ao considerar que o significante que vem do Outro, sob a forma de insígnia que fixa o ideal não nos serve para falarmos do que é essencial na operação de nomeação. O caráter de isolamento do nome e sua tendência para fixar o gozo do falasser, nos parece o essencial. O mais essencial talvez seja a possibilidade de verificar como esse nome pode ligar o sujeito ao Outro, de uma forma inédita e que diz respeito ao seu modo de gozo próprio. Do Outro não esperamos mais a atribuição do nome, mas isso não significa que a alteridade tenha se perdido. Mesmo que se abstenha do nome atribuído pelo pai, é preciso que dele se possa continuar se servindo, como aponta Lacan ao final de seu ensino.

O caminho das desidentificações ao longo da análise, conforme abordado no quarto capítulo, não pode ser tomado como uma regra para todo caso, pois sabemos que alguns carecem justamente de uma identificação, como é o caso de alguns casos de nossa contemporaneidade, cujos referentes estão em pleno abalo - o que compromete o seus processos identificatórios. Por outro lado, alguns casos, justamente por não terem conseguido uma identificação, podem se fixar em nomes de formas rígidas e sem espaço para o vazio ou invenção.

Uma outra observação acerca da identificação é que não podemos separar inteiramente seu processo daquele da nomeação, um e outro estão de algum modo entremeados. O que não impede de considerarmos que haja um passo a mais quando se vislumbra o ato de nomeação tanto ao longo da análise, quanto ao seu fim. Segundo Laurent (2012), haveria alguns **pontos de inflexão** dos significantes mestres ligados à identificação e da nomeação no percurso de uma análise, o que poderia nos fazer pensar em um deslocamento de um para o outro através de um “reviramento” e, com o qual, se desvelaria algo do objeto *a*, ou seja, algo da posição objetual do analisante. Uma outra observação necessária é que discriminamos com o intuito mais didático, do que clínico, a nomeação que ocorre na construção da fantasia daquela de fim de análise. Convencionamos que a ligada a fantasia seria chamada de “nome de gozo” e a do fim de análise seria chamada de “nome de sintoma”. O que, ao nosso ver, não é de todo certo e nem de todo errado, pois há sobreposições de um termo ao outro, mas também há diferenças lógicas de um momento ao outro da análise.

No Seminário da *Identificação*, Lacan (1961-62) começa a falar de traço unário, mas sente a necessidade de materializá-lo em algo, é aí que, segundo nossa perspectiva, o nome próprio entra, pois ele se apresenta para Lacan como a materialidade do traço unário. É importante lembrar que o traço unário se liga à contagem e à repetição e se funda, sobretudo, no suporte identificatório ao campo do Outro e do Ideal do eu. Deste modo, o Um, que é do campo do uniano - e que Lacan introduz no Seminário XIX, *Ou pior...* - diverge daquele: “o traço unário nada tem a ver com o Há-um” (LACAN, 1971-72, p.160). O Um não teria, por sua vez, o suporte identificatório no Outro e se faria a partir do vazio.

Com Saul Kripke, o nome passa a ter como referente o real e ajuda Lacan a considerar um nome que se reduz a ele mesmo. Formulação essencial para pensar a psicose e as nomeações ao longo e ao final da análise. Lacan faz uso das formulações de Kripke para assinalar que nomear é algo distinto da comunicação, pois, nessa perspectiva, dar um nome se ata a algo de real. É possível, assim, dizer com Miller (2011a), que na nomeação, a “palavra parece amarrar diretamente a coisa sem passar pelo significado” (p.11).

Dois aspectos nos parecem merecedores de destaque: como em vários pontos de nossa elaboração nos deparamos com o **impossível** – um dos nomes do real; e como também em vários pontos situamos a direção ou necessidade do que aqui chamamos de **redução**.

Primeiramente, o que escapa ao poder de simbolização do pai aponta para o impossível. Os restos dessa operação, terão então o lugar de um alto valor clínico. É nesse ponto de impossível que a nomeação ligada ao gozo e não referido ao Ideal vindo do Pai, conforme tentamos demonstrar aqui, tem seu lugar e fecundidade.

Em segundo, temos a impossibilidade do psicótico se fazer representar pelo significante. É nesse impossível que ele nos demonstra um número surpreendente de invenções de nome para se manter estável e ter minimamente um lugar frente ao Outro. Vimos a busca do psicótico por um nome que o ligue a uma outra nacionalidade. Consideramos tratar-se, aqui, de um empuxo ao lugar de estrangeiro - o que condiz com sua posição de certa exterioridade em sua relação com a linguagem. Vimos também a possibilidade de se construir uma nomeação imaginária, como no caso de Arielle, que apropria-se de seu sobrenome “Jouvence” de modo original a partir de referências imaginárias - o que a impede, segundo Jean-Claude Maleval, do desencadeamento de sua psicose. Com o nosso fragmento clínico, aprendemos como Mário consegue

construir um nome perpassado pela língua latina, pois é através dela que ele se atribui uma “identidade linguística” com Roma e pode vir a se nomear “romano”. Joyce, por sua vez, nos demonstra de forma excepcional como seu nome é forjado e tratado a partir de um trabalho de escrita e da publicação de sua obra. Demonstra também, como seu corpo é afetado por esse arranjo. Com Joyce, vemos, portanto, como o nome, a obra e o corpo podem ser articulados no caminho de uma estabilização.

A língua que vem do Outro, com seus resíduos de lalingua, traumatizam os seres falantes. Mas vimos como esse traumatismo pode ser fértil. O impossível de extrair o gozo que vem da língua do Outro e que marca nossos corpos, possibilita o saber-fazer com *lalingua* e oferece espaço para se inventar novas línguas ou fazer novos usos das antigas. Alguns, porém, não conseguem ultrapassar esse traumatismo e ficam presos, submersos no gozo, e nada conseguem fazer com lalingua.

Voltemos agora à redução: O pai espesso de Totem e Tabu é reduzido ao significante por Lacan. A mesma redução vimos quando Lacan fala dos ideogramas, pois neles a imagem tem uma espécie de redução para que eles possam cumprir sua função. Podemos considerá-la também como uma possível direção, entre outras, no caso específico da paranoia: a redução da fragmentação dos significantes mestres a um nome. E mais claramente, essa redução está presente no tratamento da neurose. Vimos como é preciso uma redução dos significantes, identificações, nomes de gozo, sintoma ao longo da análise, para que a fantasia possa ser atravessada e que tenhamos uma certa distância do que nos fixa nela. A redução se materializa, então, na possibilidade de um nome de *sinthoma*.

Sem saber, vindo como surpresa, a categoria do impossível e a via da redução tornaram-se clandestinamente fios condutores do nosso trabalho.

O sintoma elevado à categoria de nome próprio nos remete a uma apropriação de nosso modo de gozo. Em outras palavras, podemos dizer, com Lacan (1975), que o *sinthoma* considerado como um quarto elo que enoda os três registros – imaginário, simbólico e real - é o nome próprio do sujeito. Sendo que este pode conter, ou não, a sua assinatura, pois isso dependerá do alcance da solução encontrada. A solução em questão pode vir a ser mais modesta – o que não perde em valor - ou tratar-se de uma solução mais sofisticada, como consideramos que foi a de Joyce. A função de bastamento atribuída à nomeação não basta para explicar a nomeação como furo ou a nomeação com valor de assinatura. Para isso, é necessário que consideremos a função de localização de

gozo da nomeação, pois só a partir dessa função que é possível circunscrever algo de nosso gozo ou de nosso estilo.

Sustentamos algo específico acerca do nome próprio: a possibilidade dele ligar o sujeito ao Outro sem que seja pela atribuição do Outro - como vemos na identificação e no esquema da alienação e separação. Na operação da nomeação, pelo contrário, é possível que sujeitos desinseridos ou segregados, por exemplo, possam se ligar ao Outro a partir do irreduzível de um modo de gozo, com seus objetos *a*, forjados com o resto deles mesmos através de um nome.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOUCH, J. **Letra a letra**: transcrever, traduzir, transliterar. Rio de Janeiro: Campo Matêmico / Companhia de Freud, 1995.

BADIOU, A. Um, dois, três, quatro, e também zero. In: _____. **Para uma nova teoria do sujeito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994a, p. 95-105.

_____. Verdade e sujeito. In: _____. **Para uma nova teoria do sujeito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994b, p. 43-51.

_____. **O ser e o evento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

BASTOS, A. O sinthoma: uma questão de escrita. **Ágora**, v. 11, n. 2, . Rio de Janeiro, dez. 2008, p. 354-356 Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 ago. 2014.

BASTOS, A.; FREIRE, A. B. Sobre o conceito de *alíngua*: elementos para a psicanálise aplicada ao autismo e às psicoses. In: BASTOS, A. **Psicanalisar hoje**. (Org.). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

BASTOS, A.; MOLLICA, M. O sentido da interpretação. 2015. Inédito.

BASZ, S. Nomeação. In: **Silicet dos Nomes-do-Pai**. AMP, 2006.

BRODSKY, G. Los nombres del padre en la última enseñanza de Lacan. In: MILLER, J.-A. et al. **Incidências de la última enseñanza de Lacan en la prática analítica**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2006.

BROUSSE, M. H. **O inconsciente é a política**. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2003.

_____. Conferências de Marie-Hélène Brousse. **Arquivos da Biblioteca**, nº 5. Rio de Janeiro: Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise, 2008, p. 15-93.

_____. A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana do discurso. **Latusa digital**, ano 6, nº 38, set. de 2009.

CARUZ, G. Trois noms dans le ‘Seminaire inexistant’. **Mental**, Revue Internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée, nº18: Psychanalyse et ordre public. Paris: oct. 2006.

CLÉRAMBAULT, G. G. de. (1924). **Œuvres psychiatriques**. Paris: PUF, 1942.

COLLIER DO RÊGO BARROS, M. R. Interpretar o inconsciente hoje. **Latusa Digital**, n. 22, ano 2, junho de 2006.

DEFOE, D. **As aventuras de Robinson Crusóe**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DI CIACCIA, A. Le Nom-du-Père: un trou. **Lettre Mensuelle**, n° 247. Paris: ECF, 2006, p. 14-16.

FAJNWAKS, F. Famílias sintomáticas. **Opção lacaniana on line (nova série)**, ano 4, n° 10, março de 2013.

FREDERICO, C. **A psicose não desencadeada**: um programa de investigação clínica. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, IP/UFRJ, 2008.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1987.

_____. (1900-1901) A interpretação de sonhos, parte II, vol. V

_____. (1901) A psicopatologia da vida cotidiana, vol. VI.

_____. (1904 [1903]) O método psicanalítico de Freud, vol. VII.

_____. (1909) Notas sobre um caso de neurose obsessiva, vol. X.

_____. (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, vol. XII.

_____. (1912-13) Totem e tabu, vol. XIII.

_____. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução, vol. XIV.

_____. (1915) O Inconsciente, vol. XIV.

_____. (1919) O estranho, vol. XVII.

_____. (1955 [1920]) Sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra, vol. XVII.

_____. (1921) Psicologia de grupo e análise do eu, vol. XVIII.

_____. (1923) O ego e o id, vol. XIX.

_____. (1924) Perda da realidade na neurose e na psicose, vol. XIX.

HANNA, M. S. G. F. **A transferência na psicose**: uma questão. Rio de Janeiro, 2000. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, IP/UFRJ, 2000.

HARAZIM, D. Restos de uma guerra [O mutilado]. **Revista Piauí**, n. 15, dez de 2007. http://www.revistapiaui.com.br/edicao_15/artigo_435/O_mutilado.aspx. Acesso em: jan. 2012.

IANNINI, G. Não há formalização sem restos: Frege com Lacan. **Revista Estudos Lacanianos**. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 3-15.

JIMENEZ, S. Percurso do seminário “O Ser e o *Um*”, de J.-A. Miller. **Revista Correio**, nº 70. EBP: 2012.

JOYCE, J. **Um retrato do artista quando jovem**. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

KRIPKE, S. **La logique des noms propres** (Naming and Necessity). Paris: Les Editions de Minuit, 1982.

LACADÉE, P. O uso do Nome-do-Pai: a ferramenta do pai e a prática analítica. *Revista Curinga*, n. 23: Invenções paternas. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, M.G., nov. de 2006, p. 55-70.

LACAN, J. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1953) O simbólico, o imaginário e o real. In: _____. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. (1953) Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1953-54) **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

_____. (1954) Resposta ao comentário de Jean Hippolyte sobre a *Verneinung* de Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1955-56) **O Seminário, livro 3**: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1957-58a) De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1957-58b) **O Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. (1958) A significação do falo. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- _____. (1960a) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1960b) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1961-62) **O Seminário, livro 9**: a identificação. Inédito.
- _____. (1962-63) **O Seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. (1963) Introdução aos Nomes-do-Pai. In: **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. (1964) **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1964-65) **O Seminário, livro 12**: problemas cruciais para a psicanálise. Inédito.
- _____. (1966) Apresentação das Memórias de um doente dos nervos. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1968-1969) **O Seminário, livro 16**: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. (1969-70) **O Seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- _____. (1971-72) **O Seminário, livro 19**: ...ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.
- _____. (1972-73) **O Seminário, livro 20**: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- _____. (1974) A Terceira. **Opção lacaniana**, nº 62. São Paulo: Eólia, dez. 2011.
- _____. (1973-74) **Le séminaire, livre 21**: les non-dupes errent. Inédit.
- _____. (1974-75) **O Seminário, livro 22**: R.S.I. Inédito.
- _____. (1975) Joyce, o sintoma (conferência). In: _____. **O Seminário, livro 23**: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- _____. (1975-76) **O Seminário, livro 23**: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- _____. Conférence à Genève sur le symptôme. **Le Bloc-Notes de la psychanalyse**, nº5, 1985.

LAIA, S. Declinações do pai em Lacan. **Latusa**, nº 11. Rio de Janeiro: EBP Rio, 2006.

LAURENT, E. Trois énigmes: le sens, la signification, la jouissance. **La Cause Freudienne**, nº 23. Paris : ECF, 1993.

_____. El ‘nombre de goce’ y la repetición. **Síntoma y nominación**. Buenos Aires : Colección Diva, 2002.

_____. Sintoma e nome próprio. **Opção lacaniana**, nº 38. São Paulo: Eólia, dez. 2003a.

_____. Os nomes do sujeito. In: Wartel, R. (et al.). **Psicossomática e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003b.

_____. El revés del trauma. In: site da XV Jornada da EBP- Rio: A Política do medo e o dizer do psicanalista (e-textos), 2004. Acesso em: dez. 2007.

_____. Nome-do-Pai entre realismo e nominalismo. **Opção lacaniana**, nº 44. São Paulo: Eólia, 2005a.

_____. Interpretar a psicose no quotidiano. **Mental, Revue Internationale de Santé Mentale et Psycanalyse Appliquée**, nº 16, 2005b. Versão traduzida por Elsa Santos Neves (inédito).

_____. **Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana**. Belo Horizonte: Scriptum, 2011.

_____. L'impossible nomination, ses semblants, son sinthome. In: **Les Noms et la Nomination. L'Horizon des Confluents**. Paris: (Une publication conjointe de) l'Envers de Paris et de l'Association de la Cause Freudienne Ile-de-France (Hors-série), 2012.

MALEVAL, J. C. Elements pour une Apprehension Clinique de la Psychose Ordinaire. **Séminaire de la Découverte Freudienne**. Rennes: Université de Rennes 2, 18-19 janvier, 2003. Inédito.

_____. **La forclusión del Nombre del Padre: el concepto y su clínica**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

_____. **Logique du délire**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes (Nouvelle édition revue et augmentée), 2011.

MALIK, K. A search for identity draws jihadis to the horrors of Isis. **The Guardian**. Londres, 1º de março, 2015. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2015/mar/01/what-draws-jihadis-to-isis-identity-alienation>. Acesso em: abr. 2015.

MANDIL, R. **Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce**. Rio de Janeiro: Contra Capa; Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. El psicoanálisis y los modos contemporáneos de la identificación. In: **Patologias de la identificación em los lazos familiares y sociales**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2007.

MILLER, J.-A. Esquizofrenia y paranoia. In: _____. **Psicosis y psicoanálisis**. Buenos Aires: Manantial, 1985.

_____. Comentario del seminario inexistente. In: MILLER, J.-A. et al., **Comentário del seminario inexistente**. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1992.

_____. Curso de Orientação Lacaniana *O Outro que não existe e seus comitês de ética*. 1996-97.

_____. **Lacan elucidado: palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

_____. **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidós, 1998.

_____. A invenção psicótica. **Opção lacaniana**, n° 36. São Paulo: Eólia, 2003a.

_____. O último ensino de Lacan. **Opção lacaniana**, n° 35. São Paulo: Eólia, 2003b.

_____. Duas dimensões clínicas: Sintoma e fantasia. **Percorso de Lacan – Uma introdução**. Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, 2003c.

_____. Peças Avulsas. **Opção Lacaniana**, n° 44. São Paulo: Eólia, 2005.

_____. Peças Avulsas. **Opção Lacaniana**, n° 45. São Paulo: Eólia, 2006.

_____. **Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

_____. **Extimidad**. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 2010.

_____. Lacan com Joyce. **Correio**. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 65, 2010b.

_____. Vers Pipol V. **Quarto**, Revue de psychanalyse, n° 98. Bruxelles, ECF-ACF, Belgique, janvier 2011a.

_____. **O ser e o Um**. Orientação lacaniana III. Transcrição do curso de 2011b. Material de circulação interna EBP-Seção Rio (Inédito).

MILNER, J.-C. **Os nomes indistintos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

MUÑOZ, N.M. **Inventar o amor**: um desafio na clínica das psicoses. Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, IP/UFRJ, 2005.

NAVEAU, P. Le fantasme et la fin de l'analyse. **Abords**, Bulletin de la Cause Freudienne Aix-Marseille, n° 2, jul. 1995.

_____. Joyce et les Noms. In: **Les Noms et la Nomination. L'Horizon des Confluents**. Paris: (Une publication conjointe de) L'Envers de Paris et l'Association de la Cause Freudienne Ile-de-France, 2012.

REGNAULT, F. O Nome-do-Pai. **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: JZE, 1997.

REGO, C. M. **Traço, letra e escrita**: Freud, Derrida, Lacan. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

ROSA, M. Lacan com Kripke: O real em jogo no nome próprio lido como um designador rígido. **Revista Ágora**, v. 18, n. 1. Rio de Janeiro, p.115-130, jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982015000100115&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: abr. 2015.

SALMAN, S. Ânimo de amar. **Opção lacaniana**, nº 58. São Paulo: Eólia, out. 2010.

_____. Los nombres posibles de mi locura. **Revista Lacaniana de Psicoanálisis**, EOL. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2011a.

_____. El misterio del cuerpo que habla. **Latusa**. Rio de Janeiro: EBP - Seção Rio, nº16, 2011b.

_____. **Un inconsciente analizado**: Cuando el síntoma ya no se encuentra animado por el fantasma. Inédito.

SANTIAGO, J. A Querela atual do sintoma : o realismo lógico da psicanálise em face do nominalismo contemporâneo. **Revista Curinga**, n. 24. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas, jun. 2007.

SAUVAGNAT, F. Histoire des phénomènes élémentaires. **Ornicar ?**, nº44. Paris: Revue du Champ Freudien, 1988.

SCHREBER, D.P. **Memórias de um doente dos nervos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

SKRIABINE, P. La clinique différentielle du sinthome. **Quarto**, Revue de psychanalyse, nº 86. Bruxelles, ECF-ACF, Belgique, avril 2006.

_____. A psicose ordinária do ponto de vista borromeano. **Latusa digital**, ano 6, nº 38, set. 2009.

SOLANO-SUÁREZ, E. A formalização do Édipo freudiano. **Arquivos da Biblioteca**. Publicação da Seção Rio da EBP, nº 4, dez 2006a.

_____. Do Nome Uno aos Nomes múltiplos: o mais além do mito do pai. **Arquivos da Biblioteca**. Publicação da Seção Rio da EBP, nº 4, dez 2006b.

SOLER, C. **Os nomes da identidade**. Conferência pronunciada em Rennes. Tradução: Vera Pollo. 31 de março de 2007a. Disponível em: <http://www.uva.br/trivium/edicao1/conferencia/os-nomes-da-identidade.pdf>. Acesso em: mai. 2015.

_____. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.

STAVY, J. C. Apostar no sintoma. In: FREIRE, A. B. (Org.) *Apostar no sintoma*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

STEVENS, A. Points d'ancrage sans le père. **Les feuillets du Courtil**: Points d'Ancrage: la creation des repères subjectifs en institution, nº18/19. Lille: Champ Freudien en Belgique, 4ème journées du RI3, abril 2000.

_____. Deux destins pour le sujet: identification dans la nevrose et pétrification dans la psychose. **Les feuillets du Courtil**, nº2. Lille: Champ Freudien en Belgique, maio de 1990.

VIDAL, P. **Declinando o declínio do Pai**. Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, IP/UFRJ, 2005.

VIEIRA, M. A. Cogitações sobre o furo. **Revista Ágora**: Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, vol. II, n. 2. UFRJ, Rio de Janeiro, julho-dezembro, 1999.

_____. **Seminário Caso de Polícia**. Seminário proferido no Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro. EBP-Rio. Aula de 27 de maio de 2004. Inédito.

_____. **Seminário Noiato**. Unidade de Pesquisa Práticas da letra. ICP-RJ, EBP-Rio. Registro em ata. Aula de 22 de março de 2007. Inédito.

_____. O trauma subjetivo. **Psico**, v. 39, PUC-RS, 2008.

_____. **Seminário Lições do Passe**. Seminário proferido na Escola Brasileira de Psicanálise - Rio. Notas pessoais, 2014. Inédito.

ZENONI, A. Du nom au sinthome. **Quarto**: Revue de psychanalyse, nº 98, Bruxelles, ECF-ACF, Belgique, jan. 2011.